



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDESCIPLINAR EM CIÊNCIAS  
HUMANAS NÍVEL MESTRADO

Calina Ramos de Brito Souto

**MEMÓRIA HISTÓRICA, VISUAL E PAISAGÍSTICA DO BAIRRO EDUCANDOS  
(MANAUS/AM).**

MANAUS – AM

2022

Calina Ramos de Brito Souto

**MEMÓRIA HISTÓRICA, VISUAL E PAISAGÍSTICA DO BAIRRO EDUCANDOS  
(MANAUS/AM).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito final para a obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Tatiana de Lima Pedrosa Santos.

MANAUS – AM

2022

Catálogo na fonte

Bibliotecária responsável: Sásghala Maciel CRB1 1/673-AM

S726m Souto, Calina Ramos de Brito

Memória Histórica, Visual e Paisagística do Bairro Educandos (Manaus/AM) / Calina Ramos de Brito Souto; orientadora Tatiana de Lima Pedrosa Santos. - - Manaus, AM: [s.n.], 2022.

163fls.; fig. col.: Publicação digital (.pdf)

Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas-PPGICH). Universidade do Estado do Amazonas. Escola Superior de Artes e Turismo, 2022.

Inclui referências, anexos e apêndices.

Publicação digital disponível em: <https://pos.uea.edu.br/cienciashumanas/>

1. Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH 2. Memória - História 3. Paisagem - Silenciamento 4. Educandos (bairro) I. Santos, Tatiana de Lima Pedrosa II. Memória Histórica, Visual e Paisagística do Bairro Educandos (Manaus/AM).

CDU1997 – 82-94(811.3)

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS** – [www.uea.edu.br](http://www.uea.edu.br)

Biblioteca Setorial de Artes e Turismo

Av. Leonardo Malcher, 1728 – Ed. Professor Samuel Benchimol

Centro – CEP 69010-170 – Manaus-AM.

Calina Ramos de Brito Souto

**MEMÓRIA HISTÓRICA, VISUAL E PAISAGÍSTICA DO BAIRRO EDUCANDOS  
(MANAUS/AM).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito final para a obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Tatiana de Lima Pedrosa Santos.

Aprovado em 09 de Março de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora-Presidente Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Tatiana de Lima Pedrosa Santos - PPGICH-UEA/SEC-AM

---

Prof. Dr. Leandro Eustáquio Gomes – PPGAS/UFAM /AM

---

Prof. Dr. Geraldo Jorge Tupinambá do Valle – PPGICH-UEA/AM



## AGRADECIMENTOS

Uma pós-graduação é um desafio enorme, algo que exige muito esforço. Mas assim que precisa ser, afinal, é preciso muita dedicação para se realizar uma pesquisa séria e coerente com os objetivos que propõe. Muitos obstáculos surgiram, um deles o fato de iniciar e finalizar a pesquisa durante uma pandemia, a covid-19 nos colocou em situações que nunca imaginaríamos passar. Escrever uma dissertação em meio ao caos foi o mais desafiador. Porém, por mais solitário que esses dois anos possam ter sido, existem pessoas que fazem tudo ficar mais fácil.

Primeiramente, agradeço a Deus por ser minha força, por nunca me abandonar e ser meu guia durante esses dois anos. Também a Nossa Senhora, que me cobriu com seu manto sagrado e me trouxe a calma necessária.

Agradeço ao meu marido Gibson, que foi meu apoio, que esteve comigo em cada segundo de dificuldade, que fez tudo para que eu pudesse concluir meu sonho de ser Mestre. Que me ergue sempre que caio.

Ao meu pai, José Carlos, que sempre me incentivou a estudar e me dedicar a tudo que me proponho, meu exemplo de honra, coragem e serenidade diante as adversidades.

À minha mãe, Maria das Neves, âncora da minha vida, de onde eu tiro minha força e minha fé; que, mesmo longe, se fez presente e diariamente rezou a Deus por mim. Meu exemplo de perseverança, que sempre me ensinou a ser forte e a não desistir.

À minha irmã e melhor amiga, Monalysa, por todo apoio durante minha caminhada acadêmica e na vida, que contribuiu muito para que eu pudesse alcançar meus objetivos. Agradeço a toda minha família que sempre torceu por mim.

Agradeço aos meus amigos, em especial, Ana Paula, Pollyana, Guilherme, Meyre e Oreste, pessoas escolhidas por Deus, que me ajudaram, torceram e comemoraram comigo as minhas vitórias, como também acolheram as minhas angústias.

À minha orientadora, Profa. Dra. Tatiana de Lima Pedrosa Santos, por fazer mais do que orientar na minha pesquisa, por ter sido em vários momentos minha amiga e principal motivadora. Por acreditar em mim, e estar comigo em todos os momentos da dissertação.

Ao Prof. Dr. Geraldo Tupinambá Valle, que também foi um grande incentivador e que sempre contribuiu com seus conhecimentos para a dissertação.

Também gostaria de agradecer aos demais professores do PPGICH/UEA, e aos integrantes da coordenação do programa.

Finalizo meus agradecimentos, exaltando a todos os moradores do Educandos que dedicaram seu tempo e compartilharam suas memórias, ponto primordial para a conclusão desta pesquisa. Ao Gil Eanes que, além de me conceder entrevista, gentilmente me acompanhou durante a visita à Orla do Educandos e me colocou em contato com outros moradores e outras histórias de luta. Ao padre Alfredo, por ter auxiliado na pesquisa e posto em contato com os entrevistados.

Cada um faz parte dessa conquista, Gratidão!

## RESUMO

Esta pesquisa se dedica em demonstrar a relação entre Memória, História e Paisagem sobre o espaço urbano que compreende o bairro Educandos, Manaus/AM. Dissertar como esses elementos podem se concretizar nas paisagens que compreendem o bairro, utilizando de levantamento iconográfico como parte da análise dessas paisagens. A ideia central permeia em considerar o Educandos um bairro silenciado, esquecido, através de uma análise sobre sua Orla. Em seguida, faz-se uma análise sobre a memória e levantamento histórico para entender o que a história nos mostra sobre o processo de urbanização de Manaus, e sobre qual contexto histórico o bairro Educandos surgiu e se desenvolveu. A paisagem também é um elemento constituinte da abordagem teórica de análise dessa dissertação, que busca entender sobre conceitos e como as paisagens são entendidas como cenário e palco para os acontecimentos de uma sociedade, em que é sentida e interpretada segundo o ponto de vista do observador, e como a literatura aparece como ferramenta metodológica para compreender a paisagem da cidade de Manaus. O trabalho finaliza identificando através de entrevistas segundo o método da história oral, os lugares de memória segundo os moradores antigos do bairro, da perspectiva de quem viveu. Lugares estes que residem apenas em suas memórias, e que pode considerar como patrimônios culturais silenciados pela história cultural de Manaus/AM. Entendendo o Educandos como um bairro de valor histórico, social e cultural para a cidade de Manaus, que pode ser considerado uma paisagem silenciada, que assim como bairros mais antigos e afastados do centro sofreram com as desigualdades que encontramos na história de Manaus.

**Palavras-chave:** Memória; História; Paisagem; Silenciamento; Educandos; Manaus.

## ABSTRACT

This research is dedicated to demonstrate the correlation between Memory, History and Landscape on the urban space that surrounds the Educandos neighborhood, Manaus/AM. Disserting how these elements can materialize in the landscapes that surround the neighborhood, using iconographic survey as part of the analysis of these landscapes. The central idea permeates in considering Educandos a silenced, forgotten neighborhood, through an analysis of its river shore. Next, an analysis is made of memory and historical survey to understand what history shows us about the urbanization process of Manaus, and about what historical context the Educandos neighborhood emerged and developed. The landscape is also a constituent element of the theoretical approach of analysis of this dissertation, which seeks to understand about concepts and how landscapes are understood as a scenario and stage for the events of a society, in which it is felt and interpreted according to the point of view of the observer, and how literature appears as a methodological tool to understand the landscape of the city of Manaus. The work ends by identifying, through interviews according to the method of oral history, the places of memory according to the old residents of the neighborhood, from the perspective of those who lived. These places reside only in their memories, and which can be considered as cultural heritage silenced by the cultural history of Manaus/AM. Understanding Educandos as a neighborhood of historical, social and cultural value for the city of Manaus, which can be considered a silenced landscape, as well older and away neighborhoods from the center suffered from the inequalities that we find in the history of Manaus.

**Keywords:** Memory; History; Landscape; silencing; Educandos; Manaus.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> ORLA DO EDUCANDOS, CHEIA 2021. ....	12
<b>FIGURA 2:</b> ORLA DO EDUCANDOS, 1901/1902.....	15
<b>FIGURA 3:</b> CIDADE FLUTUANTE VISTA DO BAIRRO EDUCANDOS, MANAUS/AM. ....	18
<b>FIGURA 4:</b> CONSTRUÇÃO AVENIDA LOURENÇO DA SILVA BRAGA, DÉCADA 80. ....	19
<b>FIGURA 5:</b> ORLA DO EDUCANDOS.....	23
<b>FIGURA 6:</b> ORLA DO EDUCANDOS NA CHEIA DE 1953. ....	24
<b>FIGURA 7:</b> ORLA DO EDUCANDOS, MARCAS DA CHEIA, 2021.....	25
<b>FIGURA 8:</b> TRECHO DA ORLA DO INCÊNDIO DE 2018. ....	26
<b>FIGURA 9:</b> CASA ABANDONADA APÓS O INCÊNDIO DE 2018. ....	27
<b>FIGURA 10:</b> EDUCANDOS APROXIMADAMENTE EM 1900. ....	31
<b>FIGURA 11:</b> ESTRADA DE CONSTANTINÓPOLIS. ....	48
<b>FIGURA 12:</b> ESTRADA DE CONSTANTINÓPOLIS. ....	50
<b>FIGURA 13:</b> BAIRRO EDUCANDOS VISTO AO FUNDO, APROXIMADAMENTE EM 1935. ....	51
<b>FIGURA 14:</b> PONTE EPHIGÊNIO SALLES, 1940. ....	52
<b>FIGURA 15:</b> CONSTRUÇÃO DA PONTE ANTÔNIO PLÁCIDO DE SOUZA. ....	54
<b>FIGURA 16:</b> CONSTRUÇÃO DA PONTE ANTÔNIO PLÁCIDO DE SOUZA. ....	55
<b>FIGURA 17:</b> CAMPO DE FUTEBOL FEITO POR CRIANÇAS QUE MORAM NAS PALAFITAS DO EDUCANDOS. ....	57
<b>FIGURA 18:</b> ORLA DO EDUCANDOS.....	58
<b>FIGURA 19:</b> CROQUI ESQUEMÁTICO DA ORLA DO EDUCANDOS. ....	73
<b>FIGURA 20:</b> ESTRADA DE CONSTANTINÓPOLIS. ....	78
<b>FIGURA 21:</b> ESTALEIRO NA ORLA DO EDUCANDOS. ....	79
<b>FIGURA 22:</b> ALUNOS DA ESCOLINHA DE FUTSAL DO EDUCANDOS, 2003. ....	84
<b>FIGURA 23:</b> PALESTRA PARA OS INTEGRANTES DA ESCOLINHA, 2003. ....	85
<b>FIGURA 24:</b> GRUPO ESCOLAR MACHADO DE ASSIS. ....	90
<b>FIGURA 25:</b> ESCOLA ESTADUAL MACHADO DE ASSIS, EDUCANDOS, 2021. ....	91
<b>FIGURA 26:</b> PORTO DAS CATRAIAS, EDUCANDOS. ....	92
<b>FIGURA 27:</b> PORTO DAS CATRAIAS, EDUCANDOS, 2021.....	93
<b>FIGURA 28:</b> CINE VITÓRIA, EDUCANDOS. ....	94
<b>FIGURA 29:</b> TRECHO JORNAL DO COMMERCIO, 1954.....	94
<b>FIGURA 30:</b> EDIFÍCIO ONDE FUNCIONOU O CINE VITÓRIA, 2021.....	96
<b>FIGURA 31:</b> PRAIA DA PONTA BRANCA, DÉCADA DE 60. ....	97
<b>FIGURA 32:</b> PRAIA DA PONTA BRANCA, 2017. ....	98
<b>FIGURA 33:</b> TRECHO JORNAL A CRÍTICA, 1984.....	99
<b>FIGURA 34:</b> NÚCLEO PROFESSORA TEREZA SIQUEIRA TUPINAMBÁ, 2022.....	104
<b>FIGURA 35:</b> IGREJA NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO, EDUCANDOS. ....	107
<b>FIGURA 36:</b> FESTA 50 ANOS DA PAROQUIA NOSSA SENHORA DO PERPETUO SOCORRO. ....	108
<b>FIGURA 37:</b> IGREJA NOSSA SENHORA DO PERPETUO SOCORRO, 2021.....	109
<b>FIGURA 38:</b> BAR DA CARMOSA, 2021. ....	110
<b>FIGURA 39:</b> RESTAURANTE PANORAMA, 2022. ....	111
<b>FIGURA 40:</b> RESTAURANTE PANORAMA, 2022. ....	112
<b>FIGURA 41:</b> PRAIA DA PONTA BRANCA, 2017. ....	116

## LISTA DE MAPAS

<b>MAPA 1:</b> BACIA HIDROGRÁFICA DO EDUCANDOS .....	16
<b>MAPA 2:</b> REDES COLETORAS DO BAIRRO EDUCANDOS, 2021.....	21
<b>MAPA 3:</b> REDES DISTRIBUIÇÃO DO BAIRRO EDUCANDOS, 2021. ....	22

MAPA 4: PLANTA CADASTRAL 1852.....	33
MAPA 5: MANÁOS, 1898.....	44

## Sumário

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>11</b>
<i>Educandos: lugar de memórias e paisagens silenciadas .....</i>	<i>11</i>
<i>Uma orla Histórica, porém, silenciada.....</i>	<i>13</i>
<b>CAPÍTULO 1 - HISTÓRIA E MEMÓRIA.....</b>	<b>29</b>
<b>1.1. Rompendo o silêncio: Das muitas histórias do bairro Educandos .....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO 2 – ARQUITETURA DA PAISAGEM: AS FORMAS DE CONTER OS ESPAÇOS DA CIDADE.....</b>	<b>57</b>
<b>2.1. Paisagem.....</b>	<b>57</b>
<b>2.2. A Interdisciplinaridade no Estudo da Paisagem Urbana. ....</b>	<b>59</b>
<b>2.3. Educandos como Personagem da Cidade de Manaus.....</b>	<b>61</b>
2.3.1 – A literatura como espelho para a História, a paisagem e a arquitetura da Orla e do bairro .....	63
<b>CAPÍTULO 3 - O EDUCANDOS COMO LUGAR DE MEMÓRIAS.....</b>	<b>74</b>
<b>3.1. Lugares de memórias .....</b>	<b>74</b>
<b>3.2. Entre muitos sujeitos e muitas vozes: Entrevistas com os moradores antigos do bairro, relatos .....</b>	<b>77</b>
<b>3.3. Relação entre lugares de memórias segundo a história e segundo os relatos das entrevistas.....</b>	<b>88</b>
3.3.1. Instituto Educandos Artífices .....	89
3.3.2. Porto das Catraias .....	91
3.3.3. O Cine Vitória .....	93
3.3.4. Praia da Ponta Branca. ....	96
3.3.5. A folia da Cidade Alta: Clubes e festas de que marcaram para os moradores antigos do bairro .....	101
3.3.6. Núcleo Professora Teresa Tupinambá. ....	104
3.3.7. Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. ....	106
3.3.8. Outros lugares, outras memórias. ....	109
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>115</b>
<b>Apêndice A: Mapa analítico lugares de memória do bairro Educandos, Manaus/AM. ....</b>	<b>119</b>
<b>Apêndice B: Mapa analítico lugares de memória do bairro Educandos, Manaus/AM (01). ....</b>	<b>120</b>
<b>Apêndice C: Mapa analítico lugares de memória do bairro Educandos, Manaus/AM (02). ....</b>	<b>121</b>

<b>Apêndice D: Mapa analítico lugares de memória do bairro Educandos, Manaus/AM (03).</b> .....	122
<b>Apêndice E: Álbum lugares de memória do bairro Educandos, Manaus/AM.</b> .....	122
<b>Anexos</b> .....	123
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	124
<b>Entrevistas</b> .....	127

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### *Educandos: lugar de memórias e paisagens silenciadas*

Por várias vezes fui questionada sobre os motivos que me levaram a estudar o bairro Educandos, trajetória que iniciei em 2017 com um projeto de pesquisa já nos últimos anos da graduação em Arquitetura e Urbanismo, no qual buscava entender o processo de transformação da paisagem da Orla do Educandos. Por algum tempo não sabia a resposta ao certo, até que me fiz essa pergunta: Mas, por que o Educandos?

Paraibana, vim para Manaus em 2015. Tinha uma visão de Orla Amazônica típica da que os meios de comunicação mais exploravam, as orlas das florestas, a natureza. Não me atentava a pensar em como seria a orla em ambiente urbano. Confesso que era um pensamento estereotipado e em até certo sentido “ingênuo”, pois existem várias possibilidades e formas de ocupar o espaço urbano. Faltava em mim o senso crítico, conhecimento sobre essa cidade grande e cheia de histórias que nos faz entender um pouco do que é Manaus. Vim dar continuidade ao meu curso de arquitetura, e a Orla do Educandos era paisagem diária no meu percurso até a universidade. Uma das vantagens que existe em utilizar o transporte público (que são poucas, inclusive) em Manaus, é poder olhar melhor as paisagens que compõem a cidade. Todos os dias passava pela Ponte Antônio Plácido de Souza olhando para a Orla do Educandos e pensando “como era possível no Amazonas haver uma Orla tão feia? Como podia aqui ser abençoado com tanta água e ter esse descaso, águas poluídas, lixo e esgoto lançados no Rio Negro?”. Vale ressaltar que venho de uma cidade de aproximadamente 402.912 habitantes e que já chegou a ter água encanada apenas entre duas a três vezes na semana. Segundo texto publicado pelo núcleo de pesquisa da Paraíba em 2017, do Observatório das Metrôpoles, a cidade de Campina Grande viveu um período de quase três anos de racionamento de água ocasionado pela escassez hídrica que é característica da região semiárida brasileira. O racionamento afetou 18 municípios que dependiam do açude Epitácio Pessoa, na cidade de Boqueirão. Infelizmente, é algo recorrente, pois me lembro de na infância escutar as pessoas sempre temerosas e ansiosas a cada ano que iniciava, para saber se seria um ano chuvoso ou não. Isso, talvez, explique a minha inquietação com o descaso para com as águas do Rio Negro.

Portanto, quando surgiu a oportunidade de fazer um projeto de pesquisa, optei pela minha paisagem urbana diária, o Educandos. Depois de já ter estudado sobre as ocupações



irregulares em Manaus, sobre a história e alguns aspectos que englobam os espaços urbanos, percebi que a Orla do Educandos é uma paisagem também, Amazônica. Habitar a orla do Rio Negro em palafitas ou flutuantes é cultural, mas também parte de um processo desigual, de uma parcela da população mais pobre que se viu atraída para a cidade e foi esquecida, silenciada. E hoje, depois do percurso acadêmico que estou trilhando, vejo aquela orla não como algo feio, mas como uma paisagem que compõe um lugar de memória do bairro Educandos, de uma população pobre que vive com as mazelas sociais dessa cidade desigual, que a muito tempo luta para sobreviver, que tem seus costumes e culturas, e que merecem sair desse silêncio que lhe é imposto.

**FIGURA 1:** ORLA DO EDUCANDOS, CHEIA 2021.



Fonte: Arquivo pessoal. Junho de 2021. Foto: Guilherme Junqueira.

Foi um desafio escrever sobre o bairro Educandos. Existem trabalhos sobre o igarapé do Educandos e algumas questões referentes a ele, porém, na busca em traçar sobre a história da sua urbanização e processo de ocupação, houve dificuldades em achar materiais bibliográficos que o abordem. O trabalho de Claudio Amazonas (1996) foi essencial para dissertar sobre a memória do bairro, que despertou a hipótese de que não é apenas a Orla esquecida, e sim o bairro como um todo. O objetivo da pesquisa é o de realizar uma investigação sobre a memória histórica, visual e paisagística do bairro Educandos, fazendo relação entre a memória, a história e a paisagem urbana; analisando os fatos históricos que influenciaram na

transformação da paisagem visual, cultural e na memória do bairro, identificando assim seus lugares de memória, tanto do ponto de vista da historiografia, como de seus moradores antigos.

Com isso, a metodologia inicialmente adotada para identificar e relatar a memória histórica, visual e paisagística do Educandos, foi a de compreender os processos históricos que influenciaram na transformação da paisagem com pesquisas em material iconográfico, como também em jornais, postais, fotos de famílias, fotos de eventos realizados no bairro, levantamento cartográfico (mapas), cadastral, e de teses e livros que abordam o tema. A literatura é também um instrumento metodológico importante para o desenvolvimento da pesquisa, pois mostra outra forma de registro da paisagem da cidade e suas diferentes maneiras de ser compreendida. Também se utilizou de pesquisa de campo com entrevistas seguindo a metodologia da história oral, realizadas com os moradores mais antigos do bairro, que discorreram sobre suas memórias e os lugares que para eles foram ou são importantes.

#### *Uma orla Histórica, porém, silenciada*

O bairro Educandos está localizado na Zona Sul da cidade de Manaus, com população estimada, segundo IBGE (2010), de 15.635 habitantes, e compreende um perímetro de 82, 83ha. Este trabalho aborda o Educandos como um bairro que foi e ainda é esquecido. Com sua topografia elevada, o Educandos garante vista privilegiada para o Rio Negro, característica que poderia ter sido incentivada, tendo potencial turístico e de valorização cultural e natural do Amazonas. Porém, hoje o que se encontra é um bairro com sua Orla dominada por ocupações irregulares, lixo e esgoto. Esse esquecimento, entendido como silenciamento, é abordado no decorrer do presente trabalho como forma de demonstrar, utilizando o Educandos como exemplo, como os bairros mais afastados do centro da cidade e composto pela classe trabalhadora de Manaus sofreu historicamente por esse silenciamento. Iniciaremos nos debruçando sobre uma forma de entender como a Orla do Educandos é um lugar de memória e paisagem silenciadas.

Quando se afirma que o Educandos é um bairro histórico, é por ser um dos primeiros bairros a ser criados quando se pensou em expandir a cidade para o sul (ver mapa 1). No período

Áureo da Borracha<sup>1</sup>, o Bairro de Constantinópolis, atual Educandos, foi uma das primeiras regiões que os migrantes foram ocupando, motivados pela falta de planejamento urbano e crescimento acelerado da cidade. Foi com a construção do estabelecimento de ensino Educandos Artífices que o bairro começou a se desenvolver, sendo batizado de Constantinópolis em 1907. (AMAZONAS, 1996).

**MAPA 1: BAIRRO EDUCANDOS.**



Fonte: Google Earth Pro, 2021. Modificado pela autora.

O Educandos Artífices funcionava como internato que ensinava cursos profissionalizantes, sendo uma das necessidades à época capacitar mão de obra para trabalhar na construção da cidade, como também “civilizar crianças” indígenas que muitas vezes eram retiradas a força das aldeias. Como está no relato de Louis Agassiz & Elizabeth Agassiz (1938) na ocasião de sua visita a Manaus e a Casa dos Educandos, como chamaram.

Teríamos trazido daí a mais feliz das impressões, si não tivéssemos sabido que, nesse orfanato, se retêm às vezes, sob pretexto da instrução a ministrar, pobres criaturinhas que ainda têm pai e mãe e que foram subtraídas às tribos selvagens. [...] é tão somente para arrancar a criança a uma condição selvagem e degradada; pois a civilização,

<sup>1</sup> O período Áureo da borracha, foi um momento de grande crescimento econômico no Amazonas, motivado pela importação da borracha, material produzida pela extração do látex. Teve início a partir do século XIX até o século XX.

mesmo imposta pela força, é preferível á barbaria (AGASSIZ & AGASSIZ, 1938, p. 250).

**FIGURA 2:** ORLA DO EDUCANDOS, 1901/1902.



Fonte: Arquivo IPHAN/AM.

O instituto passa por vários nomes e abriga diferentes atividades durante sua história, ocupando o prédio que antes era o da Olaria Provincial. Em 1907 abrigou a Escola de Aprendizes de Marinheiros, inaugurado pelo Presidente Afonso Pena. O edifício também serviu de abrigo para os imigrantes que chegavam em Manaus e não tinham onde morar (AMAZONAS, 1996). Depois passou a se chamar Grupo Escolar Machado de Assis, que segundo Duarte (2009), foi criado pelo Decreto 1.472, de 11 de janeiro de 1924 e funcionava antes em uma pequena instalação que não tinha condições adequadas de higiene, no Bairro de Constantinópolis, mudando-se para o prédio do antigo Educandos Artífices em 1925. Atualmente, o Grupo escolar Machado de Assis ainda está localizado no mesmo edifício, porém a arquitetura do prédio foi modificada, em 1957. Um patrimônio importante que marca a fundação do bairro, suas lutas e marcas sociais de uma cidade desigual e injusta, é de certa forma “apagado” da paisagem da orla e da história do bairro.

A partir de 1957, o governador Plínio Ramos Coêlho determinou uma reforma no edifício, que incluiu mais um andar com lajes de concreto e estrutura reticular. É a mesma edificação que existe atualmente, com sua fachada voltada para a rua Amâncio de Miranda e sua arquitetura literalmente alterada, contudo, como símbolo da fundação do bairro (AMAZONAS, 1996, p.85).



A orla que compreende o Bairro do Educandos, nem sempre foi degradada e poluída, a história de transformação da paisagem da Orla do Educandos é resultado dos acontecimentos ligados ao processo de urbanização de Manaus. Capital Amazonense, localizada na confluência do Rio Negro com o Rio Solimões, ela é cortada por quatro Bacias Hidrográficas, a Bacia do Educandos, do São Raimundo, do Tarumã e a Bacia de Puraquequara, sendo as duas primeiras totalmente inseridas na malha urbana. A bacia do Educandos é formada por seis igarapés, sendo eles: o igarapé de Manaus, igarapé do Bittencourt, igarapé do Mestre Chico, igarapé da Cachoeirinha, e igarapé do Quarenta; todos desagüam no igarapé do Educandos, que termina no encontro com o Rio Negro (NOGUEIRA, KUCK, PARISE, 2015).

**MAPA 2: BACIA HIDROGRÁFICA DO EDUCANDOS.**



Fonte: Google Earth Pro, 2021. Modificado pela autora.

A migração é fator muito importante para se entender o processo de transformação da paisagem desse trecho da orla, pois foi durante os dois momentos de pico econômico que mais se registrou o aumento da população de Manaus, com a chegada de pessoas que vinham de outras localidades do Brasil ou do interior em busca de melhora de vida.

Foram dois momentos de crescimento econômico, primeiramente no Período Áureo da Borracha a partir do século XIX, e posteriormente com a implantação da Zona Franca em 1970. As pessoas que chegavam à cidade sem ter condições de pagar por pedaços de terras em áreas urbanizadas, ou por quererem manter os costumes ribeirinhos de morar na beira do rio, foram ocupando as orlas da cidade em palafitas, como afirma Júnior e Nogueira (2010). Acrescentam

dizendo que não foram somente os problemas financeiros que levaram as pessoas a ocuparem as margens dos igarapés, mas também o fator simbólico que os que vinham de outra região traziam consigo, como o significado que o Rio Negro tinha para essas pessoas e as relações estabelecidas entre elas e a natureza. É o aspecto cultural que é levantado sobre o processo de ocupação das margens dos igarapés. Eagleton (2000) fala sobre como cultura pode ser um conceito amplo ou restrito, sendo difícil de ser conceituado, trazendo autores e conceitos diversos sobre o que seria algo cultural. Um ponto importante trazido por este autor é o debate sobre o aspecto da cultura poder ter uma questão de significação, como também uma questão de necessidade, sobre o mesmo ponto. Por afirmar que considerar a cultura como restrita ao significado pode ser algo amplo e específico, o que a deixa com o conceito elitista. Ele traz o pensamento de Raymond Williams para falar sobre aquilo que designa como necessidade, fazendo uma análise sobre significado versus necessidade.

A habitação é uma questão de necessidade, mas só se transforma num sistema significativo quando no seu âmbito começam a surgir importantes diferenças sociais. O mesmo tipo de diferença existe entre um sanduíche engolido à pressa e uma refeição no Ritz saboreada com tempo. Difícilmente alguém jantará no Ritz apenas porque tem fome. Deste modo, envolvendo todos os sistemas sociais de significação, nem todos são «sistemas de significação» ou sistemas «culturais». Trata-se, assim, de uma definição valiosa, na medida em que evita definições de cultura quer ciumentamente exclusivas quer inutilmente inclusivas. Na realidade, porém, trata-se de uma reelaboração de tradicional dicotomia estético/instrumental, estando, assim, aberta ao tipo de objecção de que esta tem sido alvo (EAGLETON, 2000, p.52).

Trazendo para a discussão sobre habitar a orla de Manaus, mostra-nos alguns apontamentos: morar em palafitas no Amazonas é cultural, existe um significado. Mas morar em palafitas na Orla do Educandos continua sendo algo dito como cultural? Ou é necessidade? O lugar, contexto social, vão influenciar nessas questões, pois morar em palafitas pode ter um viés do fator cultural, de manter os costumes ribeirinhos, um significado, como também pelo fato de ser uma tipologia de habitação mais econômica, construída numa área onde não há interesse imobiliário, por pessoas que não têm condições de pagar por pedaços de terras em áreas urbanizadas. Aí trata-se de uma questão de necessidade.

Entre 1910 e 1920, quando acontece o declínio da borracha ocasionado pela liderança da Ásia na importação do látex, houve uma crise econômica. Almeida (2005) fala que com a crise da borracha muitas empresas faliram e houve desemprego em massa. Com isso, a população se viu sem condições de pagar por terras urbanizadas e, dessa forma, a solução encontrada por eles foi a de ocupar as áreas que não interessavam ao mercado imobiliário. Nesse

contexto histórico, começa a aumentar o número de habitações na área do igarapé do Educandos e em flutuantes no rio. Foi assim que surgiu a Cidade Flutuante nos anos 1920.

A cidade flutuante começou a ser erguida em 1920 e existiu até a década de 60. Almeida (2005) diz que em 1965 existiam 2.200 habitações. Souza, (2010) afirma que os flutuantes começaram a ser retirados a partir da criação da Zona Franca de comércio, que visava trazer modernização e progresso para Manaus, do qual a cidade flutuante não fazia parte, pois era vista como um grave problema urbano, que a única solução seria a total retirada dos flutuantes.

As discussões sobre a “cidade flutuante”, mesmo em uma historiografia regional, sempre foram raras, animando-se mais como um território historiográfico de silêncios. Sempre me surpreendi com a “invisibilidade” de mais de duas mil casas flutuantes abrigando, em seu auge na década de 60, mais de 12.000 habitantes! Moradores, trabalhadores, comerciantes, passantes que ali experimentavam suas vidas e ao mesmo tempo resinificavam os espaços marginais das ribeiras urbanas de Manaus. (SOUZA, 2010, p.152).

**FIGURA 3:** CIDADE FLUTUANTE VISTA DO BAIRRO EDUCANDOS, MANAUS/AM.



Fonte: Instituto Durango Duarte

A forma de ocupar e utilizar os igarapés da cidade são historicamente vistas pelos governantes como uma “patologia” na paisagem, não levando em consideração o contexto socioeconômico, cultural e simbólico que faz com que as pessoas ocupem suas margens. Essas

populações devem ser entendidas como parte integrante no processo de construção da cidade, de uma Manaus desigual.

As intervenções urbanas na área que compreende o igarapé do Educandos continuam por parte do poder público, realizando o aterro de grande parte da orla, em que duas ilhas deixaram de existir por causa de repetidos aterros: a ilha de Monte Cristo e a ilha da Caxangá. Na década de 1970, o lado que pertence ao Centro da Cidade era predominantemente ocupado por palafitas. Pouco a pouco, essa realidade foi sendo modificada, como afirma (SILVA, 2011), pois elas foram sendo retiradas para dar lugar a obra da construção da Avenida Manaus Moderna, hoje denominada Avenida Lourenço da Silva Braga, que fez parte do projeto Manaus Moderna, efetuado nos anos de 1980. Este projeto buscou modernizar Manaus e adequá-la a realidade trazida pela implantação da Zona Franca<sup>2</sup>. Grande parte da Orla do Educandos foi aterrada para dar lugar à avenida.

**FIGURA 4:** CONSTRUÇÃO AVENIDA LOURENÇO DA SILVA BRAGA, DÉCADA 80.



Fonte: Instituto Durango Duarte.

O programa PROSAMIM<sup>3</sup> teve participação nessa forma de urbanização que não considera uma forma de melhorar o ambiente natural. O objetivo era o de recuperação dos leitos dos igarapés, porém, o que se viu foi o oposto, pois aterrou e canalizou importantes igarapés da

---

<sup>2</sup> A Zona Franca foi criada a partir de 1967 e trouxe para Manaus uma área de livre comércio de importação e exportações de serviços com incentivos fiscais. Com a criação do Distrito industrial várias empresas vêm para Manaus, gerando muitos empregos e crescimento econômico.

<sup>3</sup> PROSAMIM – Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus.



cidade e criou um estreitamento das margens, desconsiderando a constituição do próprio igarapé, sendo ele não apenas relacionado à constituição ambiental local, de preservação da natureza, como também a um forte valor cultural e simbólico que teve ou talvez ainda tenha para a cidade.

[...] deveríamos nos indignar com a especulação imobiliária, com a busca do lucro a qualquer custo e com a falta de ação política dos gestores e da sociedade que foram destruindo a beira e colocando a cidade de costas para o rio. O rio Negro na frente de Manaus já foi nossa sala de visitas, depois a nossa cozinha, agora talvez seja a nossa privada [...] (OLIVEIRA, 2017, p.14).

Sobre o PROSAMIM, Araújo (2011) afirma que as primeiras áreas de abrangência do programa são as Bacias do Educandos e do São Raimundo. O PROSAMIM veio com discurso de promover o melhoramento urbano de espaços degradados e de recuperar os igarapés da cidade. Porém, Araújo (2011) fala que o programa não desapropriou as margens dos igarapés, e sim, substituiu as palafitas por habitações de 3 andares, construídas sobre o igarapé aterrado. Além de construir novas habitações no mesmo lugar onde elas existiam, o programa aterrou, canalizou e diminuiu a margem dos igarapés da cidade. A primeira fase do Prosamim começou em 2005 e já canalizou, aterrou e/ou retificou na sua primeira fase, o igarapé de Manaus, Bittencourt e Mestre Chico.

Contribuir para a problemática ambiental, social e urbanística que afetam a população, visando as condições de saúde nas áreas de intervenção através da reabilitação e/ou implantação dos sistemas de drenagem, abastecimento de água potável, coleta e disposição final de águas servidas e de resíduo sólidos, recuperação das áreas ambientais, melhoria das condições de habitação da população, regularização das propriedades de uso do solo e implantação de áreas de lazer. (Relatório oficial da UGPI, 2005 apud ARAÚJO, 2011).

Uma das questões importantes que demonstram o silenciamento das configurações ambientais desse trecho da orla, e do bairro Educandos, é a que diz respeito ao precário saneamento básico do bairro. Além do grande acúmulo de lixo, também ocorre despejo de esgoto que é trazido pelos igarapés da cidade e que desaguam no Rio Negro através desse ponto do Educandos. Segundo dados fornecidos pela empresa Águas de Manaus, apenas 334 habitações contêm fornecimento de coleta de esgoto no bairro, como mostra o mapa.







conscientização das pessoas” que invadiram as margens, pois todo o esgoto e lixo das habitações são direcionados ao igarapé. Contaram que parte da areia do igarapé foi retirada na época da construção da Feira da Panair, em 1987, pois para a aterragem do terreno onde seria localizada a feira, foi utilizada areia do igarapé que era retirada da Praia da Ponta Branca, um antigo balneário do Educandos. Isso ajudou no assoreamento do igarapé. Parte da Feira da Panair veio a desabar por causa do uso da areia na aterragem do terreno, uma vez que areia não é material adequado para aterrar.

**FIGURA 5:** ORLA DO EDUCANDOS.



Fonte: Arquivo pessoal, outubro de 2017.

A população residente nas palafitas daquela orla também sofre por grandes problemas com as enchentes, que acontecem sempre que o nível do Rio Negro sobe demais e acaba por deixar parte das casas submersas nas águas, nos períodos de cheia, que acontecem de Janeiro a Junho. É um problema constante e pouco se faz em benefício desses moradores, refletindo os desafios que é habitar as margens de rio e igarapés em Manaus. A cota considerada dentro da normalidade é 27,80 m. Já a cota máxima foi atingida durante a cheia no ano 2021, alcançando 30,02, segundo informações do Porto de Manaus.

**FIGURA 6: ORLA DO EDUCANDOS NA CHEIA DE 1953.**

Fonte: IBGE.

A cheia de 2021 foi quando o Rio Negro ultrapassou sua cota máxima, atingindo 30,02 metros, sendo um período difícil para os moradores da Orla do Educandos. Em conversa informal, em novembro de 2021, durante visita na qual andei pela a orla, uma moradora de uma das palafitas mostrou-me a situação de sua casa após a cheia daquele ano, mostrou-me sua casa que estava caindo por conta da água, de madeiras que estavam podres; estava aflita, pois não haviam recebido as madeiras da prefeitura para consertar as casas, e estavam tentando reaproveitar as madeiras que permaneciam ainda em bom estado ou que foram recebidas através de doação, para evitar que o piso afundasse. Ela contou que não tinham para onde ir, que seus familiares são autônomos e uma das fontes de renda deles é na canoa, catando latinha quando o rio está cheio.

Ainda podem ser vistas as marcas da água nas casas. O senhor Gil Eanes contou que muitas pessoas abandonaram suas casas por causa da cheia. Como pode ser visualizada na imagem a seguir.

**FIGURA 7:** ORLA DO EDUCANDOS, MARCAS DA CHEIA, 2021.



Fonte: Arquivo pessoal, novembro de 2021.

Também existem marcas de destruição que fazem parte da memória e do esquecimento dessa orla, e elas são os incêndios que devastam áreas de palafitas. Há um registro em matéria publicada no ano de 1945 pelo jornal “Gazzetilhas” de que, na área estudada, 10 palafitas teriam sido destruídas por um incêndio, no qual um jovem havia ficado ferido ao retirar uma criança das chamas, não havendo, entretanto, vidas perdidas. Um grande incêndio registrado aconteceu em 2018, foi o segundo maior da história da cidade e devastou mais de 600 palafitas, segundo informações da defesa civil publicadas em matéria no G1 Amazonas, em dezembro de 2018.

Um ano após o acontecido, o G1 Amazonas, em dezembro de 2019, em matéria sobre o incêndio, relata o drama que os habitantes ainda sofriam e a falta de auxílio do governo para se reerguerem da tragédia. A matéria informa que as vítimas estariam sobrevivendo somente com o auxílio aluguel, pois ainda não haviam recebido a indenização. Na reportagem feita pela Amazonas Atual, em 2020, vítimas falam sobre os traumas e consequências da tragédia, e que ainda havia famílias que iniciariam o recebimento do último lote da indenização que, segundo a matéria, apenas começou a ser paga no dia 28 de maio de 2020.



**FIGURA 8:** TRECHO DA ORLA DO INCÊNDIO DE 2018.



Fonte: Arquivo pessoal. Novembro de 2021.

Até hoje é possível ver na paisagem da Orla do Educandos o buraco provocado pelo incêndio de 2018, como mostra a imagem anterior. Onde hoje é vegetação, existia palafitas que incendiaram. Durante uma visita ao Educandos em novembro de 2021, tive a oportunidade de encontrar com pessoas que perderam suas casas naquele incêndio de 2018 e, em conversa informal, relataram como foi esse desastre e as marcas que deixou até hoje em suas vidas. Uma senhora relatou que o incêndio chegou na sua casa muito rápido, e que somente houve tempo de pegar seu cachorro filhote e soltar os outros dois cachorros adultos que estavam presos. Contou que sua casa era de madeira e foi totalmente perdida para o fogo, relatou que recebeu ajuda do governo no valor de 300 reais por um ano e que teve direito à indenização, mas que não aceitou, pois o valor dela não era suficiente para comprar uma casa nova, então ela preferiu permanecer com o terreno e reconstruir sua casa. Após muito trabalho e com ajuda de doações, conseguiu reconstruir sua casa em alvenaria. Outra senhora, de 62 anos, relatou algo diferente sobre o dia do incêndio, “eu fiquei só com a roupa do corpo, tudo pegou fogo, aliás, pegou fogo não, foi roubado”, acrescentou ela ao contar que sua casa também queimou, mas que seus pertences foram roubados antes do fogo alcançar a casa, por pessoas que diziam querer ajudá-la e acabavam furtando os móveis; contou que perdeu uma cama e uma geladeira novas que não havia terminado de pagar. E também contou que a indenização do governo não era suficiente para comprar uma casa, então ela buscou reconstruir sua casa em alvenaria, que antes era de madeira, e o fez com ajuda de doações e organizando bingos. Conseguiram fazê-lo, os próprios vizinhos que construía, não pagaram mão de obra.

**FIGURA 9:** CASA ABANDONADA APÓS O INCÊNDIO DE 2018.



Fonte: Arquivo pessoal. Novembro de 2021.

É todo um trecho de orla da cidade que sofre pelo silêncio provocado por essas tragédias e desafios diários, pelos quais passam os moradores das palafitas. Isso é conviver com o silenciamento de seus patrimônios, não apenas no sentido físico e financeiro, de suas casas e pertences, mas com o apagamento de memórias, tanto coletivas como individuais, de uma população que um dia já teve uma relação simbólica e cultural com o rio, e que hoje talvez apenas vivencie as dificuldades diárias de se viver na orla.

A chancela da Paisagem Cultural que foi lançada em 2009 pelo IPHAN, conforme a Portaria Iphan nº 127/2009, diz que Paisagem Cultural Brasileira é uma parte específica do território nacional, representada por um processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores, como afirma Weissheimer (2009).

A Paisagem Cultural é uma categoria que muito auxilia na preservação do patrimônio cultural brasileiro, pois se encarrega de salvaguardar paisagens e as relações dos sujeitos com o espaço natural. Para se ter uma paisagem cultural salvaguardada precisa-se atestar uma relação homem-natureza de forma harmoniosa e equilibrada (WEISSHEIMER, 2009). Com isso, pode-se discutir o fato de que a orla do Educandos é uma paisagem que é fruto de uma construção social e cultural, na qual a relação homem-natureza foi perdida e silenciada através do tempo e na história, pois a paisagem faz parte da dinâmica da construção da cidade. É essa



relação homem e natureza que deixa de ser pensada em unidade, com harmonia, e é silenciada, silêncio por esquecimento, como apagamento tanto do sujeito e seu poder de ocupar o espaço urbano, quanto silenciamento da natureza e de qualquer relação simbólica e cultural que possa ter existido.

O planejamento urbano deve ser pensando pelo olhar diverso, interdisciplinar, que leve em consideração as culturas e a sociedade que ali ocupa. No bairro Educandos, mesmo sendo um lugar importante de memórias, estas não foram ouvidas por causa de uma memória coletiva que foi construída para desvalorizá-las. Assim, o Educandos teve parte de seus patrimônios culturais apagados e sua memória silenciada.

## CAPÍTULO 1 - HISTÓRIA E MEMÓRIA

O Bairro de Educandos, assim como outras localidades da cidade de Manaus, ainda passa por um processo de esquecimento, no qual suas memórias e paisagens são silenciadas por um poder público que as negligenciam, não considerando a importância histórica que esse lugar resguarda.

Maurice Halbwachs, em seu livro “Memória Coletiva”, aborda o fenômeno da memória como elemento construído de acordo com os fatos sociais e o contexto histórico dos indivíduos. Halbwachs (1990) categoriza memória coletiva como algo que não é individual. Segundo ele, as memórias saem da dimensão individual, pois as lembranças de cada sujeito nunca são apenas suas, elas fazem parte de uma memória de conjunto, de um grupo social. Halbwachs (1990) também aborda as diferenças entre o que é memória coletiva e memória histórica, sobre as quais afirma que a memória histórica busca reconstruir o passado através dos registros históricos, na busca por entender o presente. É através dos registros históricos que podemos reconstruir fatos e acontecimentos que não vivenciamos, porém nos foi possível ler ou ouvir a respeito, fatos reproduzidos através do tempo. Nesse sentido, o Educandos, sendo um bairro histórico que presenciou acontecimentos e problemas que marcaram a história da cidade, onde existiram lugares que faziam parte da história e cotidiano dos moradores, a reconstrução da sua memória histórica se torna uma forma de entender o que faz o Educandos importante para a cidade, pois além de ser um registro indispensável de uma população que merece ter sua memória preservada, essas memórias individuais fazem parte de uma memória que é coletiva, é de Manaus, e deve ter o mesmo grau de relevância a ser contada e registrada na história da cidade. Também é através dessas memórias que se poderá entender a paisagem urbana que temos hoje, buscando novas formas de olhar para bairro e ver sua importância para a construção da história de Manaus.

Buscando falar sobre a constituição e formalização das memórias, focando nos autores e processos que as influenciam, Pollak (1989) insere o debate sobre a memória que está em disputa, uma memória coletiva nacional imposta e criada por um poder dominante contra as memórias consideradas proibidas ou subterrâneas, que são parte de uma parcela social que as tem silenciadas pela imposição da memória nacional. Essas memórias subterrâneas, quando possibilitadas de serem ouvidas, podem acarretar formas de movimentos populares reivindicativos ou protestos. Este autor fala que certas lembranças esperam o momento certo para se expressarem, como também precisam de uma escuta.

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais (POLLAK, 1989, p. 05).

A discussão sobre aquilo que não é dito e que vive nas lembranças de grupos minoritários não emerge para a sociedade englobante por muitas vezes não se haver escuta para isso, segundo Pollak (1989). São discursos de silêncios que são moldados pela angústia de não achar quem os ouça, por se dizer e acabar sendo punido pelo que foi dito, ou também acabar se envolvendo em mal entendidos. O autor fala que o dizível e o indizível são o que separa uma memória coletiva subterrânea de uma sociedade civil dominada por uma memória coletiva específica organizada, majoritária, que busca mostrar e impor a imagem de uma sociedade dominante ou o que o Estado deseja. O que não é dito, muitas vezes espera uma ocasião para ser dito e virar uma contestação ou reivindicação.

Alguns dos lugares que fazem parte da paisagem urbana do Educandos são historicamente relevantes para a história da cidade, sendo espaços que não podem ser vistos como objeto arquitetônico destituído de significado, tendo em vista que fizeram ou ainda fazem parte do cotidiano da sociedade que ali ocupa. São patrimônios culturais, que assim como os demais espaços da cidade que tiveram sua importância, precisam também ter sua memória lembrada e discutida. Argumentar sobre esses lugares e identificar sua importância, precisa ser feito em conjunto com outros fatores que os cercam, que, além da história, são constituídos também dos aspectos social, ambiental e cultural, os principais pontos abordados por essa pesquisa. E, dessa forma, criar mais uma ferramenta de escuta de um povo que compõe a paisagem urbana de Manaus, e que terá o direito de expor a importância dos lugares de suas memórias registrados e marcados de alguma forma na história da cidade.

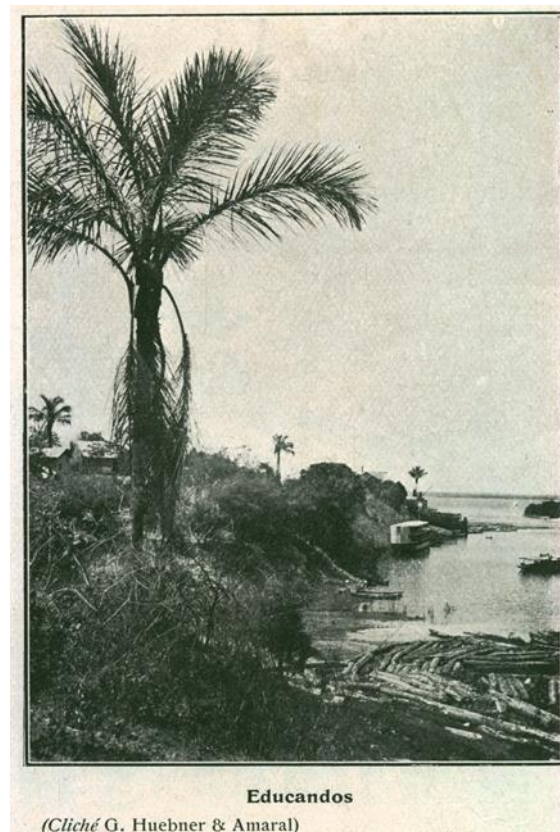
### **1.1. Rompendo o silêncio: Das muitas histórias do bairro Educandos**

O Educandos é um bairro tradicional de Manaus, surgiu quando a cidade era um pequeno núcleo urbano. No final do século XIX, o lugar onde hoje o bairro está inserido era parte da floresta que circundava Manaus, e seu desenvolvimento se iniciou quando surgiu a necessidade de expandir a cidade para o sul. Dessa forma, foi construído a instituição de ensino

dos Educandos Artífices, em 1856, primeira escola técnica do Amazonas direcionada ao ensino das artes, dando início à formação do bairro. Com a construção do edifício dos Educandos Artífices, o bairro começou a se desenvolver, sendo batizado de Constantinópolis em 1907, porém, era popularmente chamado de Educandos, em referência à escola (JORNAL DO COMMERCIO, 2005).

A colina verdejante, que possuía apenas um caminho aberto por instrumentos rudimentares e se iniciava no porto das catraias, recebendo pessoas que iriam visitar o Estabelecimento Educandos Artífices e estudantes de outras localidades através da rua Lima Bacury, igualmente um caminho conhecido também como Educandos, era uma das florestas que circundavam a Manaus de menos de quatro mil habitantes no início da última quadra do século 19 e refúgio de famílias abastadas que mantinham chácaras e pequenas fazendas a beira-rio (AMAZONAS, 1996, p. 13).

**FIGURA 10:** EDUCANDOS APROXIMADAMENTE EM 1900.



Fonte: IPHAN

O local era ocupado por famílias indígenas, como também, as famílias Thuriiby, naturais de Barbados nas Antilhas, e os Encarnação, do Pará. O patriarca da família Encarnação, Manoel Urbano, teve uma importante atuação na região, como afirma, Amazonas (1996). O contexto

em que o bairro Educandos surge é de uma Manaus que buscava atingir a modernidade que estava sendo realizada nas grandes capitais, o modelo europeu de cidade próspera e civilizada, que tinha como maior exemplo a reforma de Paris realizada por Haussmam em 1880.

Buscando transformar o espaço urbano para atingir aos anseios que o mundo moderno exigia, sofre em 1890 o primeiro surto de urbanização. Para se entender a construção do bairro é preciso entender a história de Manaus, sobre sua formação e os aspectos que influenciaram no seu processo de urbanização e, conseqüentemente, verificar como estes impactaram na formação dos bairros mais afastados do centro da cidade à época, como é o caso do Educandos.

Manaus se localiza no encontro dos rios Negro e o Solimões. Originou-se a partir de um aldeamento indígena às margens do Rio Negro, ao redor da Fortaleza de São José da Barra, em 1669, forte construído pelos portugueses para fixar domínio no Amazonas. Toda a sua área era banhada por igarapés que tiveram papel importante na paisagem da cidade, sendo atualmente duas bacias hidrográficas inseridas totalmente na malha urbana: a bacia do Educandos e a bacia do São Raimundo. Estas, por sua vez, são formadas pelos igarapés que cortam a cidade e desaguam no rio Negro (VELLOSO, 2002).

As primeiras intervenções urbanísticas pensadas foram seguindo o curso dos igarapés “A forma da cidade traz como traço marcante a rede de igarapés de pequenos cursos d’água, que num dado período histórico modelaram o sitio urbano, formando um conjunto de elementos condicionadores do traçado da cidade” (VALLE, OLIVEIRA, 2003, p.155). Conforme apresenta Grobe (2014), na planta cadastral de 1852 haviam nove igarapés no centro da cidade, sendo eles: Igarapé da Castelhana, Remédios ou Aterro (hoje é a avenida Getúlio Vargas), Igarapé da Cachoeira Grande, Espírito Santo (hoje Avenida Eduardo Ribeiro), São Vicente, da Bica, Igarapé da Ribeira, do Seminário, Igarapé do Monte Cristo, e o Igarapé da Cachoeirinha, todos hoje aterrados ou canalizados.



A modernidade em Manaus não só substituiu a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bodes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também transforma a paisagem natural, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração. É a modernidade que chega ao porto de lenha, com sua visão transformadora, arrasando com o atraso e o feio e construindo o moderno e belo (DIAS, 1999, p. 31-32).

Até 1890, Manaus ainda se conservava como era descrita pelos viajantes que a visitavam, com algumas poucas modificações. Era formada por cinco bairros, sendo eles: Campinas, São Vicente, Remédios, Espírito Santo e República. A sua população contava com cerca de 50.300 habitantes, sendo o processo migratório o principal responsável por seu aumento; era composta de indígenas, portugueses, negros, imigrantes nacionais e estrangeiros que viviam espalhados pela área da cidade sem distinção de classe, cor ou profissão. A cidade se encontrava ainda sem a preparação necessária para o posto de capital mundial da borracha (DIAS, 1999).

Porto precário, trapiches de madeira, pontes de madeira no centro da cidade, prédios públicos em ruínas ou construídos fora do estilo que a modernidade exigia, ruas estreitas e desniveladas, calçamento irregulares e de madeira, sem rede de esgoto, iluminação a gás, sem saneamento, com um serviço de navegação deficiente, etc. (DIAS, 1999, p.37).

Entretanto, a cidade necessitava de mão de obra abundante para trabalhar na extração da borracha, como também para as obras de melhoramento da cidade. Mesquita (2019, p.134) diz que “De nada valeria o crescimento da demanda de borracha no mercado internacional, se não fosse ampliado sua produção. Isso dependia basicamente do aumento do contingente de trabalhadores empregados nesse ramo extrativista”. Manaus era um espaço conflitivo e cosmopolita, ocupado por trabalhadores de variadas nacionalidades. Seu importante mercado de exportação da goma elástica, fez com que o poder público incentivasse a imigração estrangeira, que era entendida como a força de trabalho ideal. Tentou-se delinear os novos rostos que compreenderiam algumas categorias da sociedade, mas isso não seria tarefa fácil. O indígena era, até então, força de trabalho da empresa colonial, porém, era realizado um recrutamento a força.

Era preciso aumentar mão de obra qualificada para o projeto de melhoramento urbano da cidade e para aumento da extração da borracha. A maior parte da população no final do

século XIX e início do XX, como afirma Dias (1999), ainda era formada em maior parte por indígenas e, por isso, formavam a classe majoritária de trabalhadores. A maneira de organizar essa classe trabalhadora era realizada com o auxílio dos missionários que os catequizavam, e constituía uma fonte de bastante importância para o Serviço Público do Amazonas. Porém, a mão de obra indígena não era suficiente e satisfatória para o projeto de modernização da capital da borracha. Havia questões sobre a força de trabalho nativa que eram motivo de preocupação: o número de nativos não dava conta do serviço que a produção capitalista exigia e a questão qualitativa dessa mão de obra, que apesar da violência do processo colonizador que tentou impor disciplina na forma de trabalho, não obteve sucesso, pois os indígenas realizavam diferentes formas de resistência aos limites que eram impostos a eles (COSTA, 2014).

Na verdade, não se trata de falta de ambição, preguiça ou desobediência aos patrões. O fato é que as manifestações culturais são diferentes e a forma de relacionamento do produtor índio com a natureza era outro, pois o trabalho ainda se encontrava articulado com o valor de uso, e as modernas relações materiais de sobrevivência ainda não os havia atingido.

A racionalidade econômica do sistema Moderno de produção ainda não os dominava. A produção das comunidades locais ainda era orientada pelas necessidades e não pelo lucro (DIAS, 1999, p.35).

Para formar uma classe de trabalhadores, o governo buscou incentivar a migração para o Amazonas tornando-a mais atrativa. Um interessante ponto foi abordado por Costa (2014), que fala sobre o objetivo do poder público de repovoar o Amazonas com imigração estrangeira, em que se buscava identificar qual população se adequaria melhor na região.

[...] as exigências do mercado capitalista mundial em torno da borracha intensificaram ainda mais a já abalada e baixa demografia regional no tocante à população nativa, tornando-a numericamente incapaz de dar conta da produção exigida. Articulado a isso, desde o período provincial o anseio do poder público era ver o Amazonas povoado por uma população de origem estrangeira (COSTA, 2014, p. 48).

Esperava-se que os imigrantes estrangeiros tivessem mais preparo para o trabalho, tendo em vista que vinham de países que já haviam implementado mecanismos de controle e disciplina no ambiente das fábricas. Contudo, os imigrantes que aqui chegaram eram do setor rural europeu. Também houve um alto índice de imigração nacional, protagonizado principalmente por nordestinos que, atraídos pela a promessa de fartura e progresso que estavam



sendo propagadas no Amazonas e afora, chegavam em grande contingente e buscavam melhorar de vida.

Em 1877, quando violentas secas assolavam o sertão nordestino, principalmente o Ceará, obrigando seus habitantes a se refugiarem em outras regiões que oferecessem melhores condições de sobrevivência, intensificou-se uma corrente migratória em direção à Amazônia, onde governos e latifundiários acenavam, prometendo grandes melhorias nas condições de vida daqueles que para ela se dirigissem. Os nordestinos eram atraídos por promessas de trabalho e enriquecimento fácil, mas na realidade, muitas vezes, se tornavam escravos de um sistema rudimentar de trabalho, em que eram explorados pelos ‘coronéis de barranco’ – donos de seringais que manipulavam as leis e reforçavam o seu domínio (MESQUITA, 2019, p.134).

A indústria extrativista foi sustentada pela imigração dos nordestinos. Já em relação ao mercado urbano, era composto majoritariamente por estrangeiros, que davam suporte em setores de serviços e competiam no mercado de trabalho com os mestiços e os nordestinos, como afirma Costa (2014). Ele acrescenta que de 20% do contingente humano que se dirigia ao Estado a maioria era de imigrantes nacionais, sendo maior parte de nordestinos. Quanto aos imigrantes estrangeiros, majoritariamente era formado por europeus, sendo eles portugueses, espanhóis e italianos; em seguida vinha os africanos, uma colônia maior constituída de sírios e em menor número os turcos, árabes, marroquinos e barbadianos.

Investia-se em promover a ideia de fausto para atrair migrantes, porém não se oferecia condições de sobrevivência aos que chegavam. Amazonas (1996) fala que essa migração de nortistas e nordestinos foi sentida pelo Educandos. Ele afirma que foi pela grande ocupação da colina, alcançada pela chegada dos nordestinos, nortistas e interioranos, atraídos pela perspectiva de enriquecimento da borracha e que lá fixaram moradia, que o governo realizou algum serviço de urbanização no bairro. O autor diz que foi fixado o espaço geográfico do Educandos em 1901, pelo engenheiro A. Paiva Melo, que o demarcou numa área de 130.693 m<sup>2</sup>; logo em seguida começava a abertura de novas ruas.

Estas foram feitas no sentido Leste/oeste, em continuação ás da cidade: Litorânea Oeste/Leste n° 1, Oeste/Leste n°2 e Oeste/Leste n° 3; e no sentido Norte/Sul: Litorânea Norte/Sul n°1, Norte/Sul n°2, Norte/Sul n°3, além da estrada dos Passos. Foi também definido um espaço para uma bela praça, que ficou limitada a partir da elevação iniciada na Norte/Sul n°2, tendo pelo lado esquerdo a Norte/Sul n°2 e, à direita, o edifício do Estabelecimento dos Educandos Artífices (AMAZONAS, 1996, p.87).

Deusa Costa, em seu livro “Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana” (2014), busca traçar os rostos da classe trabalhadora de Manaus no período que compreende 1890/1915, algo segundo autora, difícil de se fazer. Ela também aborda as relações de trabalho, e aspectos importantes a serem debatidos, sendo um deles a quantidade de hora trabalhada por dia, que variava entre 10 e 15 horas por dia. A autora faz um levantamento das greves da década 1910 e 1920, e a principal motivação era os salários atrasados. “[...] o processo de regularização do assalariamento que qualifica o trabalho livre ainda era, nesse momento, um dos principais pontos de pauta das lutas organizadas, as greves, dos trabalhadores de Manaus” (COSTA, 2014, p.67).

Outra questão sobre as relações de trabalho em Manaus, trazida por Costa (2014), é sobre o trabalho compulsório<sup>6</sup>, em que os imigrantes eram perseguidos para serem transformados em mão de obra forçadamente e sem direitos. O trabalho compulsório era direcionado a adultos e também a crianças.

Relativamente ao trabalhador adulto, a modalidade de trabalho compulsório parece ter se desenvolvido mais destinada para fornecimento de braços às áreas de seringais que se espraiavam pelo interior dos rios, sendo a cidade um dos espaços de recrutamento. O braço policial, com ações coercitivas traduzidas pelas “ prisões para averiguações”, atuava fornecendo mão de obra a esses lugares longínquos (COSTA, 2014, p. 69).

Os nordestinos e estrangeiros eram perseguidos pela força policial para serem esse sistema de trabalho; até serem presos para averiguações bastava ser suspeito, era como o poder público via essa parte da população, como uma constante ameaça à ordem urbana. “[...] as prisões de espanhóis, portugueses, italianos e sírios em Manaus eram as mais constantes. A multidão estrangeira, desconhecida, era visualizada e tratada como ameaça” (COSTA, 2014, p.70). Já sobre o trabalho compulsório do menor, este era realizado através da tutoria legal<sup>7</sup>.

Braço imprescindível em atividades domésticas e braçais, no comércio ou setor de serviços, os menores e adolescentes – fossem indígenas, interioranos (filhos de ribeirinhos despossuídos), nacionais ou estrangeiros – valiam pouco como força de trabalho remunerada, executando trabalhos em regime compulsório. Não

---

<sup>6</sup> Trabalho compulsório. Trabalho que alguém realiza forçadamente, caracterizado pela exploração da mão de obra e perda dos direitos do trabalhador; trabalho forçado, trabalho escravo.

<sup>7</sup> Tutoria legal era um mecanismo jurídico de tirar as crianças da rua ou da casa de pais que não tinham condições de cuidar para recolocá-las em um lar que fosse confiável e saudável. Outro ponto importante é que qualquer ato que fosse considerado imoral os pais podiam perder seus filhos.

representando, nesse caso, um fator considerável no complemento orçamentário doméstico (COSTA, 2014, p. 74).

Além da tutela, o poder público precisava gerar mão de obra qualificada e, para isso, criou duas instituições para preparar os jovens órfãos e os que eram retirados dos pais e aldeias para o mercado de trabalho. E o Educandos Artífices, localizado na Orla do Bairro Educandos, é criado como a primeira Instituição com essa finalidade, em 1856, que buscava profissionalizar com caráter corretivo as crianças indígenas e mestiças do sexo masculino. Já a segunda Instituição criada era destinada a menores do sexo feminino, o Instituto Benjamim Constant, em 1892 (COSTA, 2014).

Mesmo assim, Dias (1999) ressalta que existiam duas realidades totalmente diferentes, e que precisam ser consideradas. A primeira vem do fato do grande fausto de riqueza e prosperidade ser privilégio de uma pequena parcela da elite extrativista. A segunda parcela que compõe a população mais pobre, fazia parte dos “esquecidos do fausto”, e era esse grupo que a política do Estado e das lideranças econômicas lutava para combater. Eles moravam em áreas mais afastadas do centro da cidade e sofriam pelas medidas de controle sobre suas vidas, hábitos, costumes, trabalho e lazer. Em 1865, o Instituto de Educandos aparece nos relatos dos Agassiz enquanto lugar do emprego de instrumentos imateriais de silenciamento e condicionamento a normas “civilizantes”. Tudo, como afirma Dias (1999), que ameaçasse a imagem de cidade civilizada que os governos estavam tentando construir era preocupação do setor dominante, nada que impossibilitasse os possíveis investidores na capital podia ser permitido.

Norbert Elias, sociólogo alemão, é um dos mais importantes do século XX, que dedicou espaço em suas obras mais conhecidas a estudar sobre o conceito de civilidade, esse tão propagado modo de vida que era e é difundido para se alcançar a modernidade. Em “O processo civilizador: Uma história dos costumes” (1994), o autor analisa os efeitos da formação do Estado moderno sobre os costumes e a moral dos indivíduos, fala sobre os comportamentos típicos do homem civilizado ocidental e como esse processo de civilidade foi construído. “O homem ocidental nem sempre se comportou da maneira que estamos acostumados a considerar como típica ou como sinal característico do homem civilizado” (ELIAS, 1994, p.13). Por civilização, afirma que:

O conceito de ‘civilização’ refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada á que não possa ser feito de forma ‘civilizada’ ou ‘incivilizada’. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que e pode descrever como civilização (ELIAS, 1994, p.23).

Esse conceito de civilidade se manifesta sobre a consciência que o Ocidente tem sobre si, uma consciência também nacional, pois procura exaltar o caráter especial que se tem. Entre as coisas a exaltar está o orgulho de suas tecnologias, suas maneiras, sua cultura científica e a visão que tem do mundo. Em relação à construção da civilidade nos costumes, Elias (1994) diz que essas transformações a princípio estão relacionadas a uma dinâmica das classes sociais, quando uma classe social superior procura se distanciar das outras e cria outros padrões de comportamento para se diferenciar, e que historicamente, com o tempo, as outras classes passam a adotá-los. Esses novos padrões de comportamento inicialmente seriam reproduzidos de forma consciente e, com o tempo, iriam deixando de ser percebidos e se tornando naturais. Elias (1994) fala que se trata de uma mudança na estrutura da personalidade da sociedade. No seu livro citado anteriormente, o autor traz os manuais de etiqueta e de boas maneiras que visavam transformar a educação infantil condizente aos desejos das classes dominantes no final da idade Média, e que mudaram os comportamentos sociais e as relações entre grupos e pessoas. Ele afirma que nem sempre essas regras de comportamento eram impostas pelo Estado, porém algumas, se não fossem seguidas, teriam punição, que ia de uma desaprovação a até mesmo a exclusão daqueles que não as respeitassem. Dessa forma, o autor fala sobre pontos importantes acerca desse processo civilizador, o autocontrole para buscar o equilíbrio entre os interesses individuais e os interesses coletivos na sociedade. Fazem parte da análise desse processo civilizador a coerção externa que era imposta pelo Estado, com punições e penalidades a quem não a segue, e a autocoerção, que era a educação de civilidades dos manuais de etiquetas.

Em Manaus, os códigos de posturas eram ferramentas de controle bastante usadas nesse período de transformação social que se dava na insurgente cidade para civilizar a pequena aldeia. Eram mecanismos utilizados pelo poder dominante sobre a população, e que Foucault (2013) chama de dispositivo, que é uma ferramenta conceitual para se pensar as relações de poder e as estratégias de poder. O autor define como sendo:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2013, p.364).

Pode-se dizer que dispositivo é um mecanismo de exercício de controle sobre o ser humano pelas agências de controle, e essas agências são as instituições como o Estado, Igreja, família e escola. Esse controle pode ser direto ou imposto de maneira silenciosa com intuito de mascarar ou justificar tal prática, e são utilizados mecanismos de controle diversos que, muitas vezes, a própria sociedade naturaliza no seu dia a dia. Sobre esse poder de dominação, Foucault explica que é uma relação de forças desigual, porém estabilizada. O dispositivo coordena a estratégia de dominação, que busca manter a sociedade “sobre controle”, tudo que fuja do que esteja estabelecido como normal e aceitável precisa ser silenciado. Pode ser o dito e o não dito, a forma que ele caracteriza os elementos discursivos como sendo a episteme, e os elementos não discursivos como sendo as instituições.

O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. [...] existe aí um imperativo estratégico funcionando como matriz de um dispositivo, que pouco a pouco tornou-se o dispositivo de controle dominação da loucura, da doença mental, da neurose (FOUCAULT, 2013, p.365).

O objetivo era o de separar essa cidade faustosa da elite extrativista dos esquecidos do fausto, que compreendia a classe trabalhadora, os pobres, prostitutas, pedintes... “[...] os pobres da cidade eram pessoas encarregadas da realização de várias tarefas, profundos conhecedores do espaço urbano, levavam cartas, despejavam o lixo, transportavam água, faziam parte da paisagem urbana” (DIAS, 1999, p.133).

É no intuito de manter a cidade e as pessoas sobre controle que surge os Códigos de Posturas. Com a criação do Código de Posturas do ano de 1869, a ligação que a população local tinha com a água foi sendo cada vez mais condenada pelo poder público, que considerava as atividades realizadas por parte dos locais, como as das lavadeiras, algo imoral, e que deveria ficar longe dos olhares da sociedade. Quem ainda mantivesse contato com as águas dos igarapés, era visto como mal-educado e selvagem, portanto, deveriam usufruir em lugares específicos determinados pelo governo.

As imposições e orientações dispostas nos Códigos de Posturas, desde o início da segunda metade do século XIX, demonstram a necessidade de organizar a feição e a imagem da cidade e de orientar e normatizar os comportamentos sociais, revelando novos padrões (GROBE, 2014, p.49).

No ano de 1872 é promulgado novo Código de Posturas Municipais de Manaus, que por sua vez vai apresentar um novo discurso sobre a preocupação para como o embelezamento que era previsto para a cidade.

O primeiro tema do documento trata do “Aformoseamento e regularidade da cidade e subúrbios”, que já no seu Art. 1 vem determinar que os edifícios e/ou muros construídos “dentro dos limites da cidade” devem ter “uma aparência elegante”, definindo padrões para as alturas, as aberturas, portas e janelas, assim como os alinhamentos permitidos pela Câmara, devendo assim serem aprovados antes da construção, mais a frente, no Art. 3, o documento proíbe a construção de edificações cobertas de palha, em área delimitada entre as ruas “dos Remédios, Boa Vista, Espírito Santo, Marcílio Dias, Flores, Imperador, Brazileira, Manãos até o Aterro, Henrique Martins, Cinco de Setembro, S. Vicente, Independência e Travessas que lhes são correspondentes, e em todas as Praças”. É interessante notar que estes padrões de embelezamento excluíam os ‘arrabaldes’, desenhados pelos igarapés que limitavam a cidade (GROBE, 2014, p. 90).

No que diz respeito ao uso dos igarapés, O código de Posturas de 1872 não retirou nada, mas acrescentou restrições em relação ao de 1869, e segundo Grobe (2014), o Art. 69 passa a proibir que se venda peixe fresco em canoas, sendo no mercado o único lugar permitido. Também é proibido as tapagens nos lagos e igarapés utilizados para lancear peixe-boi e tartaruga. Outro ponto abordado é disposto no Art. 75, em que se torna proibido tomar banho nu, lavar roupa e animais à margem do rio e igarapés que sejam próximos das fontes de água que a fornecem para o consumo. Essas imposições eram enfatizadas para a área que configurava a zona urbana, assim, os bairros mais afastados não entravam em tais imposições ou tinham regras menos rígidas, o que demonstra que o objetivo principal era afastar a população incivilizada para longe dos olhos da cidade moderna.

Todo esse contingente humano trabalhador cosmopolita foi sofrendo disciplinamentos tanto nos espaços laborais (conduta, relação com o patrão, horas de trabalho) quanto no espaço da cidade (uso do espaço urbano para o trabalho, formas de habitar e divertir-se). O principal agente de tais ações era o aparelho administrativo cidadão, o poder público municipal, assim organizado pela República: a Intendência Municipal era composta pela Superintendência, que exercia a função executiva, pelo Conselho deliberativo dos intendentes e braços auxiliares/ fiscalizadores da Polícia Civil e Polícia Sanitária (COSTA, 2014, p. 91).

A responsabilidade de impor e identificar as regras era da Intendência Municipal, que identificava a multidão para obrigar os registros e tornava possível o controle sob a massa trabalhadora e pobre da cidade. “Impunham-se controles aos diferentes usos da cidade, pela fiscalização das normas das Posturas e dos Regulamentos” (COSTA, 2014, p. 92).

Para atingir o objetivo de transformar a pequena aldeia que era em uma grande urbe, em 1892 o governador Eduardo Ribeiro dá início a um ambicioso projeto de transformação da cidade, tendo continuidade pelos governos sucessores, e que englobava saneamento, aberturas de ruas, coleta de lixo, construção de edifícios públicos, serviços de telefonia, bondes elétricos, arborização e residências confortáveis, que iam atestar a modernidade da cidade (DIAS, 1999). Mesquita (2019) afirma que Manaus estava dentre as poucas cidades brasileiras que vivenciaram a *Belle Époque* que, finalizando século XIX, colhia os frutos da próspera situação financeira que estava sendo fornecida pela borracha, e que propiciou uma nova era econômica e repercutiu em todos os setores da sociedade. A *Belle Époque* europeia, segundo Lima (2018), foi um período de “bela época” que teve reflexos por vários cantos do mundo, inclusive no Brasil. A autora traz uma discussão sobre seu início que comumente é abordado como sendo 1900, porém, muitos autores não concordam, pois afirmam que considerar esse ano como sendo inicial, desconsidera as mudanças que já vinham em curso e, assim, consideram o ano de 1871 como o marco, pois foi o momento da assinatura do tratado de Frankfurt, que permitia um período de paz e desenvolvimento para as potências europeias. Um dos motivos que possibilitou que estes avanços ocorressem foi a Segunda Revolução Industrial, sobre a qual Lima (2018) diz que a partir de 1850 os avanços do setor industrial e tecnológico permitiram que as estradas de ferro se expandissem, como também novas formas de energia, comunicação, transporte e usos de materiais.

Para comandar as necessárias mudanças, o Imperador escolheu o prefeito do antigo departamento do Sena Georges-Eugène Haussmann, mais conhecido como o barão de Haussmann, e um dos primeiros planejadores urbanos. Ele governou de 1853 até 1870 e “reconstruiu” Paris ao demolir antigas ruas, casas e pequenos comércios, e reorganizou a cidade sob a lógica geométrica de grandes avenidas que facilitariam a vigilância policial, dificultando assim os levantes populares e barricadas, muito frequentes nesse período político bastante conturbado na França (LIMA, 2018, p.2).

Os anos que compreendem as décadas de 1880 a 1910, são trazidos por Santos (2015) como sendo um período de euforia que marcou a sociedade do Amazonas e do Pará por

consequências das conquistas materiais trazidas pela economia da borracha, que marca a *Belle Époque* da região amazônica.

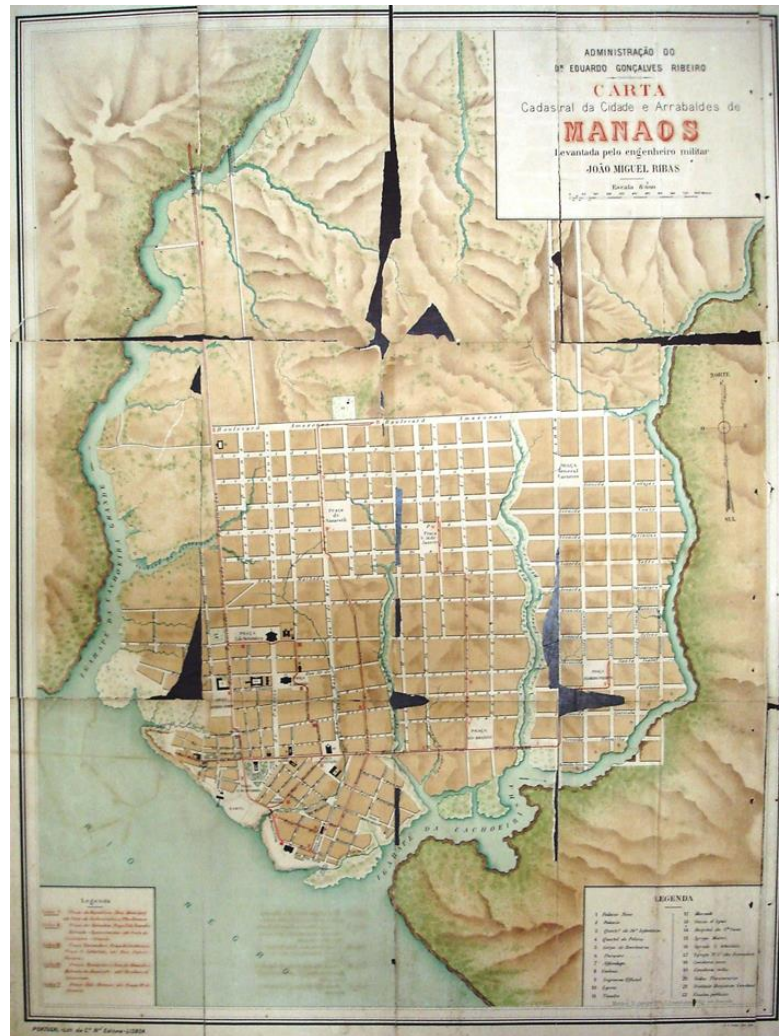
[...] as transformações empreendidas durante o período de 1880 a 1910 reclassificaram o status social de tal forma que imprimiram numa memória comum a impressão de um tempo magnífico fruto da lembrança em que apenas se pondera os valores indicativos de uma economia internacional (SANTOS, 2015, p.2).

O governo de Eduardo Ribeiro foi o que mais promoveu melhoramentos no visual da cidade, e não se deve apenas ao fato da prosperidade financeira na qual a cidade se encontrava, mas também se atribui à sua liderança política, sendo apontado como um grande responsável pela definição da “vitrine”. Porém, vale ressaltar que “[...] o projeto de embelezamento não deixava de ser uma maquiagem da realidade, um artifício para iludir ou, ainda, um embelezamento para entreter” (MESQUITA, 2019, p. 145).

Com o contínuo discurso de melhoramento urbano, fazia-se a separação entre as classes e a exclusão das que não pertenciam à parte da elite extrativista dos espaços modernos da cidade, pois não os consideravam nos projetos urbanos como mão de obra que convivia na cidade. Essa segregação não ocasionou de imediato a expulsão do trabalhador, nativos e imigrantes para as periferias “[...] a fase das principais reformas, entre as décadas de 1890 e 1910, a segregação se apresentou como tendência crescente, mas não se deve, por isso, entendê-la em termos absolutos. O processo de expulsão do trabalhador e do pobre urbano do centro da cidade não foi linear e direto” (COSTA, 2014, p.109).



**MAPA 5: MANÁOS, 1898.**



Fonte: Arquivo digital do IPHAN.

Muitos dos serviços propostos para organizar a cidade, eram também para torná-la civilizada. No entanto, sua aplicação era bastante deficiente, não atendia a toda a população, e a pequena parcela que tinha direito ainda reclamava pela ineficiência deles. Porém, Costa (2014) diz que dos atores sociais os que menos tinham poder de interferência nos espaços da cidade eram os trabalhadores e os pobres urbanos, e os que tinham voz eram os moradores, administradores públicos, médicos sanitaristas, proprietários, a elite comercial.

Os problemas que as classes trabalhadoras e os pobres urbanos enfrentavam para conquistar o direito de habitar o centro da cidade eram vários, e os problemas da habitação foram um dos condicionantes para que essas populações procurassem ir morar nos bairros mais afastados da cidade. Sobre os problemas da habitação, Dias (1999) afirma que o poder público expressava alguma preocupação com a situação das habitações da classe trabalhadora, pensando

na construção de Vilas Operárias, mas não foi viabilizada. A superintendência Municipal incentivou que essas vilas fossem construídas por iniciativa privada, isentando os impostos prediais por 15 anos, porém, os projetos ficaram inviabilizados quando foi exigido que os contratantes se responsabilizassem pelas desapropriações e solicitação de aprovação da tabela dos aluguéis que deveria ser apresentada por eles. As exigências fizeram com que os investidores continuassem a construir prédios no centro.

[...] as reformas não vieram acompanhadas de um investimento no setor habitacional, gerando uma situação caótica. As desapropriações eram recorrentes. Em nome não só do embelezamento da cidade, como também do que fosse mais racional para construção/desenho da malha urbana, os moradores que não podiam obedecer aos Códigos de Posturas iam sendo empurrados para as periferias mais próximas, como o bairro dos Tocos e Cachoeirinha; e, mais tarde, para as mais distantes como Mocó, Girau, estrada do Telégrafo, São Raimundo, Flores, Educandos ou Constantinópolis e Colônia Oliveira Machado (COSTA, 2014, p.114).

Para os excluídos da modernidade, dentre as opções de morar no Centro eram cortiços insalubres ou os porões dos patrões. Outra alternativa era ir morar na periferia da cidade. Os serviços de luz elétrica, saneamento, alinhamento das ruas, entre outros melhoramentos, ajudavam a valorizar o espaço urbano para o investimento do capital imobiliário, porém dificultava a permanência de habitações populares nesse mesmo centro, porque além dos Códigos de Posturas, também existiam leis que proibiam a construção de cortiços e outras que incentivavam a construção planejada.

Os moradores reclamantes põem a público que morar em condições insalubres não eram uma opção ou um hábito popular como comumente lhes imputavam os higienistas. Essa argumentação acabou gerando um conceito incorporado nos discursos do poder público: o de que o pobre é imundo ou não gosta de asseio. A associação pobre-sujeira foi fator justificativo das intervenções arbitrárias e coercitivas dos modos de vida desse segmento social, visualizado como ameaça à implementação da cidade higiênica (COSTA, 2014, p.119).

Os serviços de melhoramento urbano não atingiam as classes trabalhadoras, é o caso da implantação da rede de esgoto, sendo uma das prioridades apresentadas e, contudo, levaria anos para começar a ser concretizada; somente em 1906 é que se inicia sua construção, como traz Dias (1999), afirmando que quando finalmente foi implantada a rede de esgoto esta era de acordo com as modernas exigências sanitárias, mas alcançou apenas parte da população, aquela que compreendia o centro da cidade, sendo que a população dos bairros mais afastados não foi

contemplada. E assim também aconteceu com o fornecimento de água encanada, o serviço de limpeza pública e energia elétrica. São alguns exemplos da diferença notada em relação ao que era vivido naquele período. “Assim como outros serviços de limpeza não se estende a cidade como um todo. Os moradores dos bairros mais afastados reclamam, solicitam através da imprensa os benefícios de remoção de lixo e limpeza pública” (DIAS, 1999, p.74). A energia elétrica já era realidade no centro de Manaus desde do final do século XIX, mas no Educandos essa realidade só chega em 1958; antes disso era iluminado por lampiões. “No dia 8 de Janeiro de 1958 o povo festejou a chegada em Manaus da Usina flutuante Dínamo, com quatro potentes máquinas de 1.250 kilowatts cada uma” (AMAZONAS, 1996, p.57).

O período Áureo da Borracha proporcionou muitas transformações no espaço urbano da cidade de Manaus, como nos costumes e culturas da população. Porém, esse império, já nos primeiros anos do século XX, começava a demonstrar a redução das rendas do Estado pela desvalorização da borracha que era produzida no Amazonas no mercado internacional. Em 1870, algumas sementes de seringueiras foram levadas para o Jardim Botânico de Kew, sendo posteriormente levadas e plantadas no Ceilão e em Singapura. Por desenvolver uma produção mais racional, de melhor qualidade, o oriente passa a ser o maior produtor de goma elástica, o que causa a crise econômica na Amazônia durante as primeiras décadas do século XX. A crise provocou o fechamento de diversas fábricas pela desestabilização de vários setores da indústria (MESQUITA, 2019). “Em 1920, estava definitivamente confirmada a falência da borracha na região. No ano anterior, o Brasil participava somente com 34.000 toneladas numa produção mundial de 423.000 toneladas, enquanto que o Oriente contribuía com 382.000 toneladas” (PRADO JR, 1945, p.239 apud MESQUITA, 2019, p.158)

A crise deixou grande parcela da população desempregada, e com o continuo aumento dos grupos de migrantes, houve mais problemas pela falta de habitação. Com isso, percebe-se o aumento de habitações em palafitas e flutuantes, em áreas não regulamentadas. Nesse contexto de crise e falta de moradia surge a Cidade Flutuante, erguida inicialmente em 1920, existindo até 1965, como afirma Almeida (2005). De acordo com o texto “A exótica cidade flutuante” (2016), publicado pelo Instituto Durango Duarte, a primeira casa flutuante construída no igarapé do Educandos foi a de João Aprígio, natural da Paraíba, em 1920. Sentindo os efeitos da crise e sem ter como manter sua família, ele juntou dois troncos de açacu e construiu a primeira casa flutuante do bairro, lugar que ele julgava ser o mais adequado para morar.

Em síntese, as formas da ‘cidade flutuante’ respondiam por um conjunto de casas de madeira, construídas sobre troncos de árvores capazes de torna-las flutuantes sobre as águas do rio Negro e igarapés de Manaus entre os anos de 1920, quando o ‘fausto’ da borracha chegou ao fim, e 1967, em meio à política de ‘integração’ nacional dos governos militares, quando se implanta na cidade uma zona de livre comércio, visando, em primeiro plano, retirar Manaus do marasmo econômico em que, oficialmente, se encontrava e, numa perspectiva macro, integrar uma região estratégica ao modelo internacional de produção capitalista (SOUZA, 2010, p.14).

Os flutuantes, segundo Souza (2010), começaram a ser retirados a partir da criação da Zona Franca de comércio, que visava trazer modernização e progresso para Manaus, do qual a cidade flutuante não fazia parte, pois era vista como um grave problema urbano, e que a única solução seria a total retirada dos flutuantes. O autor acrescenta que eles passaram parte do século XX como um território historiográfico de silêncio.

As discussões sobre a “cidade flutuante”, mesmo em uma historiografia regional, sempre foram raras, animando-se mais como um território historiográfico de silêncios. Sempre me surpreendi com a “invisibilidade” de mais de duas mil casas flutuantes abrigando, em seu auge na década de 60, mais de 12.000 habitantes! Moradores, trabalhadores, comerciantes, passantes que ali experimentavam suas vidas e ao mesmo tempo resinificavam os espaços marginais das ribeiras urbanas de Manaus. (SOUZA, 2010, p.152).

O Educandos seguia sendo um povoado pequeno, tendo suas primeiras ruas oficialmente abertas somente em 1901. A colina do Alto da Bela Vista, como era conhecida, só contava com o edifício dos Educandos Artífices, a Vila Neuza e Vila Peres, ambas construídas em 1891, como também três edificações da mesma tipologia arquitetônica. Anos depois, em 1906, foram construídos mais dois chalés e a Vila Cavalcante, em 1912 (AMAZONAS, 1996).

[...] vivendo uma vida melancólica, em suas casas de chão batido, cobertas de palhas, iluminadas por lamparinas de óleo de peixe, garantindo o sustento na pesca nos igarapés das redondezas, de onde provinha a água potável, da caça nas florestas mais adiante, da criação de aves e de porcos nos terreiros cercados de árvores frutíferas, com predominância das bananeiras, mangueiras, mamoeiros, sorva e tucumanzeiros em abundância. A maioria era construída de índios e outros genes procedentes do interior do Estado (AMAZONAS, 1996, p.18).

**FIGURA 11:** ESTRADA DE CONSTANTINÓPOLIS.

Fonte: Instituto Durango Duarte.

O Educandos, assim como os demais bairros suburbanos, não contava com coleta de lixo e outros serviços de limpeza pública. Era capinado e varrido uma vez por ano, ficando a cargo dos habitantes tratar o lixo e limpeza dos seus terrenos (COSTA, 2014). A colina era um lugar tranquilo, longe de toda a agitação que o Centro tinha com seu comércio, seus cafés e seus costumes europeus, do qual aquela pequena parcela da sociedade manauara não fazia parte. Foi em 1907 que o governo nomeou o bairro de Constantinópolis, como afirma, Amazonas (1996).

O impacto do homem, submetido apenas as coisas da natureza, doravante terá a frente os encargos de uma sociedade que se organiza. O bairro continua circunscrito no Alto da Bela Vista, com as suas seis ruas, tendo acesso a capital através das românticas catraias trazidas pelos portugueses, no porto original no início da já denominada rua Delcídio Amaral, via Lima Bacury, e no início da já denominada Manoel Urbano, via dos Andradas (AMAZONAS, 1996, p. 21).

Em 1920 o Educandos já consegue alguns avanços, com população de cerca de 4 mil pessoas, que já sente as mudanças e as necessidades impostas pelo progresso que cercava a cidade. Em 1927 é fundada a Sociedade Sportiva e Beneficente de Constantinópolis, liderada por Jacques de Souza Lima, Júlio Viana Barbosa e Pedro Telles de Castilhos Cruz, e que era formada por comerciantes, professores e pessoas de outros segmentos da população; essa

sociedade foi importante para o desenvolvimento do bairro, pois buscava melhorias. Conquista importante foi a construção de uma ponte que ligaria Constantinópolis ao bairro da Cachoeirinha, porém, quando a Sociedade Sportiva Beneficente se reuniu ao governador Ephigênio Ferreira de Salles para pedir a abertura da rua e a construção da ponte, este sugeriu que os próprios moradores fossem responsáveis em abrir tal estrada e o governo se encarregaria de construir a ponte. Tendo estabelecido um acordo entre ambos, a sociedade começou, em julho de 1928, a abertura da rua Constantinópolis (atual Leopoldo Peres) com recursos próprios dos comerciantes locais e da firma dos Irmãos Pereira (AMAZONAS, 1996).

A estrada de Constantinópolis começa a ser ocupada por estabelecimentos comerciais que permitem a venda de bebidas alcoólicas, e a registrar a presença das chamadas polacas, vindo a transformar-se, 20 anos depois, num dos maiores redutos da boemia da cidade (AMAZONAS, 1996, p.27).

As chamadas polacas eram as prostitutas que começavam a ocupar o bairro. Levanta-se a hipótese de que um dos motivos pelo qual se percebe o aumento dessas profissionais no Educandos seja a pressão das classes dominantes para criar a feição moderna e culta da cidade, fazendo-as mudar de local. Para o projeto de modernização de Manaus, tudo que atrapalhasse os investimentos e o desenvolvimento do trabalho era preocupação do setor dominante. E entre a parcela de pessoas que se buscavam combater como forma de excluir dos espaços urbanos, além dos pobres, eram os ditos desocupados, pedintes e prostitutas. Pois, segundo Dias (1999), eram mulheres de todas as nacionalidades, que vieram em busca do fausto da cidade. A imprensa solicitava que alguma medida fosse tomada para que não houvesse a dissolução dos costumes, pois afastavam as famílias do convívio das ruas e ambientes públicos.

Enquanto a imprensa se manifesta solicitando medidas para acabar com o mal que ameaçava tornar impróprio para o convívio familiar, sugerindo que as prostitutas fossem colocadas em ruas não atendidas pela eletricidade, expulsando-as do centro da cidade e confinando-as em lugares afastados, os coronéis de barranco divertiam-se com as polacas e francesas, enquanto as senhoras de respeito ficavam nos palacetes, cercadas de criadas e ocupadas em pequenos afazeres (DIAS, 1999, p. 150).

A Estrada de Constantinópolis também era conhecida pelo grande número de nordestinos que ali habitavam e trabalhavam. Mais tarde, aproximadamente em 1932, essas prostitutas que existiam no Educandos desde do período do Fausto da Borracha são expulsas das áreas mais importantes do bairro, sendo recomendado que ocupassem as áreas mais



afastadas da estrada Constantinópolis ou que fossem para a Vila Mamão, em Petrópolis (AMAZONAS, 1996).

**FIGURA 12:** ESTRADA DE CONSTANTINÓPOLIS.



Fonte: Instituto Durango Duarte. Acervo: João Bosco Araújo.

Nas primeiras décadas do século XX, percebe-se um crescente populacional no Educandos, e Costa (2014) diz que a crise nos anos 1915, juntamente com os problemas causados pela 1ª Guerra Mundial e pela epidemia palúdica, mostra uma cidade doente e empobrecida. “Toda essa conjuntura de crise promoveu, com maior agilidade, a dispersão das classes populares pelos subúrbios da cidade. Para os mais distantes, como São Raimundo, Educandos e Colônia Oliveira Machado, o igarapé funcionou como “ponte de travessia” (COSTA, 2014, p.166).

Diante do grave quadro que o paludismo provocara, vários postos de saúde foram instalados. Inicialmente, o posto de Constantinópolis foi projetado para atender a população dos dois subúrbios. Somente após várias reclamações e um abaixo-assinado dos moradores da Colônia, argumentando a dificuldade de deslocamento dos doentes para o atendimento no bairro contíguo, já que além da caminhada tinham que atravessar o igarapé que os separava, é que o superintendente Dorval Porto reconheceu e autorizou a instalação de um posto específico (COSTA, 2014, p.163).



**Figura 13:** Bairro Educandos visto ao fundo, aproximadamente em 1935.

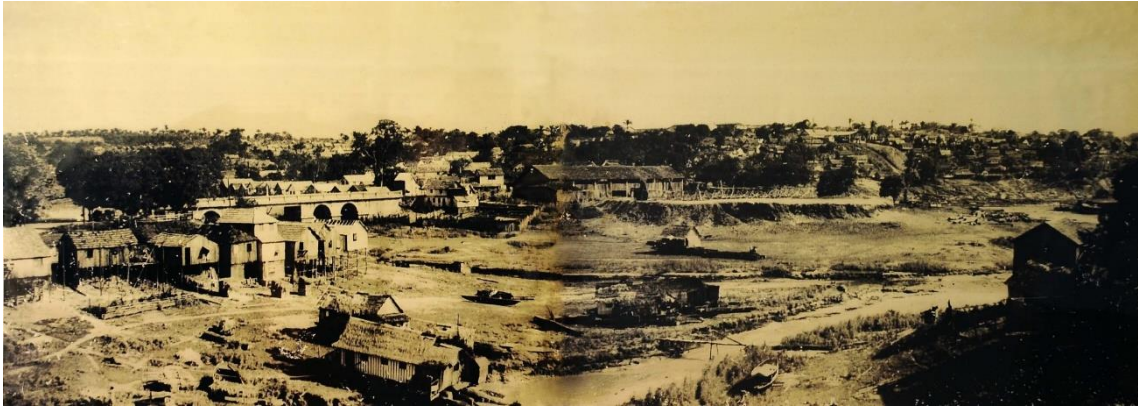


Fonte: Instituto Durango Duarte.

Com o expressivo crescimento populacional do bairro de Constantinópolis e a necessidade de expandir os limites da cidade, viu-se que a construção de uma ponte que ligasse o bairro ao restante da cidade não poderia ser mais adiada. E foi em 2 de setembro de 1926 que o deputado Francisco Galvão apresentou o projeto nº28. Outras vezes já havia se pensado em construir uma ponte no bairro, sendo a primeira vez no governo Eduardo Ribeiro, que assinou a Lei 62, de 18 de outubro de 1926, para a liberação de verba para que se construísse uma ponte metálica sobre o igarapé do Educandos. Todavia, não houve continuidade. A construção foi realmente iniciada dia 2 de janeiro de 1929, com duração de 10 meses, sendo inaugurada em 27 de novembro daquele ano (DUARTE, 2009).

No dia 27 de novembro de 1929, às 15 horas, com a presença da banda de música da Força Pública, o governador Ephigênio de Salles iniciou com um breve discurso a solenidade de inauguração da ponte, que foi batizada com o seu nome. O engenheiro Antônio Rodrigues Vieira Júnior também discursou, mas a solenidade foi encerrada pelo presidente da Associação Beneficente Sportiva de Constantinópolis, odontólogo Jacques de Souza Lima, que agradeceu a obra em nome da população do bairro (AMAZONAS, 1996, p. 129).

**FIGURA 14:** PONTE EPHIGÊNIO SALLES, 1940.



Fonte: Manaus entre o passado e o presente. Autoria: Moacir Andrade.

A ponte foi reformada em 1936 pelo prefeito Antônio Botelho Maia, acrescentando a proteção lateral e um novo calçamento (DUARTE, 2009). Foi questionado em 1946 sobre a localização na qual a ponte fora construída, tendo em vista que a maior parte da população da época morava no já chamado Alto da Igreja, que dependia de ônibus, e ainda assim passavam pela falta recorrente do recurso, e as catraias continuavam sendo o meio de transporte principal. “Em 1939 Educandos está com 6.009 habitantes, 31 residências térreas, 1333 macambos e 3 sobrados” (AMAZONAS, 1996, p.27).

Educandos vai viver também duas tragédias entre os anos 45 e 46, que ficarão marcados em sua história. No dia 29 de setembro de 1945 irrompeu um incêndio na estrada de Constantinópolis, alastrando-se pelo velho campo da Vista Alegre, já transformado em rua com aquele nome (AMAZONAS, 1996, p.31).

Em 14 de março de 1947, na coluna escrita por M. J. Antunes para “O Jornal”, traz-se reclamações feitas pela população do bairro Constantinópolis para serem direcionadas ao Capitão dos portos Antônio Borges da Silveira Lôbo. Nelas, buscavam uma solução para o aumento das tarifas cobradas pela travessia nas pequenas embarcações que faziam a locomoção de pessoas do bairro em direção à cidade e vice-versa. Na matéria, é relatado como um bairro de proletariado e populoso. Foi até o jornal um grupo de trabalhadores, estudantes, homens e mulheres que utilizavam as embarcações para se direcionar à cidade, e consideravam injusto o pedido para que se aumentasse o valor das tarifas, considerando-se a humilde população residente no bairro (O JORNAL, 1947).

Em quase toda totalidade, os moradores daquele bairro empregam suas atividades em escritórios, oficinas, e estabelecimentos fabris situados desta outra margem do rio e que terão, forçosamente, de se utilizar das embarcações, cuja taxa de transporte vem de ser elevada. São, da mesma forma, estudantes pobres, mantidos com grandes sacrifícios por seus pais, que, também, terão suas atividades prejudicadas por essa elevação, uma vez que nem sempre disporão do necessário numerário para o transporte para a cidade afim de frequentarem seus colégios e institutos educacionais (ANTUNES, 1947, p.03).

O meio de transporte desde que se percebeu os primeiros moradores na colina eram as catraias, pequenas embarcações que faziam a travessia do Educandos para o centro e outras partes da cidade. Atualmente, esse meio de transporte ainda é utilizado pelos moradores do bairro, sendo menos comum, pois hoje a maioria deles utiliza ônibus e carro privado para se locomover. Duarte (2009) diz que a situação só iria mudar para os moradores do Alto da Igreja com a construção da ponte Antônio Plácido de Souza, inaugurada em 18 de novembro de 1975, durante a gestão do prefeito Frank Abraham Lima. Mesmo o Educandos já se encontrando com duas pontes que o ligava ao resto da cidade, Ephigênio de Salles e Juscelino Kubitschek, houve necessidade de que fosse construída uma ligação direta do bairro ao centro da cidade. A primeira intenção dessa construção foi em 1912 por Tristão de Salles, porém o retorno sobre a discursão referente a essa ponte só viria cinquenta anos depois, na administração de Paulo Nery. Apesar de que Nery quisesse iniciar a construção da ponte durante seu mandato, somente em 1973 foi que as obras se iniciaram, na administração de Frank Lima. Foi inaugurada em 18 de outubro daquele ano, denominada Ponte Antônio Plácido de Souza, em homenagem ao pároco importante para a história do bairro, pela Lei 1.223, no dia 10 de outubro de 1975. “Com a presença de aproximadamente 4 mil pessoas foi inaugurada ontem, pelo Prefeito Jorge Teixeira a ponte ‘Antônio Plácido’ ligando o bairro do Educandos ao Centro” (JORNAL DO COMMERCIO, 1975).

**FIGURA 15:** CONSTRUÇÃO DA PONTE ANTÔNIO PLÁCIDO DE SOUZA.



Fonte: Instituto Durango Duarte, 1970. Acervo: Frank Abraham Lima.

Pra lá outra cá, 320 metros de comprimentos, distribuídos em 8 vãos de 40mts cada, numa largura de 12 metros, mão e contramão, além do guarda-corpo, que quer dizer passagem para pedestre. A altura do vão do meio, na vazante, terá 20 metros, e na máxima cheia, 11,50 mts, o que significa que as embarcações não ficarão prejudicadas em seu tráfego normal pelo igarapé. DO lado de cá, da cidade, vai começar na Quintino Bocaiuva, lá pela metade do quarteirão entre a rua Isabel e a beira; do lado de lá pela rua Delcídio do Amaral (JORNAL CIDADE, 1975).

O Padre Antônio Plácido é personagem importante na história do bairro Educandos. Nasceu em 19 de fevereiro de 1906, em Anvires, no município de Careiro, Fortaleza/CE, e morreu no dia 28 de junho de 1966 no Hospital da Sociedade Beneficente Portuguesa. Os moradores do bairro o comparavam a padre Cicero, com sua importância para o nordeste. Por esse motivo a ponte foi nomeada em sua homenagem (AMAZONAS, 1996).



**FIGURA 16:** CONSTRUÇÃO DA PONTE ANTÔNIO PLÁCIDO DE SOUZA.



Fonte: Cleoberto Lopes de Castro.

O Educandos recebe obra de pavimentação das suas ruas no mesmo ano da construção da ponte Antônio Plácido, também obra inaugurada no mandato do prefeito Jorge Teixeira, “Desde as 8 horas e 30 minutos que o povo aglomerava-se nos dois lados da ponte. Vez por outra um foguete estourava. Nas ruas de Educandos, viem-se bandeirolas multicoloridas e placas com dizeres alusivos ao acontecimento” (JORNAL DO COMMERCIO, 1975).

Na matéria do “Jornal do Commercio”, acrescenta-se sobre o moderno sistema viário do bairro que havia sido inaugurado pelo prefeito Jorge Teixeira, e afirma que os trabalhos de pavimentação das ruas do Educandos tiveram duração de vários meses, mas finalmente o povo ganhou modernas ruas e amplas avenidas, como é o caso da Avenida Leopoldo Peres que foi ampliada, e do Boulevard Rio Negro (baixa da égua), agora considerado como um dos pontos mais bonitos e atraentes da cidade.

O Educandos hoje é um bairro o qual tem uma vasta área comercial, mas que vive ainda com grandes desigualdades sociais. A avenida Leopoldo Peres deixa de ser um reduto de boemia e é hoje uma grande concentração de comercio e serviços.

A avenida constantinópolis e suas vicinais viriam a se constituir no maior redutor da Boemia entre os anos de 1940 e meados de 1970. Com o advento da Zona Franca de Manaus os enfeinhos foram paulatinamente engolfados pelas lojas de grande porte que foram se instalando na avenida. Passado o bom do setor comercial, acontecido entre meados dos anos 70 e início dos anos 80, não resta dúvida que a atual avenida Leopoldo Peres é importante corredor comercial e participa com uma grande fatia das receitas públicas, além de ser um instrumento de absorção da mão-de-obra de grande representatividade para o desenvolvimento social e econômico do bairro (AMAZONAS, 1996, p.105).

Porém, paralela à essa avenida há uma paisagem abandonada, cheia de pobreza e mazelas sociais, de pessoas que sofrem com o silenciamento e o esquecimento. É o que se vê na orla do bairro Educandos, atualmente. É preciso refletir sobre essa dualidade de dois mundos em um mesmo bairro, de um lado um Educandos do comércio e financeiramente próspero, e do outro pobreza, tráfico de drogas e abandono. É preciso entender as paisagens que compreendem os espaços urbanos desse bairro, não somente a orla, mas o bairro como um todo, entender as demais paisagens urbanas que foram silenciadas e caíram no esquecimento de sua memória, e buscar de alguma forma quebrar esse silêncio.

## CAPÍTULO 2 – ARQUITETURA DA PAISAGEM: AS FORMAS DE CONTER OS ESPAÇOS DA CIDADE.

### 2.1. Paisagem

Vários são os significados e interpretações em que a paisagem pode ser entendida, são representações que podem ser físicas, simbólicas, culturais, morfológicas, urbanas, enfim, diversidade em um único termo. Partiremos do princípio de analisar a paisagem como algo dinâmico, que faz parte do processo social, econômico, e político que as modificam e estão em constante transformação.

Uma paisagem não pode ser pensada isoladamente, em caixinhas de significados, pois existem aspectos que se relacionam e se completam. A partir de Anne Cauquelin (2007), que em seu livro “A Invenção da Paisagem” faz uma investigação sobre a origem do conceito, mesmo considerando difícil se tratar o começo e apontar o momento exato em que esse conceito foi criado, ela aborda como a paisagem pode ser considerada algo imbricado ao sujeito. É na paisagem urbana que as memórias das pessoas ganham um cenário, seu cotidiano e os acontecimentos que marcam suas vidas. Vemos isso na Orla do Educandos, é uma paisagem que carrega várias memórias, significados e sentimentos de uma população que se constituiu enquanto numa cidade desigual, que não oferece as mesmas oportunidades a todos.

**Figura 17:** Campo de futebol feito por crianças que moram nas palafitas do Educandos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.



A paisagem passa a ser entendida como termo e noção em 1415, como afirma, Cauquelin (2007), e acrescenta que teria sido inicialmente referenciada na Holanda e ganharia força na Itália a partir da elaboração das leis da perspectiva, e passaria a triunfar posteriormente passando a existir por ela mesma, deixando de ser um papel decorativo e se tornando elemento principal. A autora continua afirmando a importância de a paisagem ter começado a ser representada nas pinturas dos quadros e obras de artes, pois gerou curiosidade em olhá-las com mais atenção, tendo em vista que era uma representação do real. Porém, a paisagem sai dessa dimensão do natural e imutável das obras de artes, e passa a ser entendida como a forma em que culturas e sociedades são refletidas nos espaços que ocupam. Hoje são registradas através das fotografias, que também precisam ser entendidas como componente de um discurso. As práticas imagéticas, assim como a arte, não devem ser entendidas apenas como ilustrações, elas são ferramentas analíticas dessas paisagens reais e devem ser usadas como tal, para o entendimento da paisagem urbana do Educandos e toda a memória concretizada nela.

**FIGURA 18:** ORLA DO EDUCANDOS.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

O elemento simbólico da paisagem é abordado por Besse (2014), que fala sobre o que é vivido e sentido a partir da experiência do sujeito ao se deparar com uma paisagem, assim como sua experiência através de representações artísticas, científicas ou espirituais do qual ela é objeto. Tem um aspecto referente à relatividade do significado que é atribuído à paisagem, pois depende do sujeito que a observa, sobre o que pensa, percebe e o que diz a respeito dela. Essa



relação simbólica e o caráter relativo do significado da paisagem nos mostra a amplitude de significados que a paisagem do Educandos pode despertar em cada observador. O que para alguns pode ser visto como feio e até “patológico”, para outros pode ser visto como a construção cultural de uma população ribeirinha e os modos de construir suas habitações, uma visão talvez um pouco romântica de uma população pobre que sofreu os impactos da desigualdade. O significado que um morador de palafitas atribui a suas paisagens, é diferente de quem apenas as observa, mas não a vive.

Se me fosse pedido para definir o conceito de paisagem urbana, diria que um edifício é arquitetura, mas dois seriam já paisagem urbana, porque a relação entre os dois edifícios próximos é suficiente para libertar a arte da paisagem urbana. As relações entre os edifícios, e o espaço entre eles, são questões que imediatamente se afiguram importantes. Multiplique-se isto à escala de uma cidade e obtém-se a arte do ambiente urbano; as possibilidades de relação aumentam, juntamente com as hipóteses a explorar, e os partidos a tomar (CULLEN, 2018, p.135).

Já Cullen (2018), vai discutir o conceito de paisagem da perspectiva do urbanismo. Ele diz que, dependendo da perspectiva visual do sujeito em relação a uma paisagem urbana, podem ocorrer assimilações diferentes a determinados espaços. Por exemplo, a imagem de uma composição de avenida em linha reta ou de um conjunto de prédios iguais podem se tornar monótonas ou não, dependendo da perspectiva visual do observador. O que cada conceito nos mostra é que não se pode desvincular a paisagem de quem a observa e vivencia. As pessoas fazem parte da construção do ambiente urbano, são elas que vivem diariamente os desafios e os benefícios da cidade, e cada uma terá formas diferentes de ver, de eleger o que é mais importante ou não, por isso a necessidade da interdisciplinaridade para entender a amplitude de questões que fazem da paisagem um produto da ação humana.

## **2.2. A Interdisciplinaridade no Estudo da Paisagem Urbana.**

A interdisciplinaridade é um viés indispensável para se pensar a paisagem urbana. Tendo em vista que é um lugar de multiplicidades, precisa-se ter uma integração entre as áreas que constituem uma cidade e que não podem ser pensadas isoladamente. Para que cada particularidade, cada memória, cada manifestação cultural seja respeitada e preservada. Dessa forma, é preciso entender as ferramentas que a interdisciplinaridade nos oferece no estudo de uma paisagem urbana culturalmente diversa, como é o caso de Manaus. Pesavento (2002) traz

à tona a discursão sobre essas pluralidades de saberes que constituem o ambiente urbano, que são representados em forma de imagens e discursos que se cruzam, mas não se excluem, o que leva o estudo da cidade para a dimensão não só interdisciplinar, mas também transdisciplinar.

A interdisciplinaridade em sua definição clássica, que foi produzida em 1970, diz “interdisciplinaridade é definida como interação existente entre duas ou mais disciplinas” (FAZENDA, 2008, p.18). Todavia, essa definição é bastante vasta, sendo difícil e insuficiente para se pensar práticas interdisciplinares. Fazenda (2008) fala sobre a possibilidade de se construir uma pesquisa interdisciplinar, que, segundo a autora, só é possível com a união de várias disciplinas sobre um mesmo objeto, criando uma situação-problema.

O caráter interdisciplinar da história da ciência não aniquila o caráter necessariamente disciplinar do conhecimento científico, mas completa-o, estimulando a percepção entre os fenômenos, fundamental para grande parte das tecnologias e desenvolvimento de uma visão articulada do ser humano em seu meio natural, como construtor e transformador desse meio (TRINDADE, 2008, p.65).

Desse modo, o pensamento interdisciplinar busca a integração do ser humano, ciência e seu meio natural, no qual busca refletir sobre ciências que passam a ser interligadas. Muito se tenta conceituar sobre o que seria entendido como interdisciplinaridade, porém, Trindade (2008) diz que:

O fenômeno da interdisciplinaridade como instrumento de resgate do ser humano com a síntese projeta-se no mundo todo. Mais importante do que conceituar é refletir a respeito de atitudes que se constituem como interdisciplinares. A dificuldade na sua conceituação surge porque ela está pontuada de atitudes, e não simplesmente em um fazer (TRINDADE, 2008, p.66).

A interdisciplinaridade busca conectar o saber fragmentado em um saber unitário, unindo diversas áreas do conhecimento sobre um problema. A crítica em Latour (1994) se faz ao modelo moderno de separação das áreas do conhecimento e das práticas científicas. Sobre a necessidade de todo conhecimento trazer uma classificação, até o momento em que exista situações que não podem ser classificadas de uma única forma. Segundo Latour (1994), existe uma dificuldade na modernidade em classificar e separar os conhecimentos exatos e o exercício do poder, natureza e cultura. Ele defende que somos híbridos e restritos pelas instituições, e faz uma crítica sobre a vida intelectual e a preocupação em deixar as ciências puras. O autor afirma que:

Se a vida intelectual é decididamente mal construída. A epistemologia, as ciências sociais, as ciências do texto, todas têm uma reputação, contanto que permaneçam distintas. Caso os seres que você esteja seguindo atravessarem as três, ninguém mais compreende o que você diz. Ofereça às disciplinas uma bela rede sociotécnica, algumas belas traduções, e as primeiras extrairão os conceitos, arrancando deles todas as raízes que poderiam ligá-las ao social ou a retórica; as segundas irão amputar a dimensão social e política, purificando-a de qualquer objeto; as terceiras enfim, conservarão o discurso, mas irão purgá-lo de qualquer aderência indevida à realidade—horresco referem-se aos jogos de poder (LATOURET, 1994, p.11).

As discussões que compreendem o campo interdisciplinar são vastas, e pode-se trazer o debate para o urbanismo como forma de questionamento, pois, como se pensar sobre os problemas encontrados no bairro Educandos apenas sobre uma perspectiva? Como analisar o processo de urbanização do bairro, sua formação social e cultural sem entender que faz parte de um conjunto maior de problemas que a cidade enfrentou e/ou enfrenta? A própria imagem de cidade que temos hoje é fruto de visões e acontecimentos que as moldaram morfológicamente, culturalmente e socialmente. Sem entender como cada elemento da cidade se constitui e se interliga, se não pensarmos como uma unidade, que é ao mesmo tempo heterogênea, poderemos desenvolver um planejamento urbano que respeita e valoriza a própria cultura e modo de viver? É nesse sentido que a pesquisa se direciona, utilizar das ferramentas metodológicas que a interdisciplinaridade nos oferece para entender essa memória refletida na paisagem urbana do Educandos que temos hoje, sobre o que se perdeu dessas memórias e o que merece ser resguardado.

### **2.3. Educandos como Personagem da Cidade de Manaus**

Quando eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto  
 Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto  
 É que Narciso acha feio o que não é espelho  
 E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho  
 Nada do que não era antes quando não somos mutantes  
 E foste um difícil começo  
 Afasto o que não conheço  
 E quem vende outro sonho feliz de cidade  
 Aprende depressa a chamar-te de realidade  
 Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso

(Samba, Caetano Veloso)

A Manaus que eu esperava era uma idealização de cidade-floresta, talvez influenciada pela representação da Amazônia nos meios de comunicação, no qual se mostra o Estado apenas pelo âmbito do natural, ignorando muitas vezes as outras várias formas de representações. A orla imaginada era arborizada e com águas limpas, contudo, no lugar encontrei a paisagem real, uma orla quase totalmente ocupada, com excessivo lixo e quase sem arborização, o que me causou inquietação. Afinal, causa-nos estranhamento aquilo que não é familiar, por termos a tendência de analisar e pensar os espaços a partir das nossas próprias percepções de ideal. Era preciso entender que a orla da cidade é fruto de processos de construção social, cultural, econômica e política que modificam tais espaços.

A cidade não é apenas um objeto perceptível (e talvez apreciado) por milhões de pessoas das mais variadas classes sociais e pelos mais variados tipos de personalidades, mas é o produto de muitos construtores que constantemente modificam a estrutura por razões particulares. [...] Não existe um resultado final, mas somente uma contínua sucessão de fases (LYNCH, 1960, p.12).

Na música Samba, anteriormente citada, Caetano Veloso relata suas percepções imagéticas sobre São Paulo. A letra da canção retrata uma imagem da cidade de maneira negativa e que se contrapõe à cidade imaginada por ele. Logo se percebe que aquela cidade idealizada acabaria para dar lugar à cidade real. “E quem vem de outro sonho feliz de cidade, aprende depressa a chamar-te de realidade”. Essa cidade imaginada é cheia de significados, imagens e discursos que são criados e recriados pelas pessoas que a visitam.

Manaus foi, no seu processo de urbanização e crescimento, vista por pessoas que a visitaram e criaram sua própria versão sobre a cidade, sobre as representações que os espaços significavam para elas. É um processo de representação pessoal, pois cada indivíduo que visita a cidade irá percebê-la de acordo com suas impressões, culturas e identidades. Sandra Jatahy Pesavento, em seu livro “O imaginário da Cidade”, de 2002, faz uma abordagem sobre história cultural do urbano, e irá percebê-la de acordo com suas impressões, abordando os discursos e imagens. Porém, a autora afirma que fazer uma análise sobre a cidade é um desafio que se apresenta por existirem múltiplas formas de se ver o espaço urbano, sobre o qual diz que:

A cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros. [...] Sendo a cidade, por excelência, o “lugar do homem”, ela se presta a multiplicidade de olhares entrecruzados que, de forma transdisciplinar, abordam o real na busca de cadeias de significados (PESAVENTO, 2002, p.9).

A cidade é construída sob um processo histórico e também das sociabilidades que nela existem. Um espaço urbano não é um espaço isolado, existem as relações sociais que o construíram e o legitimaram. Pesavento (2007) acrescenta que as representações feitas da cidade são uma forma de traçar vínculos com o espaço e se apropriar dele, seja pela materialidade, sociabilidades ou mesmo por relações afetivas. É preciso compreender que o espaço urbano também é dinâmico, que é construído e reconstruído através do tempo, “Tal como uma obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala, algo apenas perceptível no discurso de longos períodos de tempo. O design de uma cidade é, assim, uma arte temporal” (LYNCH, 1960, p.11).

### 2.3.1 – A literatura como espelho para a História, a paisagem e a arquitetura da Orla e do bairro

Para entender as representações da cidade é importante ter caminhos definidos, utilizando ferramentas analíticas que falarão sobre o espaço urbano de maneiras diferentes, mas igualmente importantes para sua compreensão. A seguir, iremos nos prender aos relatos da história e da literatura.

A história e a literatura corresponderiam a maneiras diferentes de “dizer a cidade”, ou a esforços para representa-la. Estaríamos, pois, diante de um patamar epistemológico básico, que partiria do conceito de representação, assumindo que as narrativas literárias e históricas implicam discursos que dão conta da realidade urbana através de diferentes caminhos metodológicos e contingências específicas do gênero (PESAVENTO, 1999, p.11).

A literatura é ferramenta importante para se entender a história. Segundo Pesavento (1999), o historiador cultural que hoje busca escrever sobre um tempo passado, recolhe as representações literárias e urbanísticas para construir a sua representação, ou seja, a literatura que foi escrita no tempo em que o historiador busca relatar serve para ele como fonte e caminho

para escrever sua versão. Fonte essa que os documentos comumente usados pela história não fornecem.

Para escrever sobre esse tempo já transcorrido, o historiador precisa buscar as representações da época, e isso pode ser feito por material dos escritores, arquitetos, poetas ou historiadores que viveram naquele determinado período. A busca por essa construção é feita através de um trabalho extenso de recolher o material, cruzar, comparar e relacionar todas as variáveis e registros a fim de obter uma narrativa mais fiel possível ao que aconteceu na época retratada. A literatura é um instrumento importante capaz de auxiliar no entendimento da história pelo historiador. “O que é importante é adotar uma postura que veja, na literatura, uma forma de pensar a história” (PESAVENTO, 1999, p.12).

Na busca por compreender os discursos que construíram Manaus, foi preciso se debruçar sobre a história e a literatura para aprofundar os debates acerca desse imaginário de cidade, entender que existem diversas formas de representá-la. Primeiramente, através da história da cidade de Manaus que foi visitada pelos chamados viajantes naturalistas, os quais eram pesquisadores, aventureiros, cronistas e cientistas que visitaram o Amazonas e fizeram relatos importantes de suas investigações ou/e experiências. Eles eram europeus e norte-americanos que viram e relataram a cidade de diferentes formas, e as percepções formadas não podiam ser consideradas neutras, tendo em vista que analisavam os espaços urbanos aos moldes da cultura europeia e estrangeira, das quais eram representantes. E foi sobre o olhar desses viajantes que Manaus foi sendo construída, olhares que julgaram e, por vezes, condenaram a cidade e as pessoas, seus costumes, cultura e identidade. E é sobre a análise desses relatos históricos que podemos entender como certas verdades foram sendo construídas e outras foram apagadas.

O casal Agassiz veio para Manaus em 1865 numa expedição científica que era liderada por Luiz Agassiz, zoólogo e natural da suíça; com ele veio sua esposa, Elizabeth Cary Agassiz, que durante a viagem trabalhou como cronista e fez relatos acerca da Manaus do século XIX (MESQUITA, 2019). “Que poderei dizer da cidade de Manaus? É uma pequena reunião de casas, a metade das quais parece prestes a cair em ruínas, e não se pode deixar de sorrir ao ver os castelos oscilantes decorados com o nome de edifícios públicos” (AGASSIZ & AGASSIZ, 1938, p. 247-248). O casal Agassiz retrata a cidade como sendo pequena e ainda insignificante, porém com esperança de que um dia ela iria se tornar um grande centro de comércio e que ainda teria uma numerosa população, mesmo que se visse ainda muito distante de acontecer. Eles mostram encantamento pelas paisagens que se encontravam pela cidade e comentam sobre como o nível do rio influenciava na vida cotidiana dos manauenses.

E as variações semi-anuais do nível exercem sobre os habitantes uma influência muito mais profunda do que as marés oceânicas. Durante a metade do ano, os habitantes passam de canoa por onde caminharam a pé, na outra metade, sobre um solo mal consistente. Suas ocupações, suas vestimentas, seus hábitos se modificam conforme é tempo de seca ou de chuva. E não é somente o gênero de vida, mas o aspecto total da região, o carácter da paisagem que muda de todo (AGASSIZ & AGASSIZ, 1938, p. 321).

Em seus relatos, o casal Agassiz faz uma observação acerca dos costumes e modos do viver entre as indígenas e as ditas senhoras brasileiras das pequenas cidades, fazendo uma crítica sobre como essas senhoras de Manaus viviam. Afirma que são vidas vazias e sem objetivo, que, diferentemente das “índias” que são livres, que tinham suas ocupações diárias com filhos, o preparo da farinha, tapioca e fumo, para a senhora da cidade a vida era monótona e triste, fato que atribui à influência ainda muito forte das tradições portuguesas.

Na sua estadia em Manaus, o casal, em seus momentos de lazer, frequentava banhos e bailes que demonstravam apreciar. Um dos bailes aconteceu no palácio onde era a residência do Presidente, o qual descreve como sendo muito modesta para o cargo que abrigava. A cidade é citada através de seus escritos acerca do trajeto até o lugar do baile e as dificuldades para se percorrer o caminho.

Os grupos atravessam as carreiras as ruas, iluminadas por lanternas de mão. Aqui e ali, pelo caminho, via-se num trecho de rua, surgir do escuro uma toailete de baile saltando por cima duma poça de lama. Entretanto, quando todos já haviam chegado, observei que nenhum dos vestidos sofrera muito com a caminhada pelas ruas. Era grande a variedade das toaletes; a seda e o setim misturavam-se a lã e as gazes, e os rostos mostravam todas as tonalidades do negro ao branco, sem esquecer as cores acobreadas dos índios e dos mestiços (AGASSIZ, 1938, p. 349).

Em 1859, o jovem viajante alemão Robert Ave-Lallemant, em suas descrições cheias de ironia sobre a cidade, descreve negativamente: “As ruas da cidade, se é que se pode falar de ruas ou duma cidade, consistem em meros lanços, términos, esquinas e interrupções” (AVE-LALLEMANT, 1980, p.101 apud SOUZA, 2008, p. 5). Para Ave-Lallemant, se não havia rua, não havia cidade. E continua suas críticas abordando as construções, entre as quais se encontravam misturados edifícios em estilo europeu e casas ditas por ele como sendo primitivas, de taipas de barro. Ainda sobre as construções, o alemão relata suas impressões sobre o teatro da cidade.

[...]Quem em julho de 1859 se arriscasse a atravessar a ponte inteiramente arruinada, que leva do bairro da Matriz, em baixo, aos Remédios, através do tranquilo igarapé, e subisse o outeiro para a igreja, podia, antes de chegar a esta, ver a direita do caminho

a ereção dum edifício singular, dando vistas pela sua extensão, seu material e ainda mais pelo seu destino [...] (AVE-LALLEMANT,1961, p.150 apud VILLANOVA, 2011, p.105).

Ave-Lallemant faz descrições do Teatro de Palha que era localizado no bairro dos Remédios, sendo uma grande construção, e que para apreciar essa construção era necessário primeiramente ter coragem de atravessar a ponte que estava, segundo ele, arruinada. O teatro era uma construção sobre pilares altos cobertos com folhas secas de palmeira, as paredes também eram de folhas de palmeira entrelaçadas. Ave-Lallemant se espanta quando lhe é contado que a grande construção a qual ele chama de “monstruoso porco espinho” seria um teatro.

E quando me informei a que potências tenebrosas seria dedicado o monstruoso porco-espinho - pois a construção com que mais se parecia era com isso - disseram-me ser o teatro. Pensei sem querer no teatro alemão de amadores em Porto Alegre. Um ideal, comparando com aquele horror de Manaus (AVE-LALLEMANT,1961, p.151 apud VILLANOVA, 2011, p.107).

Percebem-se que as observações feitas pelo viajante ao pensar a cidade em comparações a construções de outras cidades brasileiras, ocorrem sem considerar o contexto e a cultura locais, pois, por exemplo, os materiais utilizados no teatro eram o que se tinha disponível em abundancia, e Villanova (2011) afirma que esses elementos eram de fácil manejo, tendo em vista que a população local era maioria de origem indígena e sabia trabalhar muito bem com trançados. As visões percebidas parecem sempre estar esperando um ideal de espaço urbano aos moldes europeus, e isso fica claro quando o cronista faz a comparação entre o teatro de Manaus com o teatro da Alemanha, e fala sobre as construções da cidade de maneira depreciativa e irônica; sobre o Palácio do Presidente, diz que parecia mofar e estava erguido sob pés fracos.

Tanto Ave-Lallemant quanto o casal Agassiz relatam a percepção de que Manaus talvez estivesse esperando algo acontecer para realmente dar impulso ao seu desenvolvimento.

Os acidentes geográficos, a topografia e os hábitos regionais faziam do lugar um exótico aglomerado urbano, que misturava elementos ocidentais aos traços nativos e em muito pouco se assemelhava ao padrão europeu, surpreendendo e impressionando os viajantes estrangeiros, cuja formação cultural e hábitos eram completamente diferentes (MESQUITA, 2019, p.40).

A Manaus do século XX é representada pelo norte americano Brandford Burns, que esteve na cidade em 1910, e já retrata a cidade de maneira mais positiva, como um lugar



próspero, e que o “excelente sistema portuário, um serviço de coleta e disposição de lixo eficiente, eletricidade, serviços telefônicos, belos edifícios, residências, atestam o estado de modernidade da cidade” (BURNS, 1966, p.06 apud SOUZA, 2008, p.13). Burns fica encantado com a praça do comércio que diz ser limpa e arborizada.

Leno Barata Souza, em seu artigo “Manaus: da “Zirma” dos viajantes a “Maurilia” dos historiadores”, de 2008, vai discorrer sobre a Manaus retratada pelos viajantes naturalistas do século XIX e a Manaus do XX idealizada por historiadores locais. No trabalho, o autor aponta os discursos que vivificaram a “Paris dos Trópicos” imposto por uma burguesia que acreditava na Manaus próspera e moderna, e silenciava os problemas enfrentados pela população local. Mesmo Burns falando de uma cidade limpa e próspera, a realidade era diferente. Souza (2008) fala sobre uma coluna chamada “Queixas do Povo”, que era publicada no “Jornal do Commercio” e trazia os depoimentos das pessoas de baixa renda, moradores do Centro que viviam as contradições existentes dessa cidade “moderna”. Aos arredores dos grandes prédios luxuosos havia problema de falta de luz elétrica, esgoto a céu aberto que trazia maus cheiros para as residências, e problemas de falta de água. É vendo esses discursos que podemos entender um pouco como a idealização da Manaus da *Belle Époque* se construiu, sobre as falsas impressões de modernidade e sobre o silenciamento dos moradores.

Vistas algumas representações que a história nos diz sobre Manaus, é preciso entender outra fonte também bastante pertinente de se pensar a cidade, que são as representações que a literatura local nos fornece. E é através do autor Milton Hatoum que vamos identificar a Manaus de suas obras. A literatura tem um olhar sobre o espaço que contribui para ampliar as análises e discursos por arquitetos e urbanistas, pois redesenha o espaço urbano e suas relações sociais através das visões imagéticas do autor. A cidade pode ser entendida como cenário e personagem nas visões da literatura, e entender o espaço urbano na narrativa é entendê-lo como um espaço físico que provoca relações de significados. Foram escolhidos os romances de Milton Hatoum para essa discussão sobre a cidade, tendo em vista que o próprio gênero literário, o romance, tem em sua característica certa relação com o espaço. A partir do século XIX, o romance passa a retratar a sociedade complexa, ou seja, as relações sociais de uma sociedade inserida no contexto da industrialização, onde havia relações entre classes, capital, trabalho e todas essas relações complexas foram inseridas nos romances, estando conectadas ao espaço, seja ele urbano ou outras formas de representação do espaço na literatura. No século XIX, esse lugar onde a narrativa estava inserida era escrito no romance de maneira separada, onde o personagem, narrador e o espaço eram representados separadamente. No século XX, os romances passaram a integrá-los, compondo uma unidade (BARATO, HATOUM, 2016).

Cidade e linguagem existem enquanto estruturas da vivência social humana. Pensando nas articulações entre essas duas temáticas, busca-se explorar suas implicações e suas formas de manifestação. Como realidades tangíveis e intangíveis, as experiências urbanas e literárias marcam o homem enquanto ser social e são transformadoras de sua existência no mundo. A literatura como linguagem é uma forma de existir na cidade e a própria cidade pode ser entendida como um texto, na medida em que vivência e escrita não se dissociam (MEDEIROS, 2020, p.34).

Milton Hatoum é um arquiteto, urbanista e escritor amazonense que nasceu em Manaus no ano de 1952. Dentre suas obras literárias, o autor tem quatro romances premiados: “Relato de um certo Oriente”, “Dois irmãos”, “Cinzas do Norte” e “Órfãos do Eldorado”. Manaus aparece representada no trabalho do escritor como uma cidade constantemente em crise e com civilidade muitas vezes decadente, que nada se assemelha aos espaços da Europa. Louro (2019) faz uma análise sobre a Manaus de Milton Hatoum e, segundo a autora:

[...] em Hatoum, o espaço configura-se sempre como um aprisionamento de seres enclausurados por um lógico objetual aniquilante, respira-se a desconstrução da vida destruída em seus textos, e perguntava-me como pode ser tão bonita a vida mostrada sob esse viés da dura/distópica cidade? Afirmo, a beleza está no sentido de dizer, de reviver o sonho do passado de olho no projeto de reconstruir o futuro, cabe a nós leitores, termos o desejo de realizar (LOURO, 2019, p.15).

Oliveira (2003) fala como Manaus é uma cidade que é doce e dura, e que, para entender sua paisagem, é preciso ir além das aparências e estudar as ações sociais que construíram sua espacialidade. Nas obras de Milton Hatoum a cidade é representada localizada no tempo e no espaço; é perceptível quando o autor cita momentos econômicos e sociais de Manaus nas narrativas de suas histórias, como o Período da Borracha, da Zona Franca, da cidade Flutuante e os conflitos e contextos sociais que esses períodos tiveram. O ciclo extrativista e as decepções enfrentadas pelos migrantes são citadas em *Dois irmãos* quando o autor fala:

Migraram para Manaus, onde ergueram palafitas á beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro. Desse tumulto participava Halim, que vendia coisas antes de qualquer um. Vendia prosperar muito, mas atento á ameaça da decadência, que um dia ele me garantiu ser um abismo. Não caiu nesse abismo, nem exigiu de se grandes feitos. O abismo mais temível estava em casa, e este Halim não pôde evitar (HATOUM, 2000, p.44).

Louro (2019) fala da forma que Hatoum representa Manaus em sua obra com sujeitos que são magoados por lembrarem de um passado que os frustraram com sonhos de progresso e prosperidade que não atendiam a todos de maneira igualitária, ao que a autora chama de “distopia ambiental e social, onde a ruína se constitui em metáfora central, para o entendimento

dialético da história da cidade, sobre o cenário a imagem inexorável, catastrófica, mas simultaneamente trazendo a possibilidade de redenção” (p.18). As experiências dos livros são ligadas às próprias experiências do autor, é uma visão pessoal da sua cidade representada na ficção de suas obras, pois Hatoum conta suas próprias decepções quando voltou a Manaus e viu a cidade em decadência. Segundo ele, a cidade funcionou muito bem até a década de 1960, era planejada e tinha uma relação que ele descreve como mais ou menos harmoniosa com a natureza. Porém, com a implantação da Zona Franca, a cidade foi sendo destruída, pois não havia planejamento adequado (BARATO, HATOUM, 2016). Hatoum representa Manaus em suas obras não de maneira isolada, mas sim conectada aos personagens.

No livro “Relato de um certo Oriente” (1994), Hatoum traz os relatos de uma mulher que volta à cidade (Manaus) onde passou sua infância e que busca lembrar. Manaus é narrada ainda em fase de construção, “procurava caminhar sem rumo, não havia ruas paralelas, o traçado era uma geometria confusa, e o rio, sempre o rio, era o ponto de referência, era a praça e a torre da igreja que ali inexistiam” (HATOUM, 1994, p.122 apud LOURO, 2019, p.28); e ela acrescenta suas percepções dizendo que:

Uma cidade não é a mesma cidade se vista de longe, da água: não é sequer cidade: falta-lhe perspectiva, profundidade, traçado, e, sobretudo presença humana, o espaço vivo da cidade. Talvez seja um plano, uma rampa, ou vários planos e rampas que formam ângulos imprecisos com a superfície aquática (HATOUM, 1994, p.123 apud LOURO, 2019, p.29).

Já na obra “Dois Irmãos” (2000), o contexto histórico é a narrativa da obra, que diz sobre a decadência do ciclo da borracha em que se encontra uma sociedade perdida e inconformada, por não fazer mais parte de uma época faustosa. A relação do personagem Halim com a cidade é forte. Hatoum, na palestra “Espaço e Literatura” (2016), fala que, mesmo o personagem não sendo brasileiro, ele se apega ao espaço urbano da cidade, apega-se à cultura do outro, todavia, essa paixão pela cidade vai sendo perdida à medida que ele vai perdendo coisas importantes, como a família, as relações interpessoais e até sua casa.

A história se mistura na narrativa da obra, onde é contado num trecho acerca do fim da cidade flutuante, que foi destruída pelos militares. A cidade Flutuante também é relatada na obra como um lugar onde os personagens costumavam frequentar.

A cidade estava meio deserta, porque era um tempo de medo em dia de aguaceiro. A casa também estava vazia. O pai (Halim) reclamava que a cidade estava inundada, que havia correria e confusão no centro, que a Cidade Flutuante estava cercada por militares. Eles estão por toda parte [...]. Assistem atônitos, à demolição da Cidade Flutuante. Os moradores xingavam os demolidores, não queriam morar longe do

pequeno porto, longe do rio. [...] Os telhados desabavam, caibros e ripas caíam na água e se distanciavam da margem do rio Negro. Tudo se desfez num só dia, o bairro todo desapareceu. Os troncos ficaram flutuando, até serem engolidos pela noite (HATOUM, 2000, p.230).

Outro momento em que Manaus é narrada é quando das memórias saudosas de Yaqub, que ao retornar do Líbano encontra a paisagem que fez parte de sua infância e que foi interrompida antes do tempo.

No caminho Yaqub reconheceu um pedaço da sua infância vivida em Manaus, se emocionou com a visão dos barcos coloridos atracados as margens dos igarapés por onde ele, o irmão e o pai haviam navegado numa canoa coberta de palha. [...] os barcos, a correria na praia quando o rio secava, os passeios até o careiro, no outro lado do rio Negro, de onde voltavam com cestas cheias de frutas e peixes (HATOUM, 2000, p.13).

Continuando os relatos de Yaqub, em outro trecho aparece a Manaus do cotidiano, as relações sociais que fazem parte de sua identidade.

Apoiado no parapeito, Yaqub olhava os passantes que subiam a rua na direção da praça dos Remédios. Por ali circulavam carroças, um e outro carro, cascalheiros tocando triângulos de ferro; na calçada, cadeiras em meio círculo esperavam os moradores para a conversa do anoitecer; no batente, das janelas, tocos de velas iluminariam as noites da cidade sem luz (HATOUM, 2000, p. 20).

Em 2016, Milton Hatoum, na palestra “Espaço e Literatura”, fala sobre a obra “Cinzas do Norte”, onde ele traz suas experiências inseridas na narrativa. Ele conta que o espaço de cruzes foi pensado a partir de sua experiência de recém-formado em arquitetura e urbanismo, em que foi chamado para participar do projeto do Bairro Nova Cidade, em Manaus, lugar pensado para acolher os imigrantes que viriam com a implantação da Zona Franca. Porém, recusou o trabalho por ficar decepcionado, pois o prefeito da época queria desmatar toda a área e, como Hatoum não concordava em desmatar tudo, preferiu abandonar o projeto.

A cidade na obra de Hatoum é o lugar onde as coisas acontecem e se transformam, e é através do imaginário do autor que realidade e ficção se misturam e se conectam, fazendo do espaço urbano um cenário de desafios e acontecimentos que o modificam e lhe dão novos significados. Toda a escrita do autor parece ser de recordações sobre a cidade, das relações sociais, das desigualdades sempre presentes e sentimentos sobre os espaços urbanos representados. E o Educandos também aparece em seus escritos literários e nos relatos históricos. Esclarecendo o porquê de o bairro Educandos ser entendido como um personagem

importante de representação da cidade, tendo em vista sua importância, buscou-se o debruçar na história e na literatura em busca das representações desse bairro.

Em 1865, recorrendo-se à literatura de viagem, o Educandos aparece nos relatos do casal Agassiz. Um dos momentos é quando citam a visita à “escola dos índios”<sup>8</sup>, que era uma escola em formato de internato e também profissionalizante.

Passamos hontem uma manhã interessantíssima visitando uma escola para as crianças índias, um pouco distante da cidade. Ficamos admirados da aptidão que essas crianças manifestam pelas artes civilizadas, para as quais se mostram tão pouco hábeis os nossos índios da América do Norte (AGASSIZ & AGASSIZ, 1938, p. 249).

Sobre o prédio, mostram-se encantados e o descrevem, afirmando que seu corpo continha salas de aula, os dormitórios, os depósitos, e a cozinha. Afirmam que tudo parece ser muito positivo. No entanto, chama-lhes a atenção o fato de os estudantes indígenas muitas vezes serem forçados a entrarem na escola, pois relatam que a escola não é apenas destinada a ensinar cursos profissionalizantes, mas também usada como maneira de impor a civilidade aos “índios”.

Outro momento em que o Educandos aparece é em um baile que acontece nessa mesma escola dos “índios”, em que é descrita uma festa campestre na Casa dos Educandos.

Em vinte minuto os remadores nos levaram ao nosso destino. Era um encantador cenário: o caminho que, da praia, conduz ao corpo principal do edifício, achava-se ladeado de dupla fita de palmeiras cortadas na floresta especialmente para isso, entre as quais se viam bandeiras flutuando (AGASSIZ, 1938, p. 357).

Os Agassiz (1938) descrevem a vista de dentro do edifício, o que nos faz entender, ainda que parcialmente, como era a paisagem desse trecho da orla da cidade. Relatam o que veem através da decoração da festa.

Através desses arcos de verdura, a paisagem aparecia como formada de outros tantos grandes painéis em que se desenhavam a floresta escura, o rio espelhante e os tetos de palha das choças indígenas, situadas por baixo das árvores da margem oposta (AGASSIZ, 1938, p. 358).

O Educandos também é cenário na obra de Milton Hatoum. Em “Relato de um certo Oriente”, o narrador fala de um hotel que abrigava os viajantes que chegavam, onde se entende que seria localizada no Educandos. Louro (2019) diz que o lugar do hotel na obra é transitório

---

<sup>8</sup> A escola retratada era o Educandos Artificies, que foi criada em 1856.

para a cidade, pois refugia o viajante que passa um período temporário e que busca por novas descobertas.

O passeante solitário que de manhãzinha deixava o hotel Fenícia, acordava um catraieiro na beira do mercado, e na canoa os dois remavam até a outra margem do igarapé dos Educandos; depois ele continuava a pé, alcançava o centro da cidade, e eu o seguia pelas ruas estreitas, alinhadas por sobrados em ruínas” (HATOUM, 1994, p.62 apud LOURO, 2019, p.41).

Em “Dois Irmãos”, o Educandos aparece na narrativa como um bairro populoso que é o lugar onde o personagem frequentava para vender seus produtos. Ele diz que “Halim havia melhorado de vida nos anos pós guerra. Vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha” (HATOUM, 2000, p.44). Além de ser um lugar de venda para o personagem Halim, o Educandos também fez parte da infância de Yaqub, que na obra faz relatos saudosos dos momentos de sua infância que passou ali.

Depois nós caminhamos pelo porto da Escadaria, onde um canoeiro nos conduziu até o igarapé do Educandos. A vazante do rio Negro formava praias enlameadas, onde havia pequenos motores encalhados e cascos de embarcações emborcados. Yaqub começou a remar, as vezes erguia o remo e acenava aos moradores das palafitas, ria ao ver os meninos correndo nos becos do bairro, nos campos de futebol improvisados, ou escalando o toldo de barcos abandonados (HATOUM, 2000, p.132).

O Bairro do Educandos em “Dois Irmãos” também aparece como cenário de lazer, refúgio e fuga dos personagens. “Ele não suportava ouvir os urros do filho, muito menos as mentiras da mulher. Saía em plena noite, sabia onde encontrar amigos notívagos nos bares dos Educandos” (HATOUM, 2000, p.247).

As lembranças de Hatoum mais uma vez aparecem em “Dois Irmãos”, quando relata sobre a cidade flutuante. As memórias pessoais do autor se confundem com as histórias dos personagens. Hatoum (2016) revela em palestra, que seu avô costumava levá-lo à cidade flutuante durante a infância, e recorda como amava aquele lugar. “Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus” (HATOUM, 2000, p.139).

Portanto, os relatos sobre Manaus, tanto na história quanto na literatura, ajudam-nos a entender os impactos que os citados discursos tiveram no processo de urbanização da cidade. Percebe-se a importância de entender os contextos sociais, políticos, econômicos e culturais em que a cidade está situada para se buscar representá-la. Como também entender que essas descrições são importantes para discutir certos acontecimentos e ações na história que, muitas

vezes, foram silenciadas por imposições criadas através de um discurso dominante de uma minoria abastada da cidade. Os relatos de Manaus nos fazem refletir sobre as versões que essas percepções imagéticas de uma cidade idealizada nos dizem, como essas contradições que ficam sobre o que se espera e o que se encontra não podem ser entendidas como certo ou errado, boas ou ruins; são apenas diferentes, cidades diferentes, percepções diferentes de um mesmo espaço. É através de visões imagéticas de um romance que relata o real na ficção e produz uma crítica social sobre o espaço urbano, que nos é fornecida uma vasta ferramenta de análise para refletir sobre o que temos hoje como cidade.

Finaliza-se este tópico com uma percepção pessoal da Orla do Educandos expressa em croqui. É uma representação artística, baseada numa visita que realizei em 2017, quando caminhei por vários pontos da orla do Educandos e conversei com moradores. É uma forma de expressão que traz um significado diferente do que já vira um dia. Hoje não vejo a paisagem do Amazonas de forma imaginada e puramente do âmbito natural, vejo a relação existente entre a cultura e a natureza, de populações que têm seus costumes e modo de viver, que fazem parte da paisagem de Manaus, vivendo com as dificuldades que uma cidade desigual apresenta. E entendo como uma paisagem que compõe um lugar de memória do bairro.

**FIGURA 19:** CROQUI ESQUEMÁTICO DA ORLA DO EDUCANDOS.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

## CAPÍTULO 3 - O EDUCANDOS COMO LUGAR DE MEMÓRIAS

### 3.1. Lugares de memórias

O que pode ser entendido como um lugar que é memorável para uma sociedade? Pierre Nora (1993) fala sobre a curiosidade que se tem pelos lugares em que a memória se cristaliza em um momento da história, em que se articula a consciência da ruptura com o passado e o sentimento de uma memória que se esfacelou. Que esse sentimento de continuidade fica como residual aos locais onde a memória não encontra mais meios de memória. O autor fala sobre a aceleração da história, a qual conceitua como sendo:

[...] uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo do terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais (NORA, 1993, p. 07).

O mundo inteiro passa por esse processo de aceleração da história que é motivado pelo fenômeno da mundialização, democratização, da massificação e da midiaticização. O autor atribui isso ao fim das sociedades-memória e o fim das ideologias-memórias. Fala-se da substituição das memórias e de heranças íntimas por essa película passageira que foi trazida pela atualidade, pela mídia e demais fenômenos atuais. Acrescentando a isso, Nora (1993) afirma que há uma distância entre uma memória verdadeira, social e intocada, que seria as primitivas ou arcaicas e a história de sociedades que condenam o passado, ao esquecimento, motivadas pela mudança.

Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido (NORA, 1993, p.08).

Os moradores mais antigos do Bairro do Educandos, em entrevista, relataram o desejo em manter costumes e a memória do bairro viva, para que ela não caísse no esquecimento. Para que a história não englobe a história individual do bairro como algo totalizante de uma cidade,



como se fossem todos iguais e idênticos. Para quem vive no Educandos ele não é igual a outros bairros, e percebe-se certa preocupação ao ver que essa memória está sumindo pela falta de interesse dos mais jovens em mantê-la viva. E Nora (1993) trata da importância de manter vivas essas memórias a partir de celebrações e outras formas para que a história não apague essas memórias que não são mais naturais. É uma busca de manter sinais de pertencimento e reconhecimento, como sugere o autor, de um grupo que vive em uma sociedade que tende a reconhecer os indivíduos como iguais e idênticos.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação (NORA, 1993, p.13).

Esses lugares de memória, seguindo a conceituação de Pierre Nora, nascem e vivem de um sentimento em que não há memória que seja espontânea, ele afirma que é preciso criar arquivos, manter aniversários, celebrações, atas, elogios fúnebres, pois essas atividades não são mais naturais. “Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los” (NORA, 1993, p.13). Alguns moradores falaram sobre a importância de se criar e se ter arquivos sobre a história e memória do Educandos. Seu Cleoberto guarda com zelo materiais que registram a história das lutas e conquistas da comunidade da qual fez parte. A essa vontade de criar arquivos, faz-se necessária essa memória que Nora (1993) chama de arquivística, pois:

Ela se apoia inteiramente sobre o que há de mais preciso no traço, mais material no vestígio, mais concreto no registro, mais visível na imagem. [...] Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas (NORA, 1993, p.14).

Os maiores produtores de arquivos eram as grandes famílias, a Igreja e o Estado. Hoje, qualquer pessoa pode fazer o registro de suas lembranças, podendo ser os atores da história ou seus testemunhos. É num sentimento de se registrar que nasce outro tipo de memória que, Nora (1993) chama de memória dever.

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória (NORA, 1993, p.18).

No momento em que a memória passou para o campo da história, certos grupos viram a necessidade e dever de definir novamente sua identidade e, para fugir da revitalização de sua própria história, eles se tornaram o historiador da própria história. E é considerando os apontamentos de Nora sobre esses homens-memória que nessa pesquisa se optou por identificar os entrevistados por seus nomes, pois estes se mostravam entusiasmados e orgulhosos em compartilhar suas memórias e terem suas falas registradas para a dissertação; é forma de exaltar a importância que esses atores tiveram para entender e relatar a memória do bairro do ponto de vista de quem vivenciou ou testemunhou.

Não são somente os antigos marginalizados da história oficial que são obcecados pela necessidade de recuperar seu passado enterrado. Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens (NORA, 1993, p.17).

É nesse sentido que se entende essa memória dever em alguns moradores do Bairro Educandos, indivíduos que dedicaram parte da sua vida em arquivar, registrar e lutar pela permanência viva da memória de seu bairro, dentre eles o senhor Cláudio Amazonas que escreveu livros que registram a memória do bairro, sendo um deles “Memórias do Alto da Bela Vista e Constantinópolis: Origens e tradições”. Erasmo Amazonas e Cleoberto Castro também dividiram conosco, além do relato da história oral, arquivos e registros pessoais. Entre os demais personagens da história-memória do Educandos que compartilharam suas memórias em entrevista estão Maria Auxiliadora, Walter Milone, Gil Eanes, Maria Nilse, Hedy Lomar, Adelacy Cruz, Wathson Lira, Idanilda Lira, Maria de Fátima Silva, Joana Rocha, Pedro Barbosa e Maria Nazaré Rocha. Buscou-se, por eles, diminuir o que Nora (1993) chama de memória-distância, que é essa quebra de conexão com as origens, sobre saber um pouco do passado e ter noção sobre o que não somos mais. Nessa distância com a memória, o passado é não saber mais sobre quem ou o que nos fez do jeito que somos. “Nossa percepção do passado é a apropriação veemente daquilo que sabemos não mais nos pertencer” (NORA, 1993, p.20).

### **3.2. Entre muitos sujeitos e muitas vozes: Entrevistas com os moradores antigos do bairro, relatos**

A memória do bairro Educandos reside nas vozes dos moradores antigos, as quais este trabalho buscou relatar através da realização de entrevista seguindo o método da história oral com 15 moradores antigos, bem como em conversa informal nas visitas realizadas por mim ao bairro, realizados no período de outubro a dezembro de 2021. Muitos autores e histórias foram ouvidas, as dificuldades e alegrias que é morar em um bairro antigo, que sofreu com as desigualdades social, econômica e cultural de Manaus, em diferentes períodos de sua história.

A primeira entrevistada foi Maria Auxiliadora Rocha de Araújo<sup>9</sup>, conhecida como “dona Dora”, uma senhora simpática e muito prestativa, que aos 70 anos ama contar suas histórias, principalmente se forem de terror ou lendas da floresta. Dona Dora sempre morou no bairro, na mesma casa. Seu pai era dono de um estaleiro na margem do igarapé do Educandos. “Nasci aqui na nossa casa antiga, né... 70 anos que eu moro aqui... minha mãe falava que aqui era uma instância velha que meu avô deu pra ela, meu avô tinha duas casas...era de madeira, velhinha a casa” (ARAÚJO, 2021). Dona Dora demonstrou gostar de morar no Educandos, e percebeu-se seu entusiasmo ao lembrar das suas memórias e mostrar o álbum fotográfico da sua família. Mostrando nele uma foto antiga (ver figura 20) que aparece a casa onde nasceu e viveu boa parte de sua vida, onde também aparecem quatro mulheres e duas crianças, ela conta: “Essa era nossa casinha, era aqui mesmo, sendo que era de madeira, aí depois papai fez de alvenaria. Aqui [ao lado da casa dela] era o salão [Salão Azul, uma danceteria]” (ARAÚJO, 2021).

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada dia 02 de outubro de 2021.

**FIGURA 20:** ESTRADA DE CONSTANTINÓPOLIS.

Fonte: Arquivo Maria Auxiliadora.

Questionei Dona Dora sobre como era o bairro. Ela contou que estudou na escola Estelita Tapajós e lembrou um pouco sobre o bairro de sua infância.

Que eu me lembro, era assim mesmo, com capim, casas de madeira, a maioria aqui pra cima... tinha muitas árvores, pé de castanhola, e aqui era capim, aqui na frente. [...] aqui e aculá tinha uma casinha com um banquinho de madeira na frente... Também tinha grama, que o povo colocava as roupas pra guará (ARAÚJO, 2021).

Ela contou que não havia ponte, que o “amarelinho” era um barranco com umas casinhas que caíram com um temporal. Depois construíram a ponte, e contou que normalmente se locomovia de ônibus “passava ônibus do Educandos...era bom que a gente pegava na sete de setembro e já vinha direto... tinha o do Educandos, Santa Luzia...” (ARAÚJO, 2021). Diferente de alguns outros entrevistados, dona Dora não chegou a andar muito de catraia, conta que andou apenas uma vez.

**FIGURA 21:** ESTALEIRO NA ORLA DO EDUCANDOS.



Fonte: Arquivo Maria Auxiliadora.

Já o senhor Gil Eanes Cardoso<sup>10</sup>, de 55 anos, morador do Educandos desde que nasceu, foi líder comunitário, e estava bastante engajado nas lutas sociais do bairro. O senhor Gil começa seu relato falando sobre a questão do espaço que o bairro tinha e que hoje não tem mais.

Tinha bastante espaço, o igarapé não era poluído, o rio e as nossas praias não eram poluídas. E era um bairro onde todo mundo se conhecia. Aqui temos uma característica de que as famílias moram aqui sempre, pode até que saia uma parte da família, um parente, mas sempre fica uma raiz. Então as pessoas que moram aqui, moram por muito tempo. A diferença que hoje não temos espaço para mais nada, e as nossas áreas de lazer tudo, que eram todas as margens do igarapé do rio estão poluídas (CARDOSO, 2021).

---

<sup>10</sup> Entrevista dia 03 de outubro de 2021.

Também morador do bairro desde que nasceu, aos 67 anos, Walter Milone<sup>11</sup>, era então vice-líder comunitário do Educandos, e falou que no bairro, até a década de 1960, as ruas eram todas de barro, inclusive a Leopoldo Peres; falou sobre o Balneário que costumava frequentar, a Praia da Ponta Branca.

Eu quando era moleque brincava muito ali. Tanto é que a Ponta Negra, naquela época, pouca gente conhecia a Ponta Negra, vinham mais para o Educandos, era lotado nos domingos e feriados. E isso durou até meados de 85. Quando o prefeito tirou areia de lá pra fazer a feira da Panair (MILONE, 2021).

Walter acrescentou que “o Educandos era cheio de buraco, aí ele [Prefeito Jorge Teixeira] aproveitou o mandado dele e começou a asfaltar o Educandos, não sei se fez tudo não, mas 80% das ruas do Educandos ele fez. Inclusive a Leopoldo Peres” (MILONE, 2021). Ele afirmou que hoje no Educandos se tem de tudo, ou quase tudo, na avenida cheia de comércio que a Leopoldo Peres se tornou.

Jornalista aposentado, Cleoberto Castro<sup>12</sup>, com 75 anos, é manauara e viveu parte de sua vida no centro de Manaus, mudando-se para o Educandos em 1972. Seu pai era cearense e sua mãe amazonense. De família humilde, com cinco irmãos homens, o seu pai era maquinista, mas logo se aposentou em decorrência de cegueira. Mesmo Cleoberto tendo vindo morar no Educandos na década de 1970, ela já conhecia bem o bairro, pois trabalhava como fotógrafo. Ele conta que vinha de catraia para fotografar o Educandos, chegava de manhã e passava o dia; foi quando conheceu sua esposa que morava no bairro, casou-se e em seguida veio morar no bairro. Cleoberto tem uma história de luta pela melhoria do bairro, sempre engajado na luta social. “Aqui tinha umas indústrias de borracha, castanha, soja... aqui tinha um polo muito grande, tinha uns mini estaleiros de restauro. Ai depois surgiu a Zona Franca aí o povo do interior começou a vim pra cá e povoar aqui” (CASTRO, 2021). Ele contou que onde morava “era só barro”, que se juntou com algumas pessoas da comunidade para conseguir a pavimentação das ruas. Sobre o amarelinho, conta que havia umas palafitas, mas Jorge Teixeira desapropriou e fez a vista panorâmica.

A prioridade das lutas em prol da comunidade, para Cleoberto, foi a educação, juntamente a outros moradores do bairro. Em suas narrativas, contou que juntos conseguiram a abertura de mais três escolas, porque por um tempo havia somente a Escola Machado de Assis,

---

<sup>11</sup> Entrevista realizada de 03 de outubro de 2021.

<sup>12</sup> Entrevista realizada dia 13 de outubro de 2021.

a Estelita Tapajós e a Escola Estadual Monteiro de Souza. Na igreja havia um prédio escolar e uma creche, que a prefeitura ajudava a manter. Ele afirmou que houve um período em que não havia creche, pois fechara e abrira no bairro do São Raimundo; por isso, lutaram por uma creche para o Educandos. Dentre as conquistas da comunidade das quais ele fez parte, está a criação da Escola Municipal Alzira Machado Daou, a luta pelo o Amarelinho, a criação da quadra esportiva e a luta para que não fossem implementadas as taxas de esgoto sem o fornecimento do serviço. Mas, segundo ele, a briga maior foi a do amarelinho, porque em 1986 a sua área havia sido vendida para empresários e, nesse período, ele ficou sabendo da venda quando trabalhava na imprensa, no jornal “A Notícia”. Então pensou que precisavam unir a comunidade, junto ao padre Plácido de Souza, que era o pároco da Igreja Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, para lutar pelo espaço. Queriam vender o amarelinho, e a comunidade se uniu para evitar que isso acontecesse. Ele contou que era a única área que existia de frente para o rio. Portanto, abriram uma ação no Ministério Público contra a venda, e depois de muita luta conseguiram revertê-la. Cleoberto fala que os empresários queriam fazer um edifício, mas como era aérea do aeroporto, não se podia fazer o prédio, pois somente era permitido o máximo de quatro andares. Ele afirma que “A comunidade tem força, algumas pessoas dizem que não adianta, mas adianta sim! Se o bairro for pra cima, consegue” (CASTRO, 2021).

Todas as entrevistas foram enriquecedoras, cada entrevistado com a sua particularidade e sua história de luta, individual e coletiva. No caso de Maria Nilse<sup>13</sup>, de 82 anos, conhecida como Dona Nilse, natural do Acre, veio ainda um bebê para Manaus. Partiu do Acre para o Amazonas no reboque de uma jangada, uma canoa. Com oito anos foi morar no Puraquequara, depois mudou-se para o Educandos, onde permanece há 64 anos. Casou por volta dos 17 anos e seu marido era natural do bairro. Tem cinco filhos, todos nascidos ali. O pai de dona Nilse era cearense, foi para o Acre onde conheceu a mãe dela, depois vieram até Manaus para trabalhar na borracha, pois ele era seringueiro. Depois, quando foi morar no Educandos, ele trabalhou como vigia na Serraria dos Pereiras e sua mãe era lavadeira. Dona Nilse conta que passou por muitas dificuldades em sua vida, que comia os peixes que os feirantes não vendiam e que eram jogados no Rio Negro, pois não tinham como conservá-los. “Quando começou a feira, aqui não tinha feira, nesse tempo não tinha gelo, aí eu juntava os peixes que não dava pra salgar, e nem colocar no gelo que não tinha. Comia esses peixes que jogavam... tratava, limpava e comia. A gente não tinha dinheiro” (NILSE, 2021). Ela contou que sua infância foi na beira do Rio Negro, que ia até lá quando sua mãe descia para lavar roupa. “Lavava roupa nas beiras, na beirada do

---

<sup>13</sup> Entrevista realizada dia 28 de outubro de 2021.

rio, a gente vivia pelas beiras do rio”. Dona Nilse acrescentou, dizendo como era o bairro: “Num tinha essas casas bonitas não, tudo era casa de palha, de madeira, era tudo barraco. Quando comprei a minha era de madeira, as ruas eram de barro” (NILSE, 2021).

Hedy Lomar, de 64 anos, filha de dona Nilse, acrescenta dizendo que toda a sua infância e adolescência foi pegando água na chamada baixa da égua, e contou que tudo apenas mudou quando o prefeito Jorge Teixeira a pavimentou. Hedy Lomar conta que por volta das Onze horas ou Meia Noite, era a hora em que chegava água no Educandos, então ela descia pra carregá-la e usava para beber, mas não para lavar roupa e encher barril, precisando para isso descer no rio e pegar, bem como para lavar louça. “Carregava água lá da baixa da égua pra cá” (baixa da égua é a Boulevard Rio Negro, onde hoje é o amarelinho, próximo á igreja, chegava uma torneira e as pessoas iam pegar água dessa torneira)” (LOMAR, 2021). Dona Nilse conta a história sobre quando era pequena, que chegando em Manaus viu pela primeira vez as caixas de som na feira da Panair.

Nós chegamos do interior, aí o porto das catraias era aí, daí a gente subia a pé que não tinha ônibus, a gente ia pra colônia a pé pra casa da minha madrinha, aí eu via aquela caixinha cantando, cantando, eu parei e fiquei olhando, aí minha madrinha disse: Menina o que tu táis fazendo aí parada? eu disse: eu tô vendo o homem nessa caixinha, madrinha (NILSE, 2021).

Na inocência de sua imaginação infantil, dona Nilse imaginava que existia um homem dentro da caixa de som a cantar.

Outro morador antigo do Educandos é Erasmo Amazonas, 76 anos, projetista, radialista e artista plástico, que conta que sempre morou no bairro, e que morava numa casinha de madeira, mas com o tempo construiu a sua de alvenaria. Os pais eram moradores do bairro, também. Quando questionei sobre como era o bairro, ele falou com ar de saudosismo e encantamento quando se lembrou da infância.

Era uma maravilha! Em vários aspectos, o primeiro lugar era a questão da segurança, digamos assim, a população era menor, não havia ainda essa imigração que venho por causa da Zona Franca, era uma população rarefeita, e por isso a gente não tinha essas mazelas sociais que temos hoje, violência, furto. A gente dormia com as janelas abertas, havia esse clima de segurança, coisa que hoje não existe mais. Mas eu diria que o aspecto principal da minha infância é para a questão ambiental, aqui era uma espécie de ilha, cercada de água por quase todos os lados, na parte leste vem água da cachoeirinha junto com o igarapé do quarenta. Pelo lado oeste o igarapé do Educandos e ao sul banhado pelo rio negro. E eu tive a oportunidade de usufruir desse período de águas limpas, águas cristalinas, não havia essas invasões das suas margens, nem o



entalhamento dos flutuantes, casebres, embarcações. E era o paraíso da meninada, porque naquela época a gente vivia dentro d'água praticamente, a gente era anfíbio praticamente, terra e água, passava mais tempo na água do que na terra. Outro aspecto desse período também que a gente guarda muito na memória, era o período verde, o período do bairro arborizado. Os quintais eram verdadeiras selvas, assim, muitas árvores, nossa escola ficava centrada quase no meio de uma pequena floresta, na hora da merenda, na hora do recreio era a meninada naquele paraíso verde, subindo nas árvores, pegando as frutas no próprio pé (AMAZONAS, E. 2021).

Quando questionados sobre o que havia de ruim no bairro, seu Erasmo respondeu que era a questão econômica, pois segundo ele, havia muita pobreza. Algo também relatado pela dona Nilse, que afirma “Ali onde é o Estelita, não era o Estelita, era as casinhas, casa da pernona. Aqui era muito pobre, era uma pobreza total” (NILSE, 2021). Já para Hedy Lomar, era ruim a constante falta de água. Diferente de dona Dora, que relatou que o ruim para ela foi quando fecharam o Cine Vitória.

Já o que tem de ruim atualmente no bairro, todos os entrevistados relataram a questão da violência e tráfico de drogas, como também houve relatos voltados para a poluição do igarapé.

A questão da desordem urbana, e a questão da degradação ambiental. Por que o Educandos poderia ser, se houvesse visão de futuro, se houvesse sensibilidade dos administradores, principalmente da prefeitura. O Educandos, que é primeira imagem avistada pelo turista do alto dos transatlânticos, seria hoje um bairro que está centrado, é o primeiro da cidade... que lá fora pensa que é uma cidade verde, e não é, nesse campo ela é a pior... o bairro poderia ser um bairro modelo, exatamente por essa questão estratégica, essa localização estratégica, tanto do ponto de vista topográfico como geográfico, Educandos é um platô elevado com uma vista para o rio negro que nenhum bairro tem e que está de costas pro rio, jogando lixo no rio.... tá voltando agora, só não ver quem não quer, que é a malfadada cidade flutuante, tá voltando, quando você passa o que você mais vê é flutuante aí, que hoje é comandado pelo tráfico de drogas... pela terra tem vários carros de polícia, fiscalizando, no rio não tem nada... a distribuição do tráfico a noite é muito intensa... (AMAZONAS, E. 2021).

O Educandos está entre os piores bairros de Manaus no que diz respeito ao tráfico de entorpecentes, segundo estudo realizado por Santiago (2016), que buscou verificar se havia alguma relação entre a densidade demográfica e a criminalidade em bairros de Manaus, tendo como dados as ocorrências do ano de 2013 e os dados censitários do censo de 2010 para realizar sua pesquisa. A autora separa suas análises por natureza do crime e demonstra que o Educandos está em quarto lugar entre os piores bairros em tráfico de entorpecentes de cidade, com 116 ocorrências em 2013. Porém, quando se faz a análise com os valores relativizados pela população residente, o Educandos fica em primeiro lugar, sendo o pior bairro no quesito tráfico

de entorpecentes, com 136 habitantes por ocorrências para aquele ano. Ainda referente ao uso de entorpecentes, o Educandos aparece entre os piores quando os dados são relativizados pela demografia, estando em terceiro lugar, com 395,4 habitantes por ocorrências. “O problema das drogas. É um problema muito sério, que as famílias hoje estão todos desestruturadas, não tem emprego, o mais perto é o traficante chegar neles, o dinheiro vem mais rápido” (CASTRO, 2021). O trabalho trazido por Santiago (2016) demonstra que o crime está também relacionado a fatores externos e ambientais, e não somente fatores internos e pessoais. A autora buscou analisar de forma mais minuciosa o crime na cidade de Manaus, e afirma que nos lugares onde o Prosamim tem sido implementado tem melhorado os índices de criminalidade.

**FIGURA 22:** ALUNOS DA ESCOLINHA DE FUTSAL DO EDUCANDOS, 2003.



Fonte: Acervo Cleoberto Castro.

Algo que tem contribuído para que essa realidade possa ser revertida, ao menos na vida cotidiana de algumas famílias, é o trabalho social do Cleoberto Castro, chamado Projeto Esportivo da Escolinha de futsal do Educandos, que tem mais de 40 anos, voltado à prática do esporte. Ele conta que os alunos do Estelita Tapajos e Machado de Assis não tinham local para fazer educação física, então iam até o lugar que ele utilizava para o projeto social. Ele conta que em 1991, quando da reinauguração da Escola Estelita, eles foram conversar com o

governador, explicando que gostariam de uma quadra coberta, que era interessante para as escolas e para a comunidade. Porém, foi somente em 1993 que a conseguiram. Ele reforçou a importância da comunidade, que esteve sempre cobrando para que a quadra pudesse ser construída, até mesmo deram a sugestão do local que seria ideal e cobraram para que saísse do papel. Mais do que incentivar a prática do esporte, Cleoberto contou que acompanha as crianças que fazem parte do projeto, que sempre olha o boletim de cada um e, segundo ele, se não tiver nota boa não tem moleza. O projeto conta com times de futsal masculino, feminino, e mirins, também realiza palestras, passeios destinados ao lazer das crianças, torneios, campeonatos, dentre outras atividades.

**FIGURA 23:** PALESTRA PARA OS INTEGRANTES DA ESCOLINHA, 2003.



Fonte: Acervo Cleoberto Castro.

Além do problema das drogas e assaltos, foi relatado a falta de espaço no bairro para carros, para recreação, diversão para os jovens, fatores que o progresso do bairro trouxe. Dona Dora diz que “progresso é bom, mas é meio ruim também...tipo, o rio né, o progresso tá poluindo demais...as árvores estão se acabando...ia pra procissão ai tinha muita árvore de pitomba, achava tão bonito aquelas casinhas, as árvores, agora não tem nem mais pitomba, é só casa” (ARAÚJO, 2021). Também foi citada a pouca acessibilidade das ruas e calçadas, o amarelinho que hoje está abandonado e onde frequentemente é visto pessoas utilizando drogas. Dizem que não há lugar para a família ir se divertir no bairro, como iam para a praia da Ponta

Branca, antigamente. Questionados se consideravam o Educandos um bairro silenciado, esquecido, quase todos os entrevistados responderam que sim, o bairro é esquecido, apenas uma entrevistada respondeu que não, a senhora Joana Rocha, de 54 anos, dizendo que “Para mim não, não totalmente. Porque muitas coisas eles já fizeram, ainda falta muito, mas muito das coisas já fizeram... pra mim nunca foi um bairro totalmente esquecido” (ROCHA, J. 2021). Já para Erasmo, é esquecido sim, e não é apenas pelo Poder Público, mas pela comunidade também. “É, ele é esquecido pelo poder público e a própria comunidade, é acomodada... um bairro que a comunidade é acomodada, que não briga, não luta, não protege pelos seus direitos, e por isso, os governantes estão deixando os problemas se agravarem” (AMAZONAS, E. 2021).

O Cláudio Amazonas, é nascido no Educandos, na mesma rua que mora até hoje. É jornalista e escritor de livros sobre o bairro, entre eles o já citado “Memórias do Alto da Bela Vista. “Educandos sempre foi abandonado, aqui ninguém nunca fez nada... o Educandos e o São Raimundo eram muito desprezados. [...] O Educandos não tem sorte. Aqui tiraram o correio, tiraram o ITAU, e vão tirar muito mais...” (AMAZONAS, C. 2021).

O senhor Wathson Lira, de 79 anos, considerou o Educandos um bairro esquecido pela segurança, que somente é lembrado pelos políticos para as festas, quando querem ganhar. Wathson Lira, é casado com Idanilda Lira, de 77 anos, são moradores antigos do bairro. Questionados sobre a relação com o Rio Negro, Wathson e Idanilda contam que a vida era difícil, e que senhor Wathson começava a trabalhar às cinco da manhã e chegava em casa às 23:00 horas da noite. Sua esposa se dedicou a cuidar dos oito filhos. Contaram que não tinham tempo para nada, desciam até o rio para lavar roupa, algo igualmente relatado por outros entrevistados. Dona Idanilda contou que apenas os filhos usufruíam do rio como forma de lazer. No entanto, os entrevistados afirmaram que gostam de olhar para o rio, o senhor Wathson, por exemplo, gosta de aproveitar quando vai na Panair para parar e ficar olhando para o rio. Outros falam do privilégio de poder ver o rio da janela de casa. Hedy Lomar relembra sua infância, “A gente descia todo dia pra ir para o rio, carregar água, lavar roupa e tomar banho...e mamãe ficava em casa da janela: olha a ripa aqui pra vocês!” (LOMAR, 2021).

Já dona Dora, conta que havia uma vista para o Rio Negro quando sentada da sua mesa na cozinha, e tomava café olhando o rio, porém, lamenta que sua vista foi interrompida por uma construção erguida na década de 90. “Eu fiquei arrasada, triste, acho que minha pressão até subiu... pensei que eu ia morrer... [descreve sobre quando construíram uma casa e bloqueou a vista que ela tinha para o rio]. O rio passava aqui, eu via canoa, passava por aqui... Mas era bonito! a gente olhava lá de cima era tão bonito! é porque a natureza pra mim é em primeiro

lugar... quando eu ia pro Estelita eu também via o Rio, lá do amarelinho, acho lindo aquele Rio” (ARAÚJO, 2021). Todos os entrevistados relataram que têm uma afetividade com o Rio Negro, que gostam de olhá-lo quando possível, uns da janela de casa, outros quando vão ao amarelinho ou feira da Panair.

Em referência ao que era e ainda é bom no bairro, um ponto bastante citado pelos entrevistados foi o caráter festivo do Educandos. Para Hedy Lomar, o Educandos antigamente era mais festeiro, hoje, segundo ela, não é mais, diz que o jovem hoje não tem um lugar para ir e se divertir. Diz que ainda há festa, porém é frequentada mais pelas pessoas que estão envolvidas com o tráfico de droga. Ela fala que ainda ocorre o carnaval, e conta sobre como o pai amava a comemoração, que herdou isso dele. Dona Nilse afirmou que também gostava de frequentar os carnavais. Alguns dos entrevistados gostavam de carnaval e outros não, preferiam as festas do Grêmio e da União Atlética. Falaram sobre o bar São Francisco e o restaurante Panorama, que costumavam frequentar. Relataram que hoje em dia “caiu muito” o panorama, hoje não é bom. Disseram que era muito conhecido.

O bom para dona Nilse era a segurança, “que não tinha ladrão, era bom, a gente andava qualquer hora da noite, não fazia medo... era sossegado, agora ninguém pode andar mais” (NILSE, 2021). Já no que diz respeito ao que é bom atualmente no bairro, dona Dora afirma: “Eu gosto da ponte, gostei da ponte, a praça estelita melhorou também, ali na igreja também era caindo aos pedaços, mas hoje ta bonita” (ARAÚJO, 2021). Os entrevistados também citaram o progresso, no que diz respeito à quantidade de serviços que são fornecidos no bairro atualmente, afirmando que hoje tem quase de tudo no bairro, bancos, escolas, lojas de todo tipo de comércio. Porém, Gil diz que a diversão do jovem hoje é droga e bebida, apenas na época junina que há as danças folclóricas, e o arraial do Educandos, que é tradição, como afirmou Walter. Sobre o que tem de bom no Educandos, Cleoberto respondeu que o Educandos é um bairro do passado, segundo ele muita coisa acabou.

O bairro do Educandos, ele ficou um bairro do passado...teve comercio foi muito forte, mas depois tudo caiu, né. Ainda tão resistindo ainda na dificuldade. Aqui antes, era boemia total antes né... sempre passava pra trabalhar... ai depois começou as indústrias a sair daqui e ir pro distrito, muitas foram...antes do distrito as industrias eram aqui, da borracha, balata, castanha, fibra, tá entendendo? porque antes do distrito tudo era mata (CASTRO, 2021).

O Wathson afirma que o bairro está melhor hoje. “Aqui no Educandos tem tudo, drogarias, bancos, supermercados... a parte boa é ter tudo perto” (LIRA, 2021). Outro ponto

importante a ser citado, é o da questão da identidade construída por quem mora no bairro. Questionei os entrevistados se ainda gostam de morar no Educandos ou se mudariam de lá. E quase todos falaram que gostam de morar no bairro e que não se mudariam, apenas Dona Nilse falou que mudaria, mas por uma questão de buscar uma casa com maior acessibilidade para ela.

A questão colocada é sobre o que Corá (2014) fala, uma construção de um sentimento de pertencimento a um grupo, que o sujeito tira suas referências, cria seus vínculos, e seus comportamentos dentro de uma sociedade, e essa identidade é legitimada por algo pelo qual possa se nortear, como etnia, regionalidade, time de futebol ou práticas sociais. É talvez por isso que os entrevistados se identificaram e fincaram suas raízes no Educandos, não buscando outro lugar para morar. Como o senhor Walter afirma, que morou fora quando se casou em 1983, mas só passou oito meses fora. Ele explica que não sai do Educandos porque todo mundo se conhece, tem relação entre vizinhos, e fala que sua mulher o chama para se mudar e ele não quer. “Ta maluco! Ir morar num bairro, que ninguém sabe se a gente existe ou não, ninguém conhece... eu vou morrer por aqui!” (MILONE, 2021). Cleoberto falou que gosta, e que não se mudaria porque tem uma raiz ali muito grande. Já Erasmo, falou que gosta, porque ainda tem a esperança de um dia esse bairro voltar a ser um bairro modelo. Hedy Lomar disse que não sai do Educandos, e relembra que o pai, já falecido, sempre dizia que morreria no Educandos, o que realmente aconteceu.

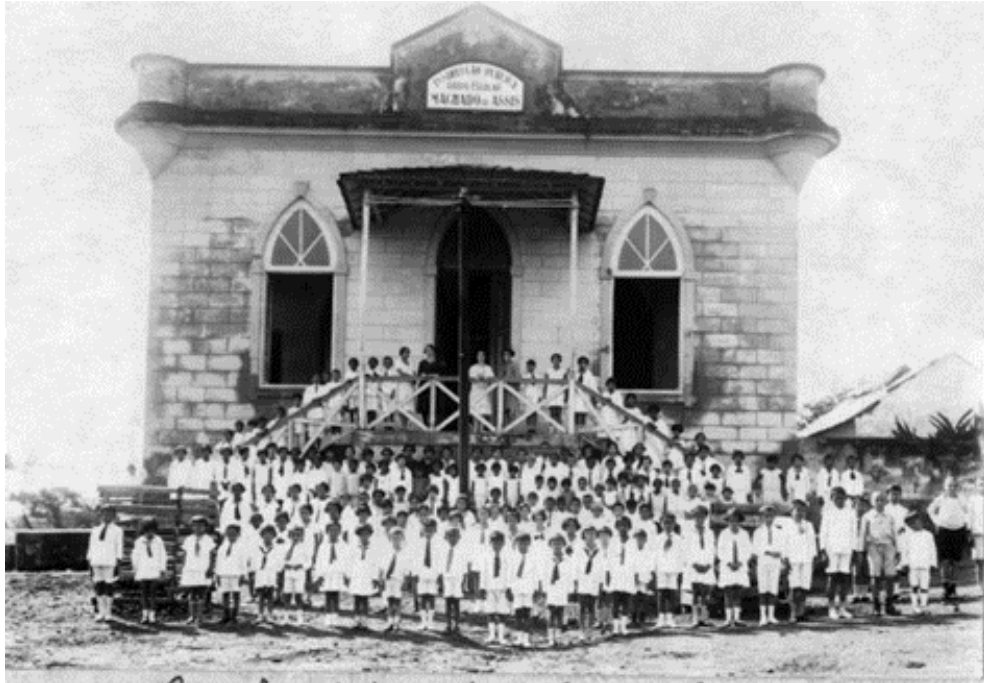
### **3.3. Relação entre lugares de memórias segundo a história e segundo os relatos das entrevistadas**

A busca por identificar os lugares de memória do Educandos é para evitar que paisagens importantes para o bairro caiam no esquecimento. Como Nora (1993) afirma, que motivadas pela mudança que o progresso e modernização trouxeram, e demais fatores, influenciem as pessoas no esquecimento desses lugares. Identificar os lugares de memória do bairro Educandos, é consagrar paisagens de lugares dos quais o registro reside apenas nas memórias daqueles para quem eles foram importantes. Alguns lugares se destacam pela importância histórica que tiveram para a criação e desenvolvimento do bairro, como é o caso do Instituto Educandos Artífices. Outros pela relação da importância histórica e sentimental de alguns moradores, como é o Porto das Catraias. Contudo, existem lugares que residem apenas nas memórias dos moradores mais antigos e carregam um valor sentimental importante para essas

peessoas, como é o Cine Vitória, praia da Ponta Branca, Companhia Atlética de Constantinópolis, Grêmio Social e Recreativo de Educandos e seus carnavais. Dissertar sobre esses lugares é também dissertar sobre o significado que cada personagem atribuiu à aquela paisagem urbana; como a memória se materializa nessas paisagens.

### 3.3.1. Instituto Educandos Artífices

O Instituto Educandos Artífices, criado em 1856, também conhecido como Casa dos Educandos, que era uma escola estilo internato e que fornecia cursos profissionalizantes e tinha papel civilizador, como já citado nessa dissertação, foi ponto de início da criação do Educandos, sendo a partir dele que o bairro começou a se desenvolver. Amazonas (1996) diz que o estabelecimento funcionou por 41 anos em seu prédio original, numa colina que era chamada de Barreira de Baixo, à beira do Rio Negro sendo cercado por água, e abrangia uma área de 130.693 metros quadrados. Era um ponto de visitação de pessoas ilustres e personalidades importantes da época. O estabelecimento chegou a ter problemas com contratação de professores, por não acharem profissionais qualificados. “O presidente Domingos Monteiro Peixoto mandou contratar na Europa dez operários para servir de mestres e contramestres das oficinas já criadas: ferreiro, serralheiro, marceneiro e torneiro, e para as oficinas que covinha criar (padeiro e carpinteiro)” (AMAZONAS, 1996, p.69).

**FIGURA 24:** GRUPO ESCOLAR MACHADO DE ASSIS.

Fonte: Durango Duarte, década de 1920.

Hoje no prédio do Educandos Artífices, depois de ter passado por reformas em sua estrutura original, funciona o Grupo Escolar Machado de Assis, criado pelo Decreto 1.472, de 11 de janeiro de 1924, e, segundo Duarte (2009), antes de abrigar o Grupo, o prédio do Estabelecimento dos Educandos Artífices era propriedade da Faculdade de Direito, posteriormente sendo alugado por cinco anos por Alfredo Sá, sendo definitivamente instalado o grupo no local somente em 1926, quando o Governador do Estado do Amazonas, Ephigênio de Salles, substituiu o contrato de alugueis de prédios firmados em administrações anteriores por permuta de prédios. Dessa forma, Duarte (2009) diz que o Estado ficou com o prédio ocupado pela escola e a faculdade ficou localizado na avenida Joaquim Nabuco, onde hoje é a Escola Estadual Nilo Peçanha. Esse estabelecimento engloba o que Halbwachs (1990) chama de memória histórica, e escrever sobre ele é poder reconstruir uma história que não vivenciamos, mas que nos auxilia para entender o presente, sobre o porquê da importância histórica do bairro Educandos.



**FIGURA 25:** ESCOLA ESTADUAL MACHADO DE ASSIS, EDUCANDOS, 2021.



Fonte: Arquivo Pessoal.

### 3.3.2. Porto das Catraias

Fornecedor de água e alimento, local de trabalho e de lazer, espaço de desenvolvimento de formas de sociabilidades urbana, onde se estabeleciam redes de solidariedade, o igarapé promovia a comunicação e a circulação de pessoas entre o perímetro urbano e a periferia. Lá estavam os catraieiros que faziam as travessias no igarapé do Educandos, São Raimundo e outros onde o poder público não havia construído pontes ou feito aterros (COSTA, 2014, p.166).

O porto das catraias é um lugar que aparece como ponto de início do Educandos, mas também nas lembranças dos moradores. É parte da história e memória dos Educandenses. Amazonas (1996) conta a história dos catraieiros mais velhos, e dentre eles está o Júlio Cairara, que morreu no ano de 1979 em sua residência, com 108 anos.

Todas as manhãs ele descia a rua Manoel Urbano segurando um bule com café em uma das mãos e um farol na outra. Misturando-se àquelas pessoas que se dirigiam ao porto das catraias rumo à escola ou ao trabalho, ele compunha uma paisagem singular, com seu corpo rechonchudo e uma piada na ponta da língua, que o faziam uma pessoa sempre alegre e sorridente.

Júlio Guimarães, o Júlio Cairara, como era conhecido carinhosamente, nasceu em Macaíba Rio Grande do Norte, em 10 de Julho de 1883, vindo para Manaus em 1909, onde trabalhou como catraieiro até quase os últimos dias de sua vida (AMAZONAS, 1996, p.181).

**FIGURA 26:** PORTO DAS CATRAIAS, EDUCANDOS.



Fonte: Instituto Durango Duarte.

O Porto das Catraias por muito tempo foi um único ponto de meio de transporte do Educandos, que levava os habitantes do Alto da Bela Vista para os outros recantos da cidade. E faz parte das memórias dos entrevistados, como conta o Walter:

Nossa! eu andei muito de catraia. Eu fugia de casa com 6, 7 anos, eu morava ali no beco São João, próximo ao porto das catraias, então, meu esporte favorito era sair de casa, pegar uma catraia ir até o outro lado e voltar. Eu gostava de passear de catraia, os caras [os catraieiros] até já me levavam... [que diziam] deixa ele ir... eu ia de graça (MILONE, 2021).

Dona Nilse também relembra que o meio de transporte por muito tempo no Educandos era a catraia ou a pé, já que os ônibus começaram a circular no bairro a partir da construção da ponte, na década de 1970. Outros entrevistados citaram o quanto gostavam das catraias, que gostavam de atravessar por elas; que muitos pegavam catraia para ir ao São Raimundo, para passear. As catraias ainda são um meio de transporte no bairro, mesmo não sendo o meio de transporte principal, e alguns moradores ainda vão ao porto das catraias no período de cheia do Rio Negro para ir a outros pontos da cidade.

**FIGURA 27:** PORTO DAS CATRAIAS, EDUCANDOS, 2021.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Muitos foram os lugares de memórias apagados da história do Educandos e que reside nas memórias dos moradores antigos do bairro. Quando questionados quais os lugares que eles mais gostavam de frequentar e que não frequentam na atualidade por não existir mais ou por terem mudado, a maioria citou o Cine Vitória e, em seguida, também muito citada foi a Praia da Ponta Branca, a Companhia Atlética de Constantinópolis, o Grêmio Social e Recreativo do Educandos, e as festas de carnavais e boleros. Porém, quando perguntados: Se existisse a possibilidade de resgatar um lugar que não existe mais no bairro, qual seria? Em primeiro lugar surge o Cine Vitória e em segundo a Praia de Ponta Branca.

### 3.3.3. O Cine Vitória

Em 1954 o bairro de Educandos ainda fazia parte da periferia de Manaus, e como tal, gozava de má fama, mesmo assim ganhou o belo cine Vitória (nas horas vagas uma casa de espetáculos, o Cine Teatro Vitória), cuja construção começara no início de 1950, na av. Leopoldo Peres, então estrada de Constantinópolis, ao lado da Usina Americana, próximo à Baixa da Égua, e em 1953 já estava quase concluído, faltando os acabamentos e o início da instalação dos equipamentos de som e projeção, o que só ocorreu no ano seguinte (FERREIRA, 2021).



**FIGURA 28:** CINE VITÓRIA, EDUCANDOS.

Fonte: Instituto Durango Duarte

O Cine Vitória, segundo Duarte (2009) funcionou na avenida Leopoldo Péres, de propriedade da empresa A. Bernardino e Cie. Ltda, e localizado ao lado Usina Americana, no bairro Educandos. Tinha 1.116 lugares e manteve funcionando 11 de dezembro de 1954 a 1º de maio de 1973, e o primeiro filme foi A Floresta Maldita. Hoje o edifício abriga a loja Luanjo, e tem sua fachada totalmente modificada. O Cine Vitória era considerado o maior salão de projeção de Manaus, funcionou em um período de certo glamour do Educandos que vivia os anos dourados (AMAZONAS, 1996).

**FIGURA 29:** TRECHO JORNAL DO COMMERCIO, 1954.

Fonte: Jornal do Commercio.

Os entrevistados falaram com muita alegria e saudosismo deste cinema, que além de filmes também apresentava shows de artistas importantes da música nacional, entre eles, Roberto Carlos, Waldick Soriano, Roberto Muller e Altermar Dutra. Dona Dora conta que ficou muito triste quando fecharam:

O Vitória é a Luanjo. Ai eu fiquei muito triste, quando eu me lembro que lá no Vitoria... era muito engraçado, não tinha ar condicionado, era só ventilador e várias portas que ficava todas abertas... teve um dia que eu fui assistir um filme, ainda me lembro até o nome do filme, era Maria, a mulher que não sabia amar, era mexicano, ai quando tava passando o filme soltaram uma bomba, um gaiato jogou uma bomba pra dentro do Vitória, era tudo aberto, né?! Ah, mas era muito legal, eu sinto muita saudade (ARAÚJO, 2021).

Quando perguntada: Dona Dora, se tivesse a oportunidade de trazer de volta algo para o Educandos, o que a senhora traria? Dona Dora responde sem hesitar: “Era o cinema, eu fui muito, muito mesmo pro cinema, até quando era criança eu pensava, quando via aqueles filmes de bang bang eu pensava... como as pessoas entram ali? [risos] mas não era não, era uma tela, eu achava tão bonito aqueles casarão...” (ARAÚJO, 2021). Ela falou que também ia aos shows, conta que vieram Texeirinha, Renato e seus blue caps, Reginaldo Rossi... “eu sempre ia, eu via o Trio Cristal. Eu sei que veio um monte de artistas... Waldick Soreano...” (ARAÚJO, 2021).

O Gil Eanes falou que o Cine Vitória era um Cine Teatro, na verdade, afirmando que era o marco do progresso no Educandos, e que houve outros cinemas, uns quatro ou cinco, mas eram caseiros. Conta que o Vitória veio como uma empresa da família Bernardino, que possuía o Odeon. Walter também demonstrou muita saudade do Vitória. “E nesse cinema aí, Calina, eu me lembro perfeitamente do último filme que eu assisti, [pergunto qual era e ele afirma] os Últimos dos Moicanos, era uma história fantástica!” (MILONE, 2021). É notável entre os entrevistados o valor sentimental que o Cine Vitória teve para a memória de cada um, relembrando os filmes que assistiram, as impressões, os shows que presenciaram, sempre com tom de saudosismo e nostalgia.

O Cine Vitória funcionou até maio de 1973 e, segundo Ferreira (2021), foi ficando vazio como reflexo da popularização da televisão na cidade. Teve pouco menos de 19 anos de existência. O empreendimento foi visto como arriscado, pois o Educandos, mesmo sendo considerado um bairro populoso, era habitado por pessoas de pouco poder aquisitivo, e também

era um bairro distante da parte central da cidade. Erasmo Amazonas relembra “quando venderam o Cine Vitória e transformaram ele naquela caixa quadrada, horrível, eu só falei chorar, por que passei parte da minha infância dentro desses cinemas. Era os dois mais frequentados por mim, na infância até pedaço da adolescência, era o Guarani e o Vitória” (AMAZONAS, E. 2021).

**FIGURA 30:** EDIFÍCIO ONDE FUNCIONOU O CINE VITÓRIA, 2021.



Fonte: Arquivo Pessoal.

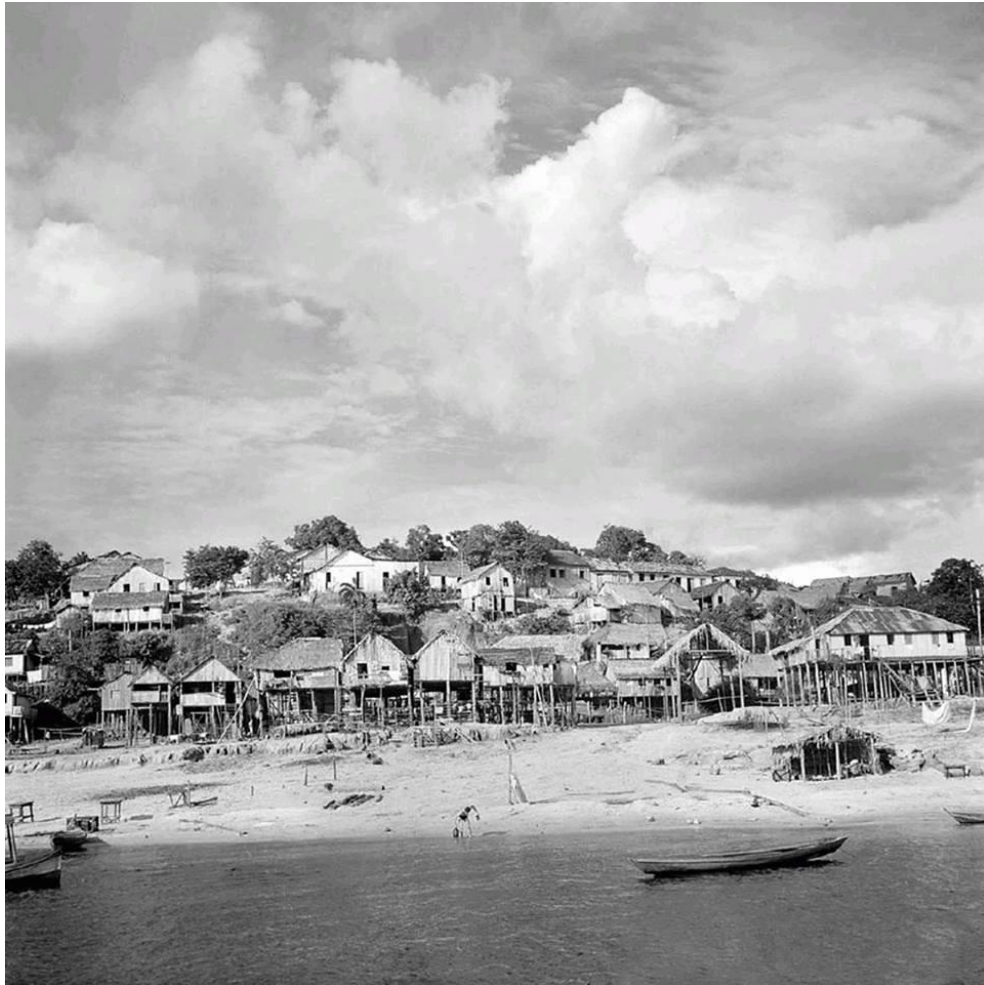
#### 3.3.4. Praia da Ponta Branca.

O Walter relembra sobre como era a Praia da Ponta Branca, e diz:

Nós não precisávamos sair daqui, aqui era o próprio balneário. [...] Eu quando era moleque brincava muito ali. Tanto é que a Ponta Negra, naquela época, pouca gente conhecia a ponta negra, vinham mais para o Educandos, era lotado nos domingos e feriados. E isso durou até meados de 85. Quando o prefeito tirou areia de lá pra fazer a feira da Panair, aí não deu certo e acabou com a Ponta Branca (MILONE, 2021).

Alguns moradores almejam e lutam para recuperar o antigo Balneário dos Educandenses, Gil Eanes, Erasmo Amazonas, Cláudio Amazonas e Walter, que afirmou “essa é a nossa luta, a luta do Gil e a minha é de revitalizar a Orla, começando pela Ponta Branca. Para que voltasse nosso Balneário antigo. E a infância... a gente brincava, se divertia...” (MILONE, 2021).

**FIGURA 31:** PRAIA DA PONTA BRANCA, DÉCADA DE 60.



Fonte: Manaus do Sorriso.

Quando questionado sobre o que desejaria trazer de volta para o Educandos, se pudesse, Cleoberto logo respondeu: A Praia da Ponta Branca, com certeza! Ele disse que:

A praia da ponta branca, porque tinha restaurante, as famílias iam para lá, iam família do centro pra lá, porque era uma praia, com a areia, era tão branca! ai com a poluição dos igarapés acabou tudo, a população não sabe o que é o meio ambiente, quando vierem perceber já vai ser tarde. Os rios vão secar se não tomarmos uma providência, e o ser humano não vive sem água (CASTRO, 2021).

Os oito filhos de Wathson também costumavam frequentar a Praia da Ponta Branca, como outros entrevistados relataram ser ponto certo de lazer e lamentavam pelo o estado que se encontra hoje. Gil Eanes disse que as pessoas ainda tomam banho na Ponta Branca, “quando o rio enche o pessoal continua tomando banho, a poluição do igarapé não chega na praia, a



poluição que chega na praia é da Manaus moderna. [...] Só que não tem mais a presença das famílias, é mais a juventude mesmo” (CARDOSO, 2021).

**FIGURA 32:** PRAIA DA PONTA BRANCA, 2017.



Fonte: Arquivo pessoal.

Em tom de revolta, Cláudio Amazonas disse que o amarelinho “é terrível”, porque não há mais lugar para família, somente bagunça de bar, e que “atrás do amarelinho é droga”. Ele relatou como era para ser e o que poderia ter sido feito com o trecho que compreende a praia da Ponta Branca e o Amarelinho.

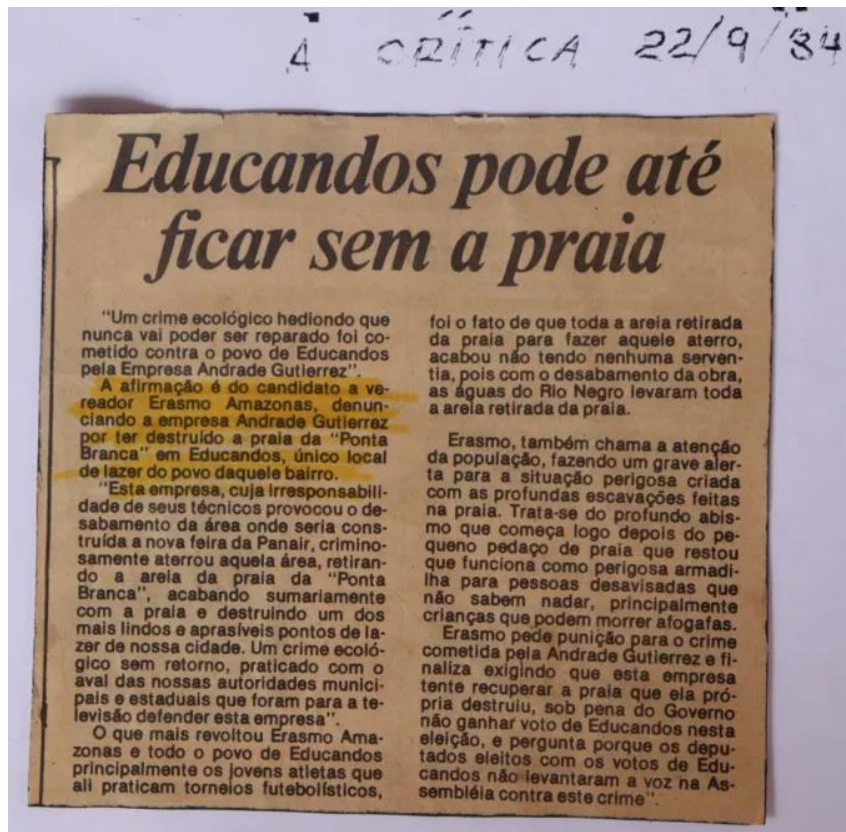
Essa posição geográfica do Educandos era para ter um calçadão, olha a loucura! Dinheiro, turismo...o são Francisco não tinha acabado, o panorama não tinha acabado, tinha estacionamento, o povo vinha da Globo, dos Estados Unidos, tudo pra ali. Mas eles estreitaram, o Eduardo Braga e o Amazonino, estreitaram a rua, fecharam com o panorama e o são Francisco que eram dois restaurantes que atraíam muitos turistas que era de frente pro Rio Negro, os famosos iam tudo pra ali, porque tinha estacionamento... (AMAZONAS, C. 2021).

Em artigo publicado pelo jornal “Em Tempo” (2021), é trazido à tona o esquecimento e abandono da Praia da Ponta Branca, no qual Junior diz que a praia nem sempre havia sido como ela se encontrava atualmente, e que até o fim dos anos 1980 um era ponto de encontro da juventude manauara, que realizava campeonatos de futebol, vôlei, pesca e outras diversas



atividades. Erasmo Amazonas alertou em reportagem para o jornal “A Crítica”, em setembro de 1984, sobre o crime ambiental que estava acontecendo na Praia da Ponta Branca, tratando-se da retirada de areia de sua faixa para aterrar o terreno em que iria ser construída a feira da Panair.

FIGURA 33: TRECHO JORNAL A CRÍTICA, 1984.



Fonte: Reportagem Jornal em Tempo, 2021.

A luta que os moradores buscam é para que no projeto do Prosamim para a área da Orla do Educandos finalmente seja incluída. Gil Eanes, um dos nomes que lutam para a implantação de um projeto de revitalização da orla, afirma que há um projeto do Prosamim para o bairro, mas todos os anos ele acaba ficando de fora do orçamento. Erasmo Amazonas, durante a entrevista, revelou que já batalhou muito para as melhorias na orla, que antes do Prosamim já falava muito, escrevia reportagens; fez alguns projetos, um deles para beneficiar toda a orla até a feira da Panair. Perguntado por que na opinião dele o projeto para o Educandos sempre fica de fora para a implantação pelo Prosamim, ele afirmou ser tudo questão de vontade política, “se houver um governante, o Eduardo tem em mente ainda de concluir essa etapa, ele chegou a prometer, vamos ver, eu ainda não deixei de sonhar com esse projeto” (AMAZONAS, E. 2021).

Perguntado se esse desejo pela realização do projeto do Prosamim é um desejo também da população que mora na Orla, Erasmo afirmou que sim, “É, é o maior sonho dos Educandenses hoje, é o Prosamim. Hoje a população já tem esse sentimento, que é o Prosamim. Principalmente os moradores do Bodozal. Bodozal são cerca de uns 1200 casebres, em cima d’agua, em palafitas, comandado pelo tráfico de drogas” (AMAZONAS, E. 2021).

O projeto do Prosamim para o Educandos, na opinião de Gil Eanes, tem que ser diferente, e acrescenta:

O prosariam para o Educandos tem que trazer socialização, tem que misturar as classes, tem de colocar comércios, tem que trazer estacionamento, pois não tem onde o povo colocar o carro. Tem que trazer local para atividades sócio esportivas que nós não temos, tem que trazer espaço para centro de convivência, tem que trazer pista para ciclista, pista para pedestre, tem que ter uma pista lá na orla para livrar o trânsito. Um projeto que reaqueça o comercio que vem proveniente da presença do turista (CARDOSO, 2021).

O silenciamento da Orla do Educandos é algo já bastante discutido no decorrer desse trabalho, e algo que pode ser ouvido em quase todos os entrevistados, o lamento de como estão acabando com o Rio e as beiras do Educandos. A questão da revitalização da orla é um sonho que pude ouvir de moradores que encontrei nas visitas ao bairro e entrevistas realizadas, entendendo que não há dúvida de que o bairro precisa de um projeto que proponha o melhoramento da sua paisagem urbana, da sua morfologia, como também o melhoramento da vida dos habitantes, socialmente, culturalmente, ambientalmente, economicamente; vários são os pontos negligenciados que permeiam o Bairro Educandos. Um projeto urbano é um sonho para os moradores, esperança do Educandos de ser um grande potencial turístico, como relataram já haver sido um dia, e como afirma Erasmo Amazonas:

Ahh, seria uma maravilha! Poxa vida, tanto do ponto de vista estético, urbanístico, ambiental e turístico. Que é a nossa grande vocação. Não dá para entender, como é que os governantes, sucessivos governantes, ainda não perceberam que nós temos um potencial turístico que está sendo desprezado, esquecido, abandonado, ninguém tem um rio tão belo como esse, ninguém tem uma paisagem tão bonita como a gente tem... (AMAZONAS, E. 2021).

Outro morador antigo que também sonha com a revitalização da orla do Educandos é Pedro Afonso. Relatando a importância que seria para o bairro se algum projeto fosse feito, ele disse que mesmo com a atual situação da poluição dos leitos do Educandos, ainda é possível

ver jovens e crianças voltando molhados da praia da Ponta Branca, pois vão para jogar bola e tomar banho, algo que presenciei pessoalmente. Todavia, segundo ele, apenas quando o rio começa a subir seu nível e possibilitar que águas limpas cheguem na praia. Pedro também falou que ainda fazem campeonatos de futebol na Ponta Branca.

Porque se o amarelinho tivesse o acabamento que tem a Ponto Negra, isso aqui ia ser show de bola! Tá abandonado isso aqui né. Você vendo daqui tá bonito, mas se você descer isso aqui, ou ver de lá pra cá, está feio... Já pensou fazer um mirante nessa altura que tem isso aqui, o cara ficar lá de cima e olhar... Ave Maria! É um espetáculo!

[...] Isso aqui é maravilhoso, a natureza não tem coisa melhor, pra eu que estou aqui eu curto isso aqui todo dia, todo dia é uma paisagem diferente, um pôr do sol todo dia diferente, aí vocês vem uma vez na vida e já se admira, imagina a gente... (BARBOSA, 2021).

### 3.3.5. A folia da Cidade Alta: Clubes e festas de que marcaram para os moradores antigos do bairro

Eu gostava muito das casas noturnas, duas coisas que tocam muito meus sentimentos, uma delas é pintar, e o segundo é música, eu gosto demais de música. Aqui tinha uma que era muito famosa, era a União Atlética de Constantinópolis, era bem frequentada, vinha turista, o dono da casa era chamado do Rei da noite, tem até uma obra publicada a respeito dele, ele tinha uma sensibilidade, ele chegou a ser deputado estadual, e ele era muito aproximado do então governador Gilberto Mestrinho, que mandava ele para os Estados Unidos para algumas tarefas. Ele trazia os últimos lançamentos musicais, que estavam na época estourando nos Estados Unidos, na Europa, e vinha rodar aqui na União Atlética de Constantinópolis. Eu era um dos maiores frequentadores, gostava de dançar também (AMAZONAS, E. 2021).

A União Atlética de Constantinópolis foi criada em 1956, localizada na rua Amâncio Miranda, por uma figura que Cláudio Amazonas, em seu livro “Constantinópolis: origens e tradições”, afirma ser polêmica e controversa, e que se tornou um empresário bem-sucedido do Educandos: o pernambucano Gonçalo Batista dos Santos. Ele frequentava a alta sociedade de Manaus, e ingressou a política se tornando Vereador e Deputado, morrendo aos 82 anos no dia 7 de janeiro de 2001.

Dançar é uma excelente terapia, é a coqueluche nos anos dourados. Para isso basta descer mais um pouco o Boulevard Rio Negro e dobrar a esquina com a rua Amâncio de Miranda, à direita. A manhã de sol vai começar na União Atlética de Constantinópolis e o dia está garantido” (AMAZONAS, 1996, p.122).

Além da União Atlética, Dona Nilse também resgatária, se pudesse, “O Educandos”, porque ela afirma que era um dos lugares que iam para dançar. “O Educandos era um clube que ficava na rua da igreja, depois da sorveteria, mas hoje acabou, fizeram casa de residência” (NILSE, 2021).

O Grêmio Social e Recreativo de Educandos, foi criado em março de 1959, localizado na avenida Leopoldo Peres, e reunia famílias para festas dançantes e carnavais. Amazonas (1996) fala sobre como o lugar Educandos foi roteiro da Boêmia até meados de 1960 na Estrada de Constantinópolis, quando com o surgimento da Zona Franca os bares foram sendo substituídos por estabelecimentos comerciais. Assim como a União atlética, o estabelecimento do Grêmio Social e Recreativo de Educandos apareceu nas entrevistas como um dos lugares mais frequentados pelos moradores antigos.

As festas, em especial o carnaval, são bastante citadas pelos entrevistados como sendo uma das melhores coisas que o Educandos teve e ainda tem de bom, por mais que hoje eles considerem as festas mais bagunçadas e perigosas. Ainda assim, alguns ainda frequentam os blocos de carnaval que acontecem no bairro. Hedy Lomar (2021), diz que “é um bairro que nunca faltou festa, sempre teve muito, até hoje tem. Ele é esquecido pelo poder público, mas é festeiro”. É algo que resiste ao tempo e ao processo de modernização, o carnaval continua sendo um período que o bairro fica em festa, como afirmou Gil Eanes:

O nosso bairro é o mais festivo, é o mais alegre. Aqui no Educandos se morre de tudo, menos de tristeza... aqui juntando blocos e bandas temos 16... a imprensa não sai daqui, temos duas bandas que são as maiores que são a baixa da Égua e outro que sou o criador, porém não participo mais, que é Banda dos Assombrados. É o carnaval mais original e irreverente da cidade de Manaus, é uma coisa incrível, chega a ter uma multidão de quase 5 mil pessoas. As pessoas ficam esperando a música do carnaval do ano para fazer suas fantasias. A família Seara já é a terceira geração no carnaval. Tem umas fantasias que já são tradicionais: o Raul seixas, carteiro, medico, vem as estudantes, as empregadas domesticas...todo ano tem que ter (CARDOSO, 2021).

Uma das festas tradicionais carnavalesca do Educandos completou 38 anos em 2019, e Erasmo Amazonas é o idealizador e organizador da folia da Cidade Alta, que carrega o slogan do Galo de Educandos. Ele conta que o carnaval acontece no Amarelinho e reúne multidões. Le Goff (1998) fala sobre essa mudança do carnaval, que na Idade Média era uma festa considerada rústica, camponesa, com uma forte conotação pagã, e passou a invadir a cidade, urbanizou-se e incorporou uma contestação ideológica.

O carnaval transforma-se em algo que se opõe à quaresma, combate a mentalidade penitencial e ascética da religião cristã, faz triunfar o riso, que volta a ser, como na antiguidade, algo próprio do homem, contra o pranto, expressão da contrição e do arrependimento que devem caracterizar o homem pegador (LE GOFF, 1998, p.59)

Na matéria do jornal “A Crítica”, Nunes (2019) afirma que o que diferencia o carnaval do Educandos de outros carnavais do Estado é o fato de manter as tradições, como acontece no carnaval da avenida Eduardo Ribeiro, estas que são as disputas dos grupos carnavalescos, concurso de fantasias, carnaval infantil com eleição de uma rainha mirim, e também disputas das rainhas do Educandos. Nunes (2019) também afirma que o carnaval do Educandos passou a fazer parte do Patrimônio Imaterial do Estado do Amazonas, em 2018. Carnaval que passa como herança para Hedy Lomar, que contou que o pai amava o carnaval, e que herdou isso dele, que toda terça-feira de carnaval ele se vestia de mulher:

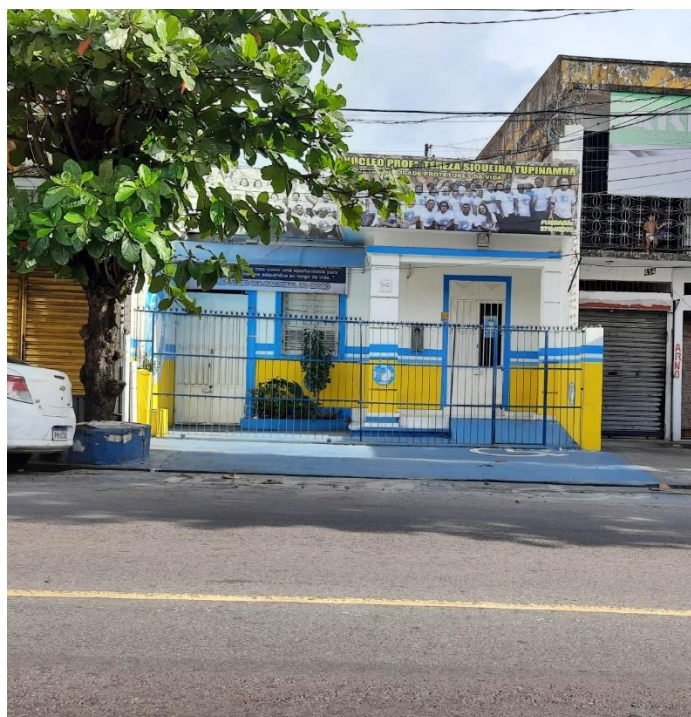
Ele saía vestido e os meninos acompanhavam ele, pegava bolsa e vestido da mamãe, colocava uma peruca que era feita de pele de preguiça, e ele ia pro carnaval do Rubens Freitas, que tinha no fim da igreja, e também tinha o carnaval do Erasmo Amazonas. Ele que começou, e até hoje tem o bloco do defunto [defunto era como o pai dela era conhecido, porque quando era novo era muito magro, então as pessoas falavam que parecia um defunto] (LOMAR, 2021).

E por que essa festa resiste, diante das mudanças da modernização, globalização e mundialização que passamos? Corá (2014) lança um olhar sobre a dinâmica cultural daquilo que é chamado Cultura Popular Brasileira, a partir da imaterialidade e da formação das identidades. Muitos entrevistados, mesmo ainda gostando das festas, se manifestaram insatisfeitos com as mudanças ocorrido no carnaval e demais festividades que acontecem no Educandos, como a mudança do estilo musical predominante no bairro, que antes era Bolero, Brega, Bossa Nova, entre outros, e hoje o estilo dito por alguns entrevistados como “de péssimo gosto”, que são o forró e sertanejo, mas essa é a capacidade de transformação que a cultura popular tem. Corá (2014) discorre sobre maneiras de interpretação da cultura e a revela como uma “prática produzida e com significação simbólica de um sistema sociocultural em constante movimento. Desse modo, a cultura sempre está em transformação, sendo reflexo da necessidade de identificação dos agentes da sociedade” (CORÁ, 2014, p.39). E a autora continua afirmando sobre como a identidade se forma por essa interação do eu com a sociedade, que existe o eu real do sujeito e o que é formado e modificado pelo mundo exterior, e as identidades vindas dele. Conclui-se, com isso, que as interações com outras identidades e manifestações culturais faz

com que as identidades dos educandenses passe por transformações no seu interior, como também que se identifiquem com outras formas culturais vindas do exterior pelo processo de globalização, modernização, mas que mesmo assim isso não evitou que eles pudessem construir uma identidade do que é ser educandense, na qual ser festivo e alegre é parte constituinte, mesmo que a cultura se transforme e modifique. O educandense morrerá de tudo, menos de tristeza!

### 3.3.6. Núcleo Professora Teresa Tupinambá.

**FIGURA 34:** NÚCLEO PROFESSORA TEREZA SIQUEIRA TUPINAMBÁ, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal.

O Núcleo Professora Teresa Tupinambá é uma instituição de proteção à pessoa idosa que tem o objetivo de resgatar os laços afetivos entre os idosos e familiares, como também oferecer ações que busquem melhorar sua qualidade de vida, seja física ou mental.

Foi na tarde chuvosa do dia 22 de novembro de 2021 que conheci o Núcleo Professora Teresa Tupinambá, que é uma instituição sem fins lucrativos. Fica localizada na Avenida Leopoldo Peres, e é administrado pela também fundadora Adelacy Cruz.

Cheguei em dia de oração, que é realizada toda segunda feira às 15:00 horas. Por ser um dia de muita chuva, o encontro atrasou e começou às 16:00 horas. Antes de iniciar, quando

algumas poucas pessoas estavam no local conversei com alguns frequentadores, entre eles a senhora Olinda, muito simpática. Falou-me um pouco da sua história de luta. Olinda era uma das moradoras que perderam a casa no incêndio de 2018, nas palafitas. Ela falou que o incêndio chegou na sua casa muito rápido, e que somente deu tempo de pegar seu cachorro filhote e soltar outros dois cachorros adultos que estavam presos. Ela conta que perdeu tudo, que recebeu ajuda do governo, um auxílio de 300 reais por um ano, que teve indenização, mas que rejeitou, pois, o valor da indenização não era suficiente para comprar uma nova casa, então ela preferiu permanecer no terreno e reconstruir sua casa aos poucos, fazendo isso com muito trabalho e doações, sua casa antes era de madeira, conseguiu reconstruir de alvenaria.

O momento de oração se iniciou, um encontro de aproximadamente 20 idosos que toda segunda-feira se reúne para fazer um momento de oração. Particpei do momento cantando e rezando junto com os demais, momento especial de partilha e fé conduzido por Adelacy Cruz, que me incluiu nas orações daquele dia. Após o momento de oração, Adelacy me apresentou ao grupo, do qual falei sobre minha pesquisa e os convidei a participar das entrevistas. Oito pessoas se interessaram em participar. Começaram a participar da entrevista, mas deixaram o local antes de terminar por motivos particulares. Watson, Maria de Fátima, Joana D'arc, Maria Nazaré, Idanilda e Adelacy foram os que continuaram a conversa até o fim.

Foi uma tarde única, prazerosa, poder ouvir as histórias daqueles idosos iluminou o dia e, conseqüentemente, a pesquisa, a empolgação ao lembrar do passado e a satisfação em compartilharem comigo foi contagiante. Cada um com sua memória individual que constitui uma memória coletiva do bairro.

Em certo momento da entrevista, Adelacy contou sobre a fundação do Núcleo, cujo nome é em homenagem a Teresa Tupinambá, que morreu em 2006 e foi uma líder comunitária muito ativa no Educandos, sendo diretora da Escola Estelita Tapajós, onde Adelacy era professora de biologia e química. Adelacy contou que:

Eu sempre fui muito envolvida na comunidade, dentro de igreja em pastorais. Na época eu era professora, recém-formada com todo gás, professora de biologia e química. Nós tínhamos uma ação de limpeza, nos gostávamos de deixar o bairro sempre limpo, com ações direcionadas a limpeza, daí em 99 nós escrevemos esse projeto para a Seduc, e nós fomos pelo ministério do meio ambiente selecionados, só que com jovens, quando eu voltei com os meninos, aplicar questionário sócio ambiental, eu comecei a ver que muitos deles viviam em vulnerabilidade social e moravam com os avós, os avós é quem criavam, os avós que adoeciam mais por ficarem dentro de casa, os avós não tinham refúgio para depressão, na época, e a maioria dos meninos das escolas eram criados pelos avós (CRUZ, 2021).

Relatou também que um dos lugares em que trabalhava era na Colônia Oliveira Machado, foi quando percebeu que já existiam grupos para a terceira idade, e foi falar com a professora Teresa para que ela permitisse que abrissem um grupo de terceira idade na escola. Ela conta que colocou os meninos para chamarem os avós para participarem de uma reunião lá. Conta que falou para os alunos que quem trouxesse dois idosos para a reunião iria ganhar uma medalha, então os meninos foram procurando. Assim, montaram no Estelita Tapajos um grupo de apoio aos idosos. Adelacy (2021) narrou: “sendo que a Teresa saiu da escola e os outros não queriam os idosos lá na escola, expulsaram os idosos de lá. Fiquei sem saber o que fazer porque não queria deixar morrer aquele grupo”, e acrescenta dizendo “foi que a Teresa falou com os meninos da vila que tinha uma delegacia desativada, que só estava tendo assalta”. De acordo com Adelacy, foi quando montou uma equipe com Cleoberto, Zé maria, Luizinho e outros, para arrumarem a delegacia abandonada.

Daí a gente veio pra cá, num sábado, passamos o dia aqui. Fizemos macarrão com ovo, compramos refrigerantes, limpamos e ficou mais ou menos, né. E fomos atrás do Francisco Sobrinho, que era o delegado da época. Invadimos, nunca vieram tirar a gente, porque viram que fazíamos as benfeitorias... aqui era bem menor, utilizamos aqui e lá na igreja, tínhamos o padre que passava a mão na nossa cabeça... (CRUZ, 2021).

Ela contou que o grupo teve que parar de funcionar na Igreja quando chegou um outro padre, um que, segundo Adelacy, não gostava de idoso, ele a comunicou que só permitiria que o grupo continuasse funcionando lá se atendesse apenas a católicos, o que ia contra o que Adelacy e o núcleo defendia, pois o Núcleo é para todos os idosos, independente de religião. A professora Teresa já havia falecido, então Adelacy decidiu ficar apenas no Núcleo, onde era a delegacia. Ela contou que Teresa ensinava a fazer rosas, artesanatos, ensinava a ler e escrever. Que quando a professora Teresa faleceu ficou “meio perdida”, mas que chegaram pessoas para ajudar. Questionada sobre como o núcleo se mantém, falou que é pelas doações dos próprios voluntários. “No núcleo tem atendimento médico, psicológico...o espaço do núcleo é do governo do Estado, quem responde é a polícia militar lá de Petrópolis, todo mês mandamos o relatório de atendimento, que é para eles verem que estamos produzindo” (CRUZ, 2021). O Núcleo Teresa Tupinambá tem 22 anos de existência.

### 3.3.7. Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.



**FIGURA 35:** IGREJA NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO, EDUCANDOS.



Fonte: Instituto Durango Duarte.

A Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, é um lugar de memória importante para o bairro, para além de sua importância histórica, que com o padre Antônio Plácido de Souza, contribuiu para conquistas para o bairro, na luta social, e um dos lugares que a população católica costumava e ainda costuma frequentar. A primeira capela em Manaus em honra de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, possibilitada pela Sociedade Beneficente Sportiva de Constantinópolis, em 1928. A capela era construída em Madeira e palha, e era subordinada à Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios. Para ela, somente era enviado um padre para realização de missas fora da capela em ocasiões esporádicas, e foi apenas em 6 de janeiro de 1940 que foi nomeado cura da igreja o Padre Antônio Plácido de Souza (Duarte, 2009).

A Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi instituída pelo bispo de Manaus Dom João da Matta Andrade e Amaral, em 15 de dezembro de 1941. Segue trecho do documento do decreto da criação da paróquia assinada por Dom João da Matta Andrada.

Dom João da Matta Andrade e Amaral, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica,  
Bispo de Manaus,

Aos fies Cristãos, Saudações e Benção em Nosso Senhor.

Fazemos saber que, atendendo às necessidades espirituais dos fies residentes na paróquia de Nossa Senhora dos Remédios e, considerando o maior bem espiritual dos mesmos, cumprindo determinações eclesíásticas de acordo com o can. 454 do Código de Direito Canonico, ouvidos os snrs. Consultores diocesanos e, com o assentimento do revmon snr. vigário de N. S. dos Remedios, Havemos por bem, pelo Presente Nosso Decreto, crear, erigir e canonicamente instituir na forma do Direito Canonico e costumes legítimos da Igreja do Brasil, a NOVA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DO PERPETUO SOCORRO, no Bairro de Educandos ou Constantinópolis, nesta capital, com os seguintes limites: Constantinopolis, Colonia

Oliveira Machado, Paredão, limitando-se, pelo oeste, a margem esquerda do Rio Negro, pelo noroeste o igarapé da Cachoeirinha, subindo este igarapé em linha reta, até encontrar a estrada do Aleixo e e por esta até encontrar a margem esquerda do Rio Amazonas. Compreende ainda a nova paróquia as duas margens do Rio Amazonas, desde da foz do Rio Negro (MOTTAIS, 1945).

O primeiro pároco foi o Padre Antônio Plácido de Souza, quando o bairro começou a passar por transformações pela criação da Usina Labor, em 1939, que era uma empresa de sorva e borracha que beneficiava o mercado nacional e internacional e empregava mão de obra local. Padre Antônio Plácido morreu dia 28 de junho de 1966 no hospital Beneficente Portuguesa, por conta de complicações de um acidente que sofreu quando construía o muro da igreja de onde foi pároco por 26 anos (AMAZONAS, 1996). “Irascível e carismático, padre Antônio representou para o Educandos nos seus primórdios o que o padre Cícero representou para o nordeste. Destemido, ele enfrentava os políticos que já naquela altura queriam valer-se de sua popularidade para tirar proveito eleitoral no bairro” (AMAZONAS, 1996, p.157).

**FIGURA 36:** FESTA 50 ANOS DA PAROQUIA NOSSA SENHORA DO PERPETUO SOCORRO.



Fonte: Arquivo Cleoberto Castro, 1991.

A maioria dos entrevistados relatam que a igreja sempre foi um dos lugares mais frequentados por eles, missas e também os eventos organizados pela igreja, como festa junina e a festa da padroeira, e continua sendo, com exceção apenas de um entrevistado que não é católico e outro que pela idade não consegue ir até a igreja pela falta de mobilidade, o restante

costuma ir à igreja. Quando questionei os membros do Núcleo Tereza Tupinambá sobre o lugar que eles hoje em dia mais frequentam, todos responderam que além do Núcleo é a igreja.

**FIGURA 37:** IGREJA NOSSA SENHORA DO PERPETUO SOCORRO, 2021.



Fonte: Arquivo pessoal.

### 3.3.8. Outros lugares, outras memórias.

Existem lugares no Educandos que não foram amplamente citados pelos entrevistados e dos quais se tem pouco ou quase inexistente material bibliográfico a respeito, mas que, conhecidos por nós durante as visitas realizadas ao bairro e em algumas conversas com moradores antigos, decidiu-se discorrer brevemente sobre esses lugares.

**FIGURA 38:** BAR DA CARMOSA, 2021.

Fonte: Arquivo pessoal.

Primeiramente, tem-se o Bar da Carmosa, um bar de arquitetura simples, de madeira, que resistiu ao processo de modernização da avenida Leopoldo Peres. Em conversa com a responsável pelo bar, contou que a propriedade é de herdeiros, antes do seu avô. Hoje ela mora sozinha, mas antes morava com o primo e a irmã, ambos falecidos. Conta que seu avô era cearense e veio trabalhar em Manaus há mais de 80 anos, construiu o estabelecimento que antes era um pequeno comércio, e só passou a ser um bar em 1982, quando ela passou a ficar à frente e o transformou no Bar da Carmosa. A construção já tem mais de 80 anos e segue com a mesma arquitetura desde então. O lugar, é considerado Patrimônio Imaterial do Estado do Amazonas de acordo com o Projeto de Lei nº278, de 2015, de autoria do deputado Bosco Saraiva, que decreta três bares como sendo patrimônios imateriais, são eles: Bar do Carvalho e O Boteco localizados no bairro da Cachoeirinha, e o Bar da Carmosa, no Educandos.

Logo em seguida, um bar especialmente citado na obra de Claudio Amazonas, é o chamado por ele Bar do Guimarães Rosa, que era um bar localizado à beira do Rio Negro, onde hoje é o amarelinho. Segundo Amazonas (1996), podia ser considerado o bar mais frequentado no bairro. Foi chamado de “Flôr do Bairro” em 1950. Em 1951, com a mudança de propriedade mudou também de nome, passando a se chamar Bar da Sibéria. Passou por vários donos e foi adquirido por Nenê, que colocou o nome de Bar Rio Negro, por ser grande torcedor do Atlético Rio Negro Clube. Por lá passaram grandes celebridades, como o cantor Silvio Caldas, o escritor Guimarães Rosa, que se reuniu com pessoas do clube da madrugada. Também esteve lá Armando Souza Lima, Ernesto Pinho Filho, e Aluisio Sampaio. O bar Rio Negro desabou



durante uma tempestade no dia 2 de abril de 1971: “Seguidamente o barracão de madeira construído na década de 30 acompanhou o deslizamento de terras, levando de roldão as pequenas habitações cobertas de palha existentes na orla do rio negro, lá embaixo, sepultando um relicário de memórias da boemia Educandense dos velhos tempos” (AMAZONAS, 1996, p.165).

**FIGURA 39:** RESTAURANTE PANORAMA, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal.

Finaliza-se com o Restaurante Panorama, citado por alguns entrevistados como um bar muito frequentado por turistas. Fica localizado na Avenida Rio Negro, Educandos. Em conversa com o historiador, artista e professor Otoni Mesquita em fevereiro de 2022, o mesmo falou um pouco sobre o Panorama, relatando que era um lugar muito famoso nos anos 1970, 80 e até 90. Ele contou que havia muitas comemorações, que os trabalhadores do jornalismo iam muito no Educandos, uma área boêmia. Mesquita relembra que nas décadas de 1930, 40 e 50 era um bairro boêmio, e que mesmo o Educandos sendo um bairro popular, habitacional, ele não era de boa fama, tinha uma população, grande parte de operários, porém, era um bairro onde acontecia muita confusão, tinha muita “casa de encontro”. Ele falou que esse era o Educandos

da infância dele, remoto e mal falado. Destaca que, pessoalmente, tinha muito preconceito sobre o bairro também. Contou que começou a desfazer a visão do Educandos que tinha, no começo dos anos 1970, quando Manaus sofria uma grande mudança, a transformação já pós-Zona Franca. O Educandos era um dos únicos bairros que tinham autonomia, pois já tinha comércio próprio. “Lá já tinha essa tradição do comércio com maior autonomia, e continuava muito boêmio...Waldic Soreano ia muito lá, brigava...” (MESQUITA, 2022). Otoni contou que começou a trabalhar nos anos 1970 e passou a circular pelo Educandos em função do trabalho. Viu que tinha muita “família tradicional” por lá, e relembra que daquela década em diante as coisas melhoraram mais para o bairro por causa da autonomia do comércio.

**FIGURA 40:** RESTAURANTE PANORAMA, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal.

O restaurante Panorama continua funcionando no mesmo local, e tem Pedro Afonso Barbosa, de 64 anos, como atual proprietário. Pedro, durante entrevista, contou um pouco da história do Panorama, que durante a Zona Franca a cidade era uma loucura, as pessoas tinham que vir a Manaus para comprar os produtos. Relembra que “o aeroporto lotava, era uma agonia para comprar passagem” (BARBOSA, 2021). Antes de comprar o Panorama, Pedro trabalhava no comércio destinado a material de construção. Ele conta que o Panorama tem 56 anos de funcionamento e, que quando o comprou, em 1985, o estabelecimento já tinha 20 anos de história, estando a frente há 36 anos. Ele é natural do Educandos, toda a sua família é do Educandos. Quando questionei se o Restaurante Panorama havia sido um ponto turístico de Manaus, Pedro disse: “Sim! Na época, nesses anos 80 aí né, da Zona Franca, foi o bam bam

bam, mesmo. Eu cheguei a ter 22 funcionários, 11 no almoço e 11 na janta, o movimento era grande. Tinha um conhecimento muito grande o panorama, em Manaus, não só no bairro...E essa vista maravilhosa que a gente tem, né!” (BARBOSA, 2021). Pedro continuou falando sobre os cruzeiros que paravam ali no porto e as pessoas que vinham para almoçar no Educandos. Segundo ele, vinham muitas de fora do país, nas décadas de 80, 90. “Eu peguei tanto em dólar que acabei indo pra Europa”, refere-se ao fato de ter sido um período próspero, que vivia bem financeiramente, possibilitando que ele viajasse pelo Brasil e até para fora do país. Quando perguntado sobre quando a situação do Panorama começou a mudar, ele conta que foi no governo do Presidente Collor, “que deu um golpe”, tirou a Zona Franca de Manaus, tirou o dinheiro do povo, e o país afundou. “Houve o golpe e parou tudo. Estagnou de uma vez! [...] Ele tirou a Zona Franca de uma vez, tirou o dinheiro do pessoal, o pessoal vai viajar como? Sem dinheiro. O cara que tinha milhões no banco ficou com 50 reais” (BARBOSA, 2021).

Pedro falou que vinham muitos artistas almoçar no Panorama, artistas da Globo. Ele fala que tinha fotos que ficavam na parede do restaurante, mas que perdeu no período em que precisou alugar. Deixando-as na parede, as pessoas acabaram levando ou perderam. Também tinha umas agendas em que os artistas faziam as dedicatórias, assinavam, mas tudo foi perdido. Ele conta que foram lá Amado Batista, Cauby Peixoto, Taiguara.

Taiguara uns seis meses antes de morrer, ele vinha almoçar aqui, umas duas semanas ele passou direto almoçando aqui... o Cauby Peixoto um cara super educado, falava mais de 5 línguas, era poliglota. O que me admirei nele, é que os outros sentavam na mesa e as pessoas que vinham na mesa deles, ele não, ele que se levantou e cumprimentou todo mundo (BARBOSA, 2021).

Pedro relatou que vem sofrendo desde o Governo Collor, disse que estava com 22 funcionários, e com o impacto do movimento parou de repente, seus funcionários perceberam que ele ia ter que enxugar o quadro e então 14 deles o colocaram na justiça para receber. Desde então, conta que vem tentando se restabelecer.

É possível encontrar várias notas sobre o Panorama na coluna “convívio social” escrita por Nogar, do “Jornal do Comercio”. “O Restaurante Panorama, pela boa frequência e o tratamento fidalgo que o nosso amigo Marciano Babo dispensa aos seus frequentadores, já se tornou o ponto de encontro da ‘finesse’ de Manaus” (JORNAL DO COMMERCIO, 1979). Em outro trecho, Nogar fala que o Panorama é o ponto de encontro da ‘High-life’ manauara. As

notas encontradas no Jornal do Commercio, no ano de 1979, referem-se aos almoços e jantares de pessoas importantes da sociedade, como políticos, artistas, empresários, dentre outros.

Dom Milton Corrêa Pereira, Arcebispo Metropolitano de Manaus, homenageou o cardeal Dom Agnelo Rossi, Prefeito para a Evangelização dos Povos e Propagação da fé, presentemente nesta capital, com regionalíssimo almoço acontecido no Restaurante 'Panorama', do meu amigo Marciano (JORNAL DO COMERCIO, 1979).

Em nota, também do Jornal do Commercio, em 1985, comunica-se que o Restaurante Panorama estava se mudando para a rua Recife, nº 900 no bairro Adrianópolis, ano em que Pedro afirma ter comprado o estabelecimento. O endereço localizado no Educandos aparece nas notas do Jornal do comercio em 1985, com o nome de Terraço Panorama, indicando uma mudança no nome e do proprietário.



## CONCLUSÃO

“O orgulho urbano é feito da imbricação entre a cidade real e a cidade imaginada, sonhada por seus habitantes e por aqueles que a trazem à luz, detentores de poder e artistas” (LE GOFF, 1998, p.119). O que pode ser visto, é que dificilmente na história de Manaus e do Educandos, essa cidade imaginada pelos habitantes foi trazida à luz por quem detinha o poder, apenas uma pequena parcela da população tinha o poder de interferir de alguma maneira nas decisões que eram feitas para a cidade. O percurso das discussões traçadas nesse trabalho, demonstrou a diferença e os desafios que contrapõem as duas Manaus, a cidade da elite, de uma classe dominante, e a cidade dos trabalhadores, pobres e esquecidos. O Educandos demonstra um pouco como os subúrbios de Manaus se formaram, como espaço social, ambiental e cultural que vem sofrendo pelas desigualdades dessa cidade. O objetivo não é dizer que apenas nos subúrbios havia dificuldades, ao passo que no próprio centro da cidade podiam ser enxergadas duas realidades distintas, como abordam Ednea Mascarenhas e Deusa Costa, por exemplo. Buscou-se discorrer sobre como medidas do poder público contribuíram para a formação do Educandos, mostrando reflexos na cultura dos habitantes.

A conexão entre os conceitos de memória, história, paisagem e o visual das imagens que passaram a ser parte da análise e do discurso, propiciou a análise do desenvolvimento do Educandos, vendo de perto as diferenças entre o centro da elite manauara e os seus subúrbios, como também identificar os lugares de memória do bairro, ouvindo das pessoas que vivenciaram e depositaram seus sentimentos e significados em cada lugar citado. Enquanto no Educandos não havia serviços básicos de saneamento e higiene pública, o centro fervilhava em seus cafés e toda a prosperidade trazida pela economia da borracha. Sobre o surgimento dos subúrbios, Le Goff (1998) fala sobre como essa divisão entre cidade e subúrbio se deu, e, segundo o autor, data da Idade Média, e expõe que a cidade contemporânea tem muitas semelhanças com a cidade medieval.

Desde o século XII, a evolução das cidades medievais consistiu na reunião, lenta e numa única instituição, do núcleo primitivo da cidade e de um ou dois burgos importantes. A cidade vai, portanto, lançar seu poder sobre certa extensão em volta, na qual exercerá direitos mediante coleta de taxas: é isso que se chamará de subúrbio (LE GOFF, 1998, p.17).

**FIGURA 41:** PRAIA DA PONTA BRANCA, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

No que inicialmente se pensava ser apenas uma orla esquecida, apercebeu-se um bairro esquecido. Lugares de valor cultural, turístico e simbólico para o bairro que deixaram de existir ou estão abandonados por falta de visão política que busque melhorar a situação de um bairro que atualmente tem autonomia econômica e é importante centro comercial. Mas, ao se atravessar apenas uma rua em direção à orla, percebe-se uma situação totalmente diferente. Lugares de memória que foram importantes não só para o bairro, mas para Manaus, como o Cine Vitória, que teve sua arquitetura totalmente transformada em prol da modernidade, e muito de sua história, um Cine Teatro, reside apenas nas memórias de quem o viveu. Outro lugar é a praia da Ponta Branca até a parte que compõe o amarelinho, que por algum tempo já foram lugares de lazer em que a família manauara frequentava, em suas areias brancas e águas limpas, e foi tendo suas paisagens transformadas por um crescimento urbano que não considerava o ambiente natural em seu planejamento, e assim “matava” suas margens e com elas costumes e culturas. Foi possível senti-lo e difícil manter o distanciamento pesquisador/entrevistado esperado quando ouvia a revolta dos moradores antigos, pois muitos demonstravam cansaço e desesperança.

Vou lhe dar um exemplo concreto, temos o amarelinho quando foi inaugurado era um verdadeiro cartão postal, um espaço pequeno mais muito bonito, com elementos da natureza com a vista para o rio e um pôr do sol fascinante, e foi, com o tempo foi ficando abandonado, abandonado e hoje é um local que dá até vergonha, lá embaixo é cheio de cheira cola, sem tetos, mazelas sociais, assaltos... tudo que não presta. E em cima, os três lanches que ainda sobreviveram, virou agora venda de cachaça, de

noite é uma barulheira infernal, poluição sonora, brigas, tumultos, feiura, degradação, quando termina a festa é copo por todo lado, sujeira, isso dá uma tristeza em nós que somos moradores antigos, terrível e tudo isso as autoridades de olhos fechados (AMAZONAS, E. 2021).

No decorrer do trabalho, pudemos enxergá-lo como um bairro que foi criado a partir de dificuldades, de trabalhadores que lutavam para sobreviver na cidade e que tiveram suas vivências impactadas. Nos discursos dos entrevistados é possível nalguns momentos sentir a necessidade de resiliência para viver com os desafios de se morar em um bairro esquecido, que por muito tempo não contava nem com água encanada, nem luz elétrica, enquanto que no centro já havia muitos anos antes.

A questão que nos inquieta é pensar: porque um bairro como o Educandos tem suas paisagens silenciadas? Por ser um bairro de trabalhadores, ser tratado como espaço de incômodo, que não requer a atenção que bairros nobres de Manaus, como a Ponta Negra, recebe. Retirar o Educandos do silêncio que se encontra é dar visibilidade ao potencial que o bairro oferece e que é negligenciado. Um bairro com uma paisagem voltada para uma das maiores riquezas ambientais do Amazonas, que é o Rio Negro, que poderia ser exaltado, assim, como o que há de mais bonito nas paisagens que compõem o Educandos. A sua proximidade com o porto de Manaus e com o centro da cidade poderia ser abordada positivamente e ser ponto turístico, de apreciação da natureza, da cultura local, não se precisando ir até a outra ponta da cidade para isso. O que é preciso para um bairro ser importante para Manaus? Ser ocupado por uma classe elitista? As mudanças culturais aparecem nos relatos durante a visita à Orla do Educandos, quando pessoas lembram de na infância sair de sua casa e tomar banho nos igarapés, onde suas casas eram banhadas por águas limpas, e hoje afirmam que seus filhos e netos não podem fazer o mesmo. Quando o fato de morar em palafitas não é mais algo cultural, e sim necessidade, por não haver outro lugar para morar. É difícil de se presenciar uma palafita que está cedendo pelo péssimo estado das madeiras e com os moradores dentro, sem poder fazer nada, pois a única saída é esperar que os administradores públicos cumpram as inúmeras promessas, ou mesmo através de doações de madeiras.

É preciso entender o papel da interdisciplinaridade para evitar que vozes e paisagens do Educandos continuem silenciadas, pois é através de um trabalho integrado entre as áreas que estudam as cidades que poderemos evitar que lugares de memória sejam apagados da história. Seria primordial que arquitetos, urbanistas, antropólogos, historiadores, sociólogos, engenheiros, ambientalistas e profissionais das demais áreas do conhecimento, apoiados pelo

poder público, se juntassem em prol de lugares como a Praia da Ponta Branca e o Cine Teatro Vitória, para que continuassem a fazer parte da história do bairro e da cidade. Que prosperassem sendo pontos importantes para Manaus, não como objetos imutáveis, mas que se adaptassem ao processo natural de mudanças que uma cidade venha a passar, mas que não perdesse sua importância como patrimônio cultural, bem como de espaço social e ambiental em Manaus.




Não foi possível dissertar sobre todos os lugares que são importantes para o Educandos, detivemo-nos aos citados pelos entrevistados e aos que a história nos coloca como ponto fundamental para o desenvolvimento do bairro. É preciso entender o bairro de Educandos e seu valor cultural para Manaus, e considerar o mesmo grau de relevância sobre a preservação de suas memórias e patrimônios culturais, tanto materiais quanto imateriais, para que a paisagem de lugares que tiveram importância para o bairro não fique apenas nas memórias, e sim possa ser acessada por interessados em saber da história de um dos bairros mais antigos de Manaus. Além de possibilitar visualizar a dimensão de importância de cada bairro da cidade, é imprescindível também entender a particularidade de cada um, pois reside no âmbito da identidade o que é ser Educandense. O Educandos segue alegre e festivo, com seu comércio movimentado, mas também continua sofrendo pelas desigualdades sociais, por ter sua cultura transformada não por um processo natural que esta possa passar, e sim por não haver possibilidades de mantê-la, como é o caso da relação com o rio, por hoje ainda haver crianças brincando na praia da Ponta Branca, porém, com duas opções: rodeada de lixos e esgoto ou apenas usufruindo das águas em períodos que o Rio Negro começa a encher e água mais limpa surge, escondendo ou levando lixo embora.

Apêndice A: Mapa analítico lugares de memória do bairro Educandos, Manaus/AM.

**O Educandos como Lugar de Memórias**



**LEGENDA**

-  GRUPO ESCOLAR MACHADO DE ASSIS
-  UNIÃO ATLÉTICA DE CONSTANTINÓPOLIS
-  PRAIA DA PONTA BRANCA
-  PORTO DAS CATRAIAS
-  CARNAVAL DO EDUCANDOS
-  PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO
-  RESTAURANTE PANORAMA
-  CINE VITÓRIA
-  NÚCLEO PROFESSORA TEREZA SIQUEIRA TUPINAMBÁ
-  BAR DA CARMOSA
-  GRÊMIO SOCIAL E RECREATIVO DE EDUCANDOS
-  ORLA EDUCANDOS



Apêndice B: Mapa analítico lugares de memória do bairro Educandos, Manaus/AM (01).

O EDUCANDOS COMO LUGAR DE MEMÓRIAS

**Porto das Catraias**  
Rua Manoel Urbano - Educandos, Manaus - AM.

**Instituto Educandos Artífices, Escola Estadual Machado de Assis**  
Rua Amâncio de Miranda, 90 - Educandos, Manaus - AM.

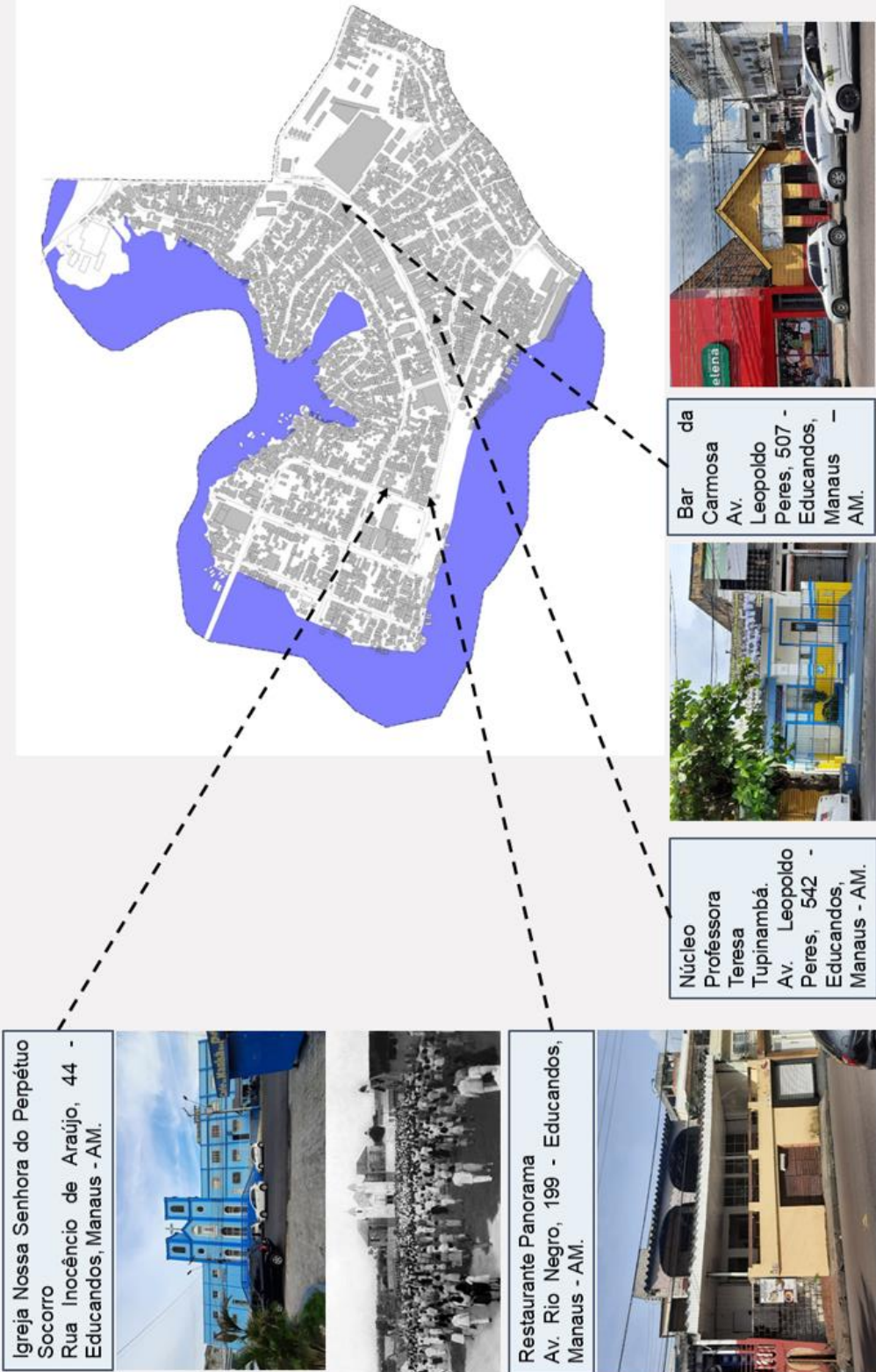
**Praia da Ponta Branca**  
Rua Sá Peixoto- Educandos, Manaus - AM.

**Cine Teatro Vitória**  
Av. Leopoldo Peres, 305 - Educandos, Manaus - AM.

**01/03**

Apêndice C: Mapa analítico lugares de memória do bairro Educandos, Manaus/AM (02).

O EDUCANDOS COMO LUGAR DE MEMÓRIAS





**Apêndice D: Mapa analítico lugares de memória do bairro Educandos, Manaus/AM (03).**

**O EDUCANDOS COMO LUGAR DE MEMÓRIAS**

**Orla Igarapé do Educandos.**

**Carnaval Educandos.**  
Av. Rio Negro - Educandos, Manaus – AM.

**União Atlética de Constantinópolis.**  
Rua Amâncio de Miranda, 56 - Educandos, Manaus – AM.

**Grêmio Social e Recreativo de Educandos.**  
Av. Leopoldo Peres, 770 - Educandos, Manaus – AM.

**03/03**

**Apêndice E: Álbum lugares de memória do bairro Educandos, Manaus/AM.**





*MEMÓRIA HISTÓRICA, VISUAL E  
PAISAGÍSTICA DO BAIRRO EDUCANDOS  
(MANAUS/AM)*







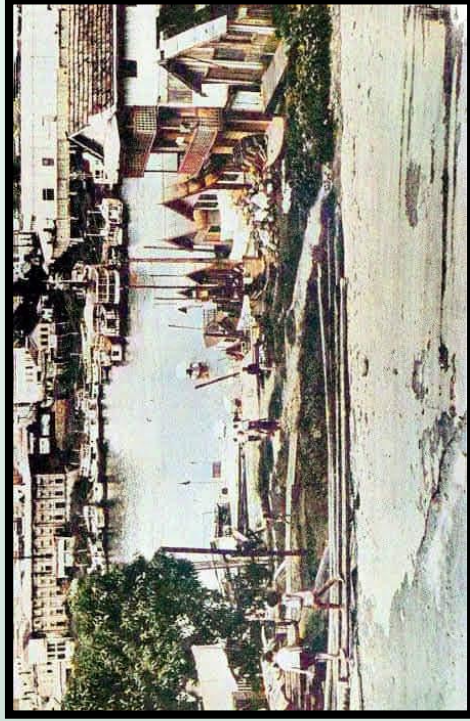
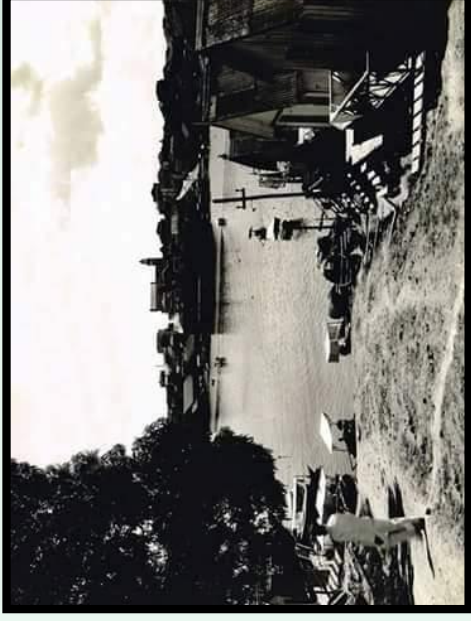


Foto: Helena Tupinambá



## ORLA EDUCANDOS

*Porto das Catraias e seus catraeiros*

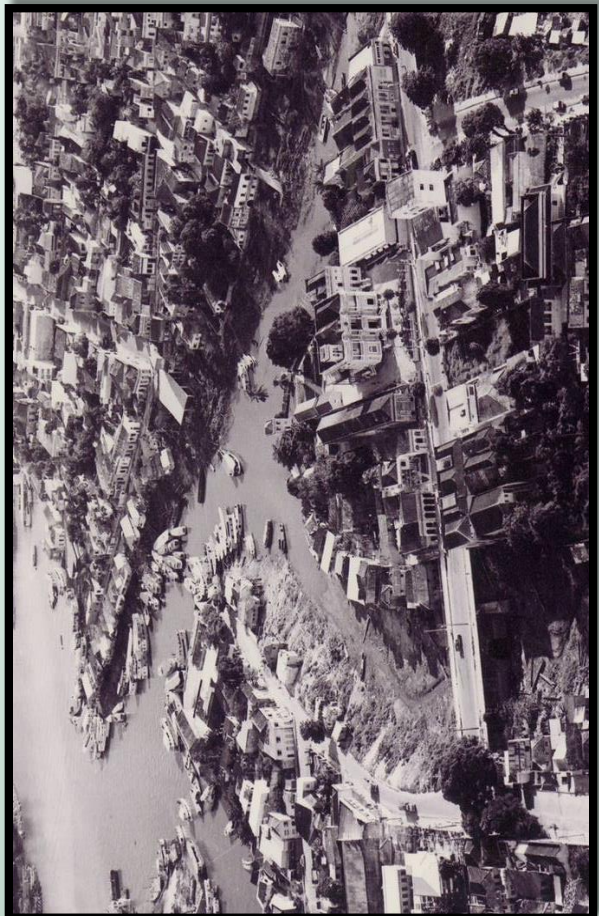
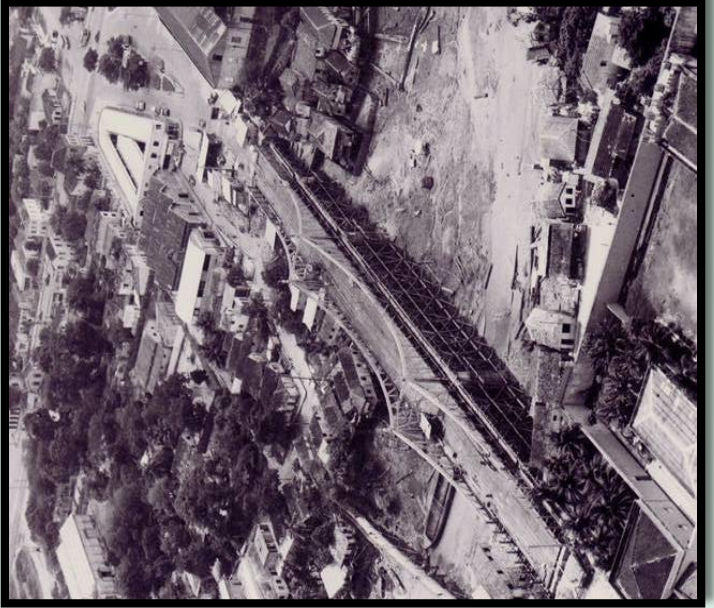


# ORLA EDUCANDOS

*Amarelinho e Praia da Ponta Branca. Década de 50/60.*

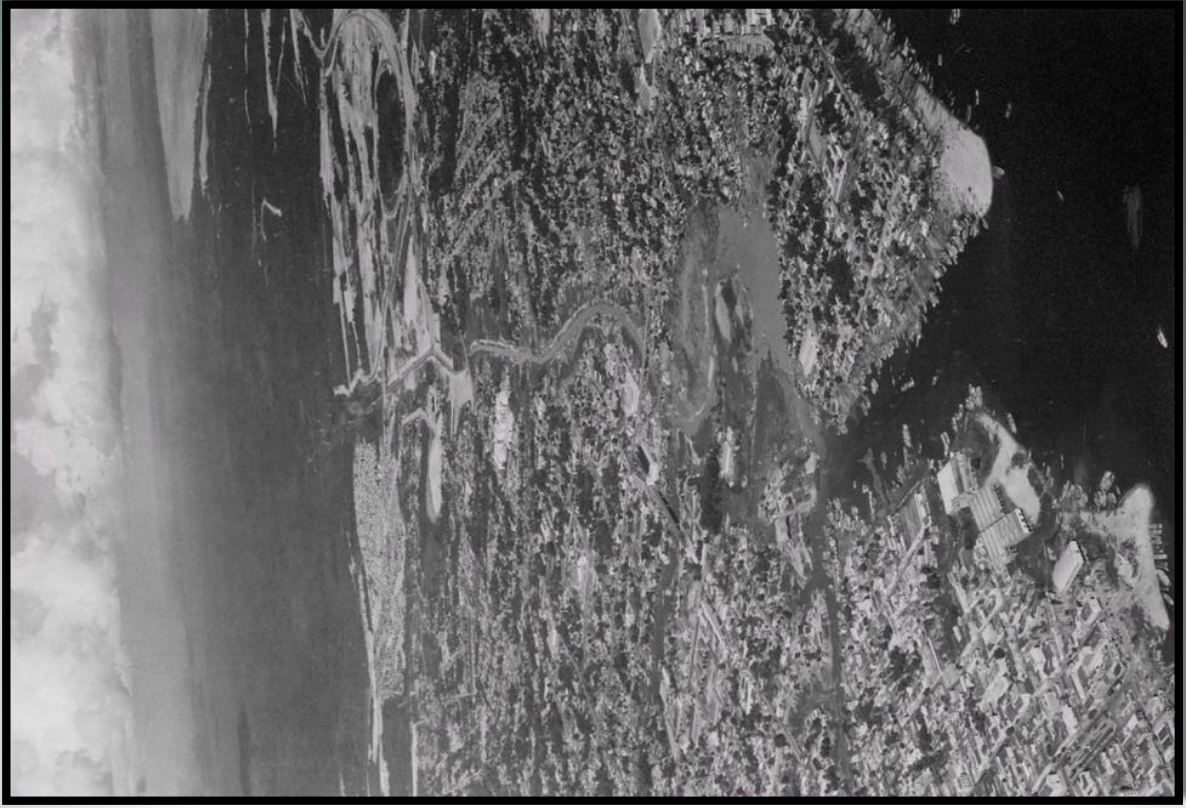
*Arquivos IBGE*

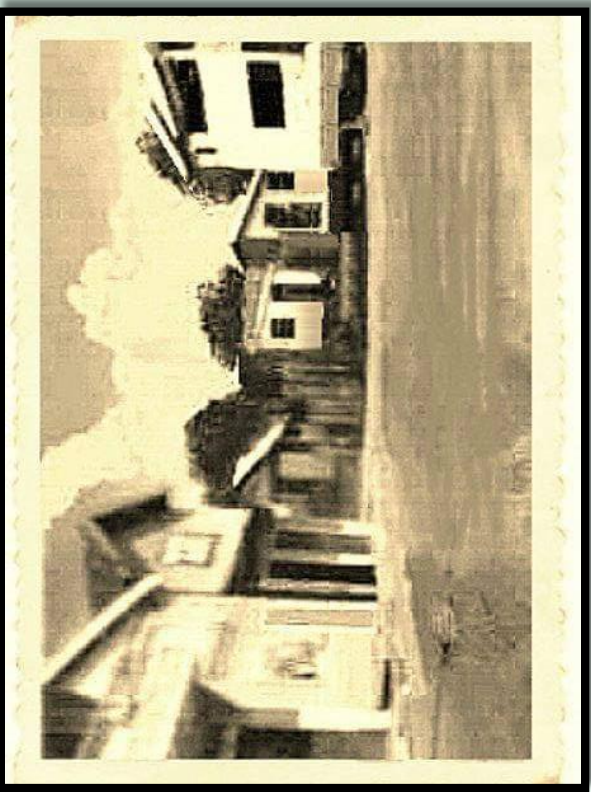






*VISTA AÉREA  
EDUCANDOS DÉCADA 70*



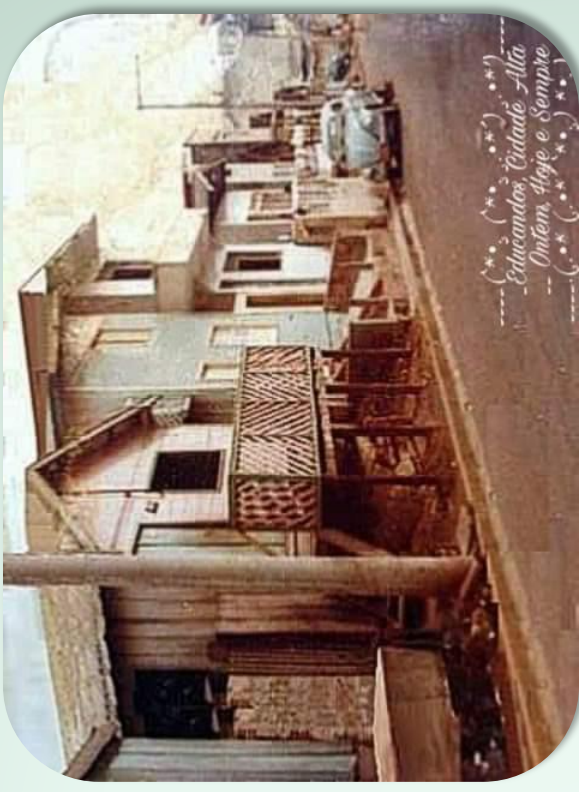


Rua Inácio Guimarães.  
Fonte: Facebook Educandos Cidade Alta





Rua Inácio Guimarães



Rua Inácio Guimarães

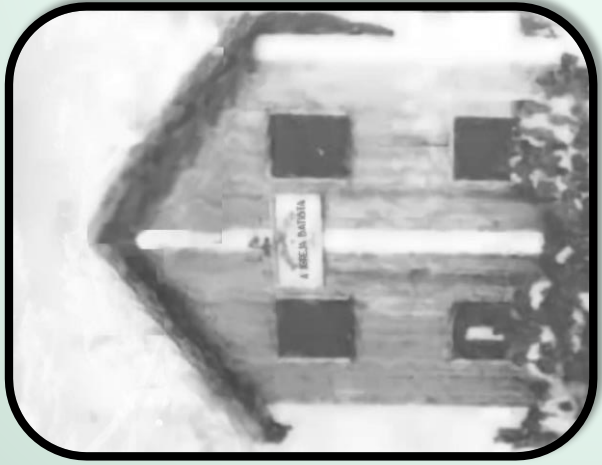


Rua Nova



Rua Mucurany

*Igreja Batista*





# *Praia da Ponta Branca*





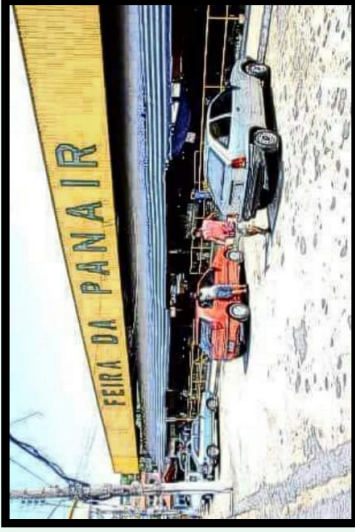
*Amarélinho*



*Carnaval*



*Restaurante Panorama*



*Feira da Pair*



*Feira Ambulante Av. Leopoldo Peres*





# ACERVOS ENTREVISTADOS

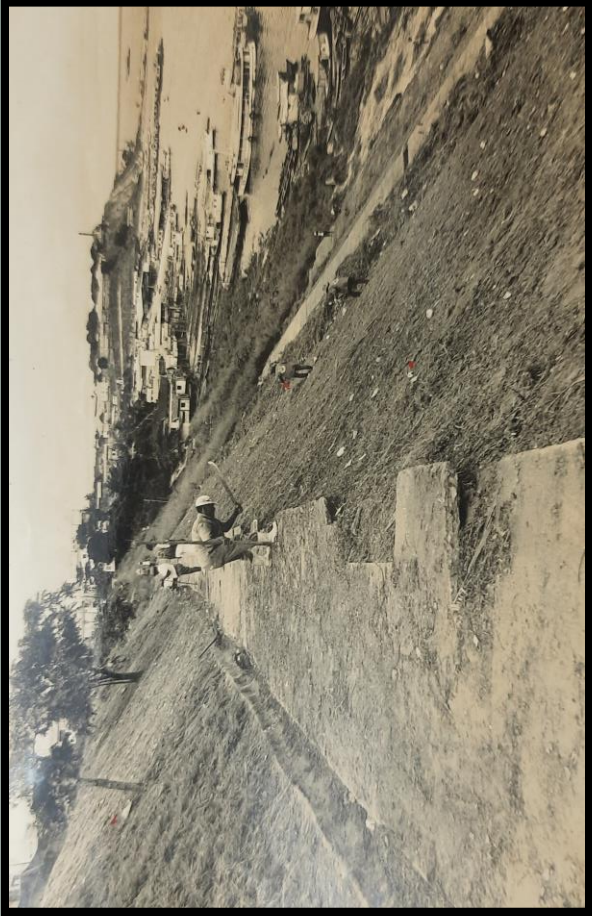
*CLEOBERTO CASTRO*













*MARIA AUXILIADORA  
(DONA DORA)*

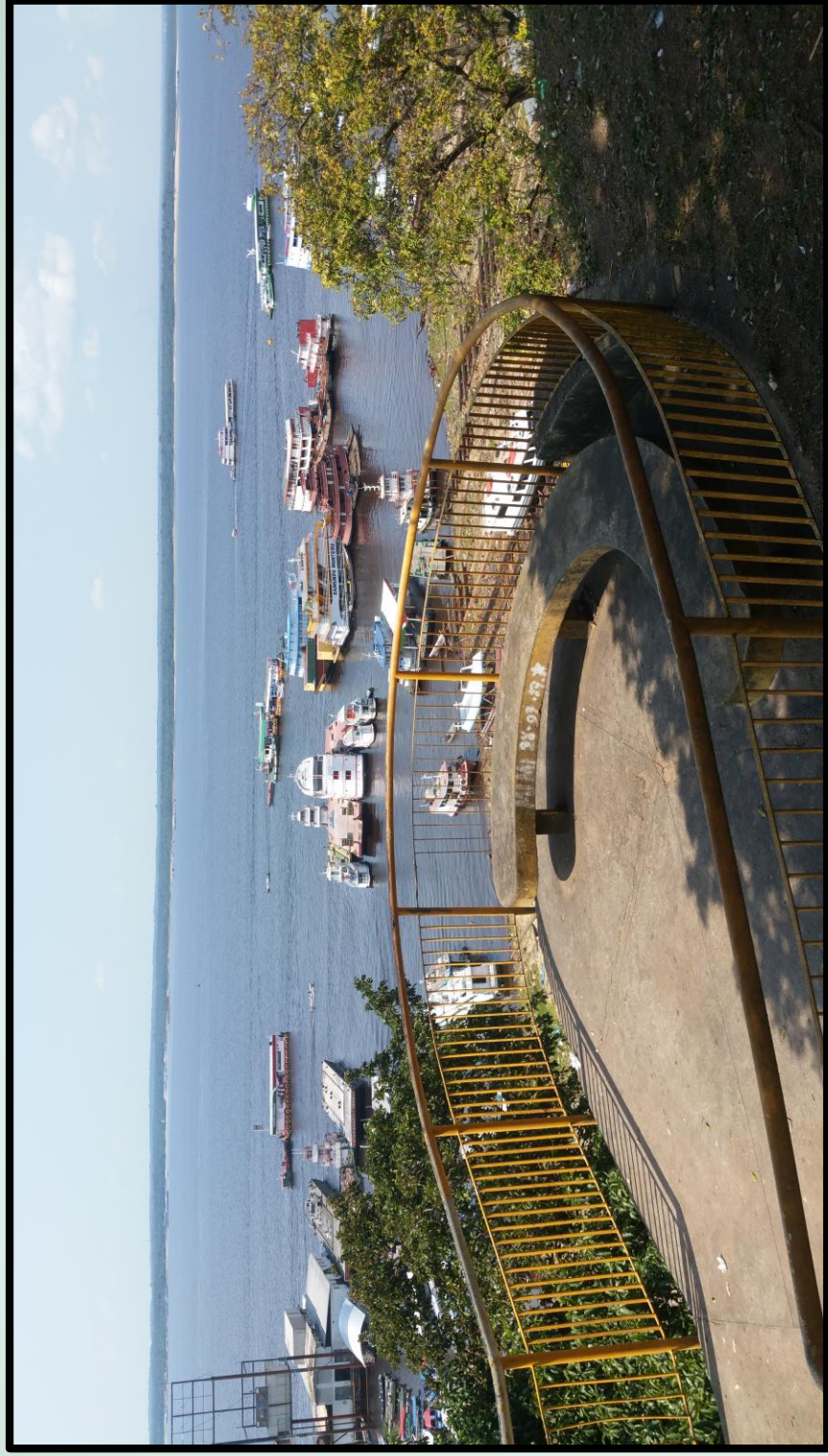






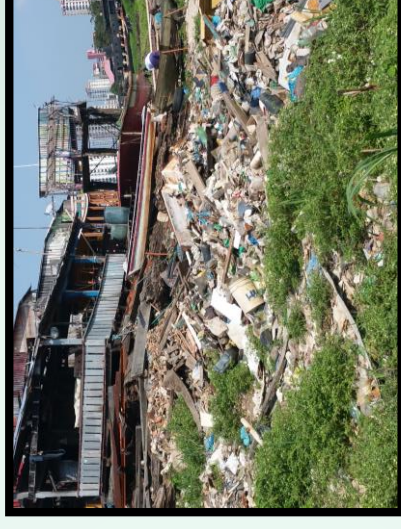




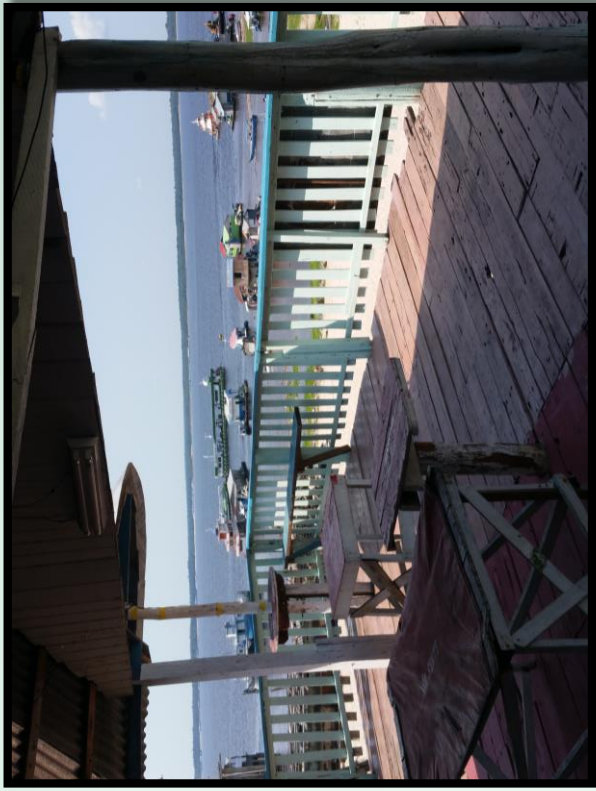


***EDUCANDOS 2017***  
***ACERVO PESSOAL***

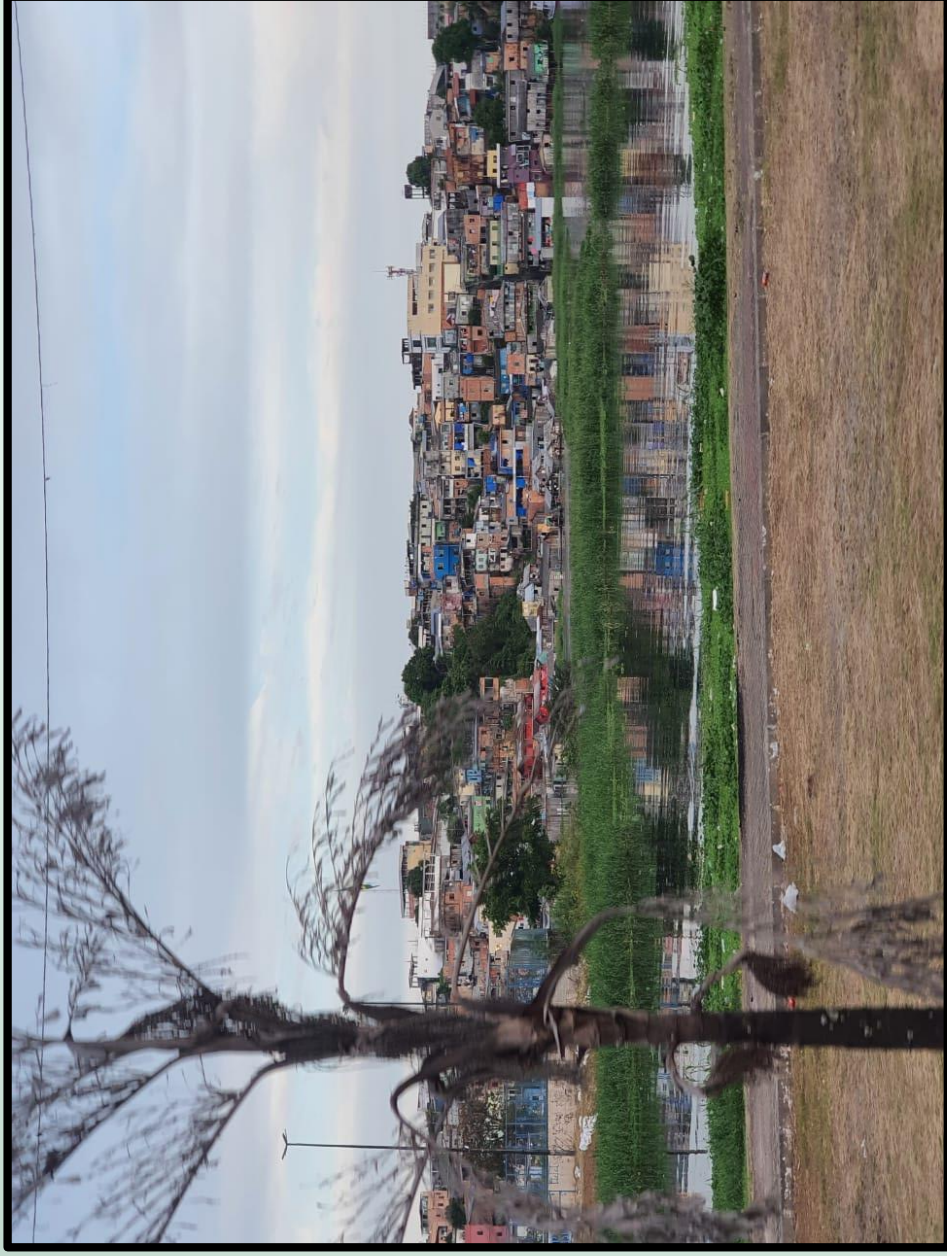
# *ORLA EDUCANDOS, 2017*





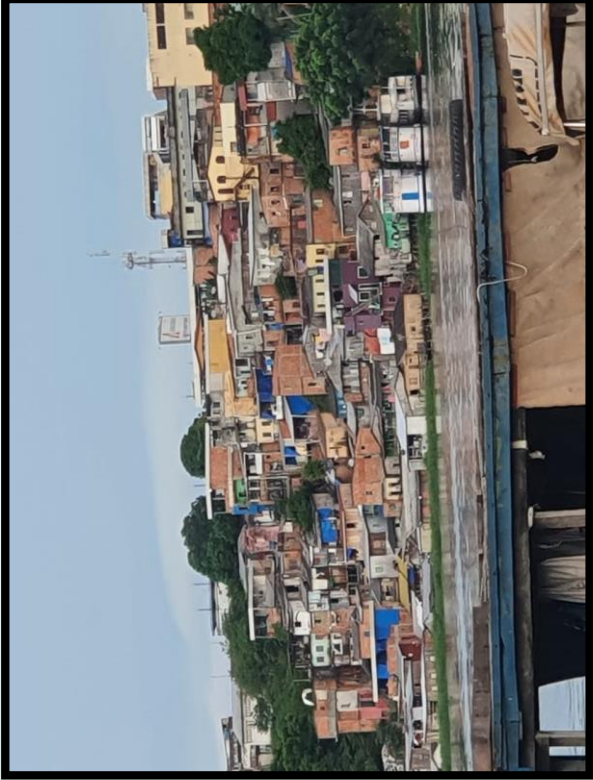
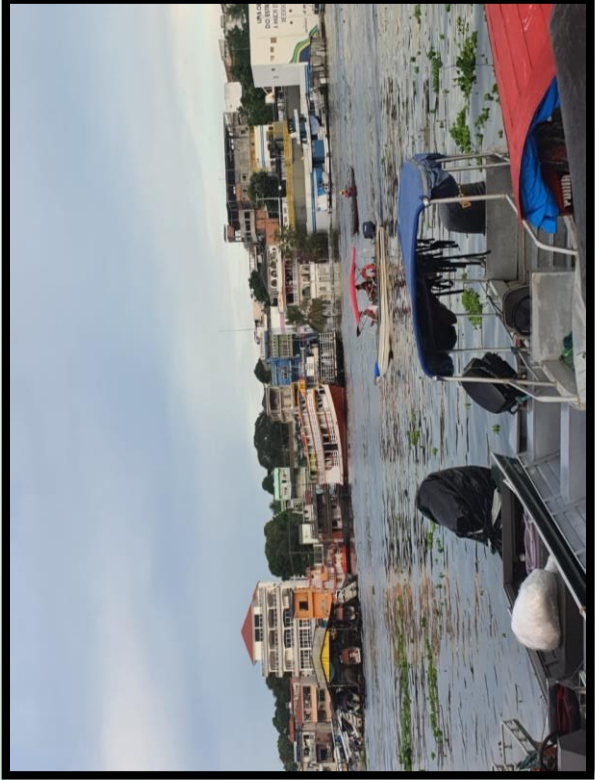
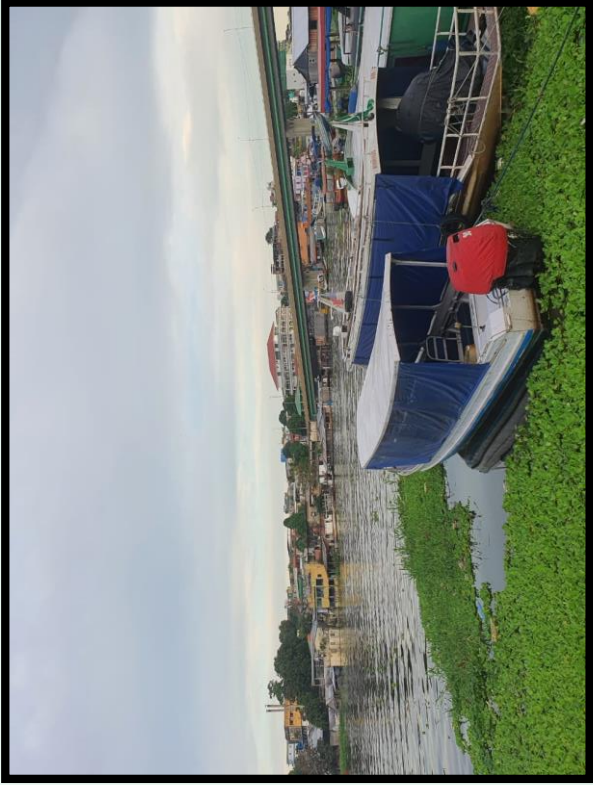
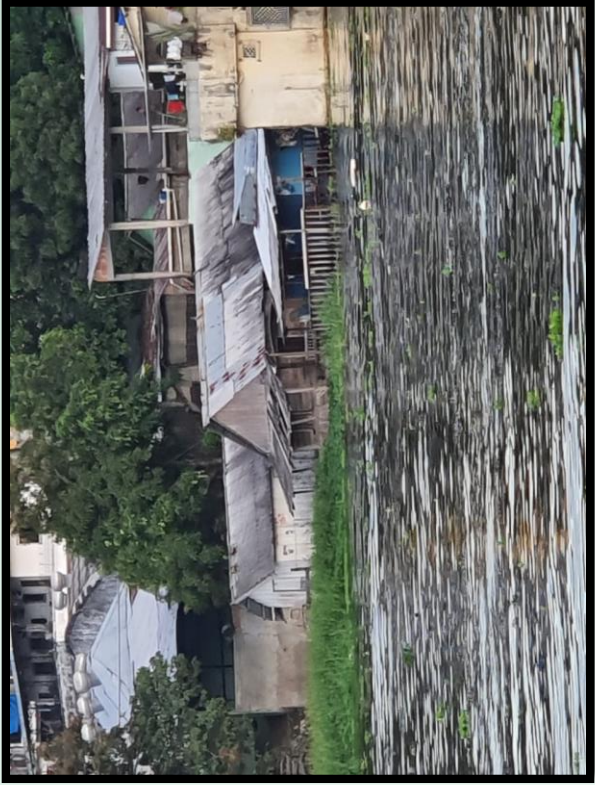




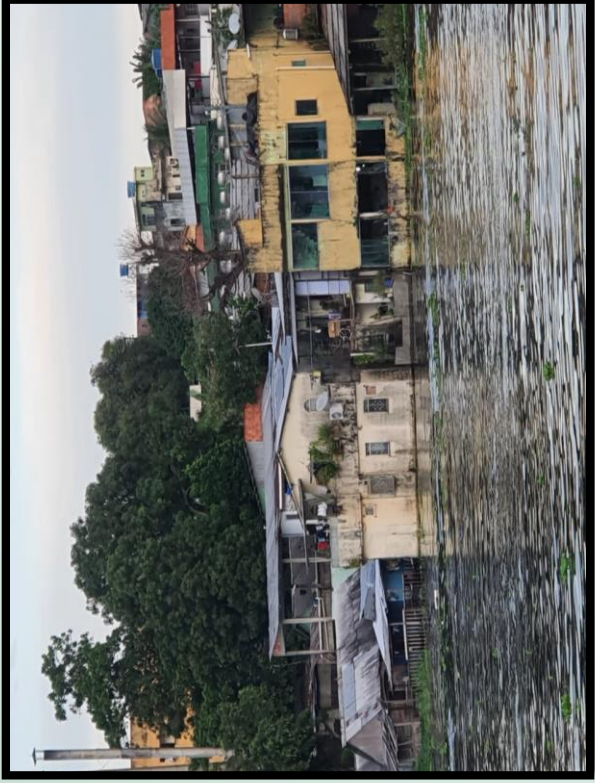
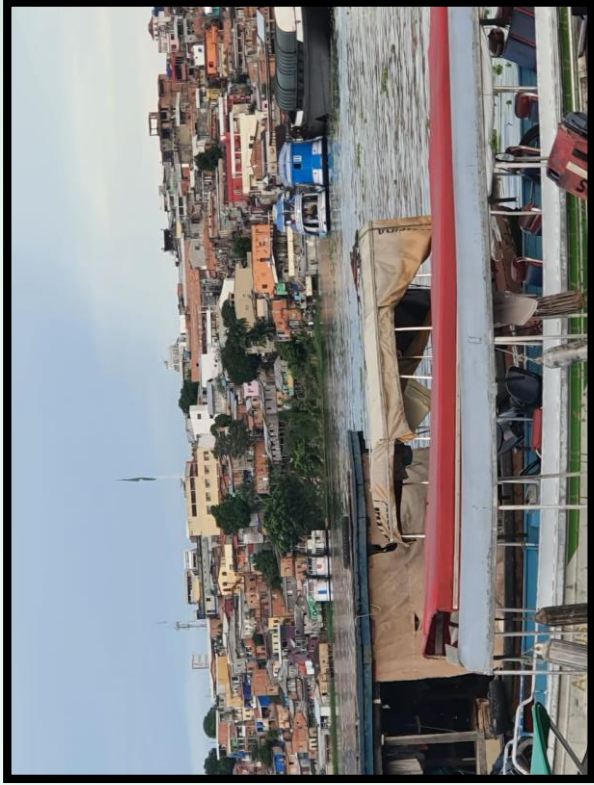
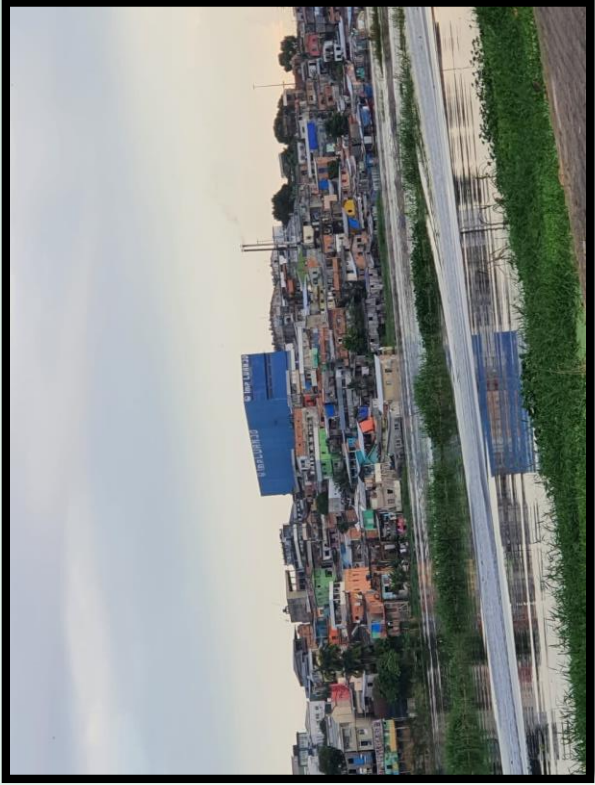


# *EDUCANDOS 2021*

## *ACERVO PESSOAL*

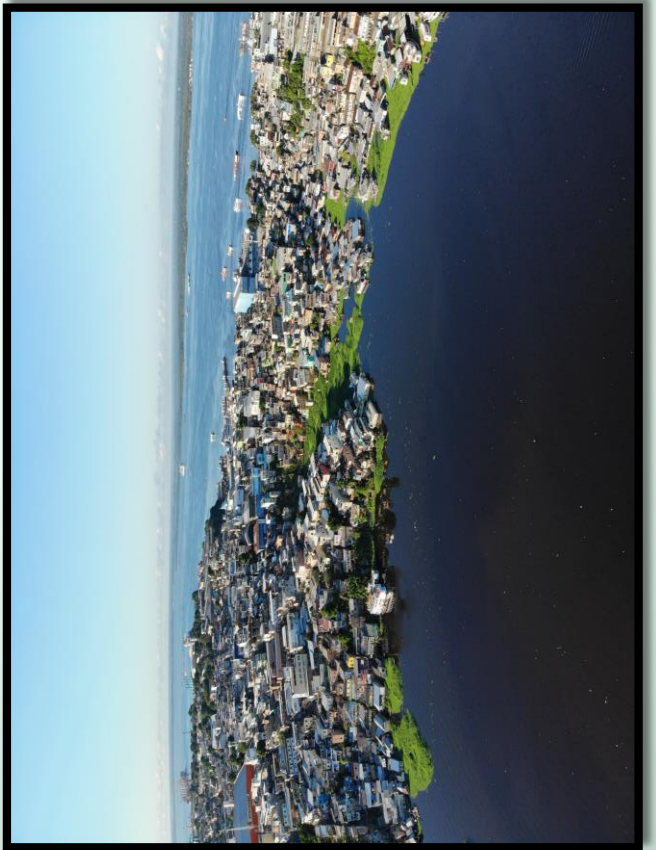
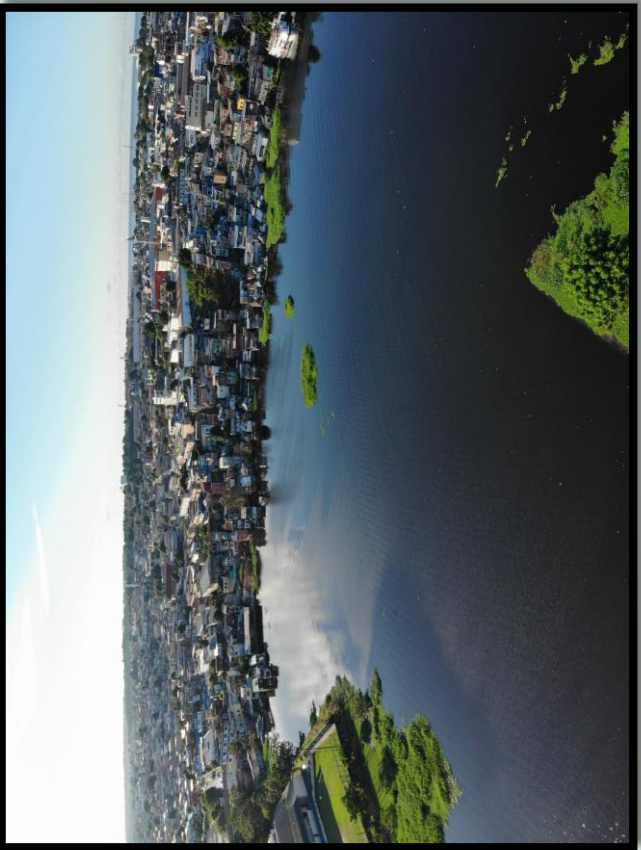
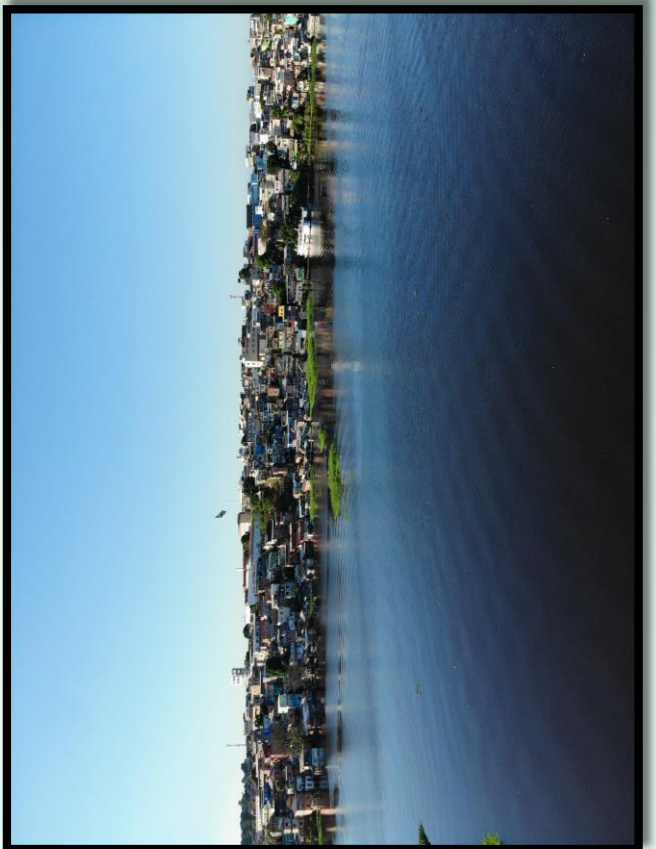
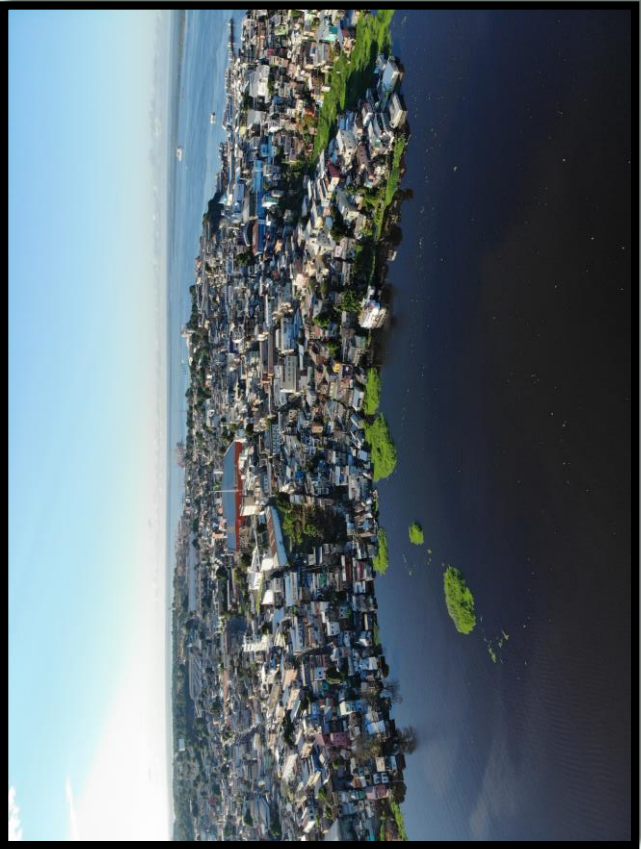






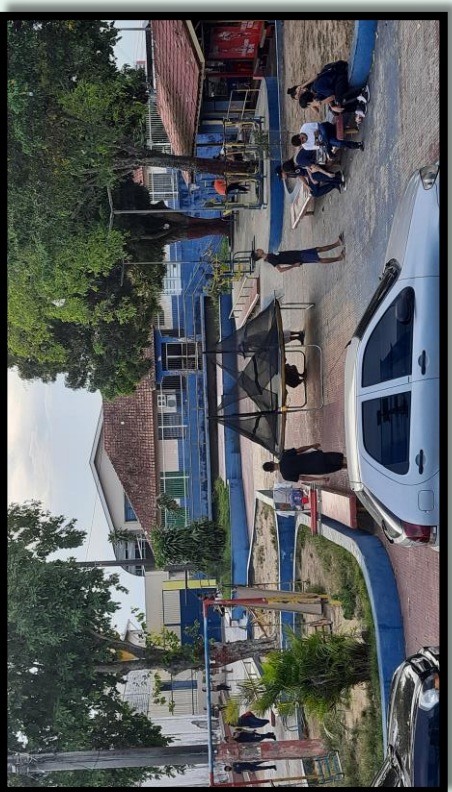
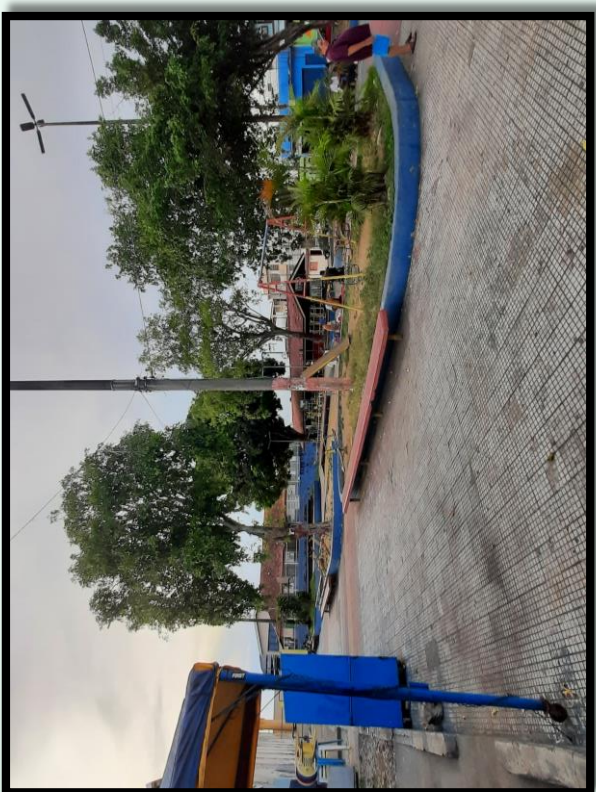
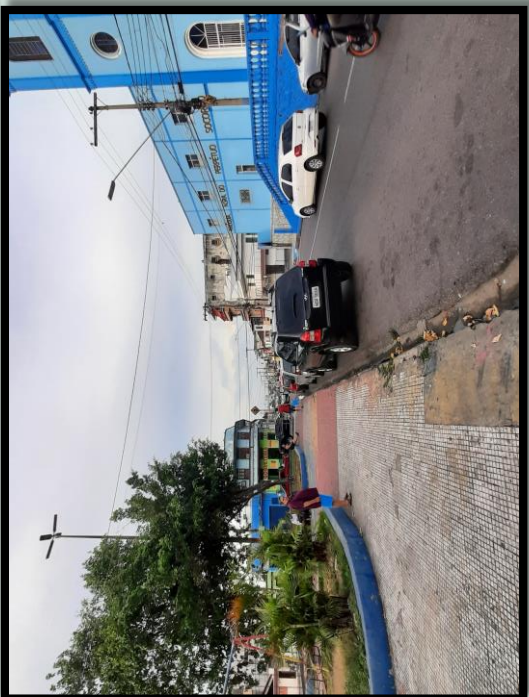






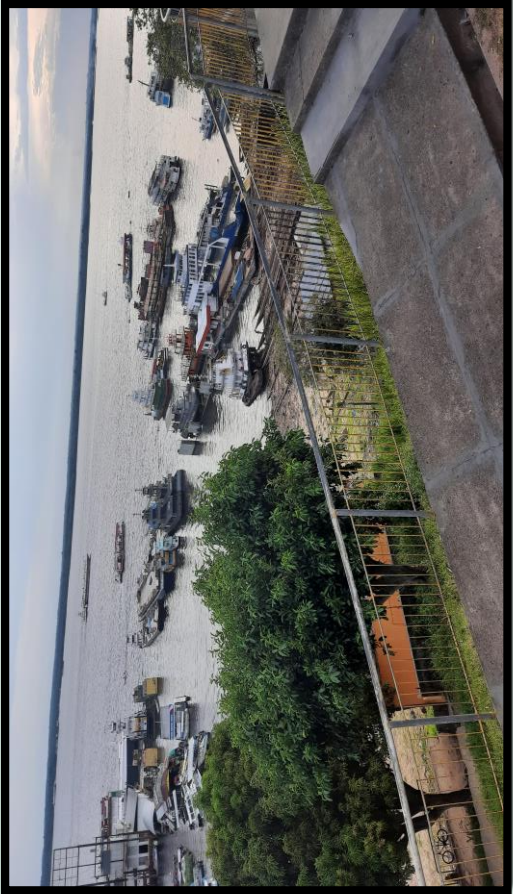
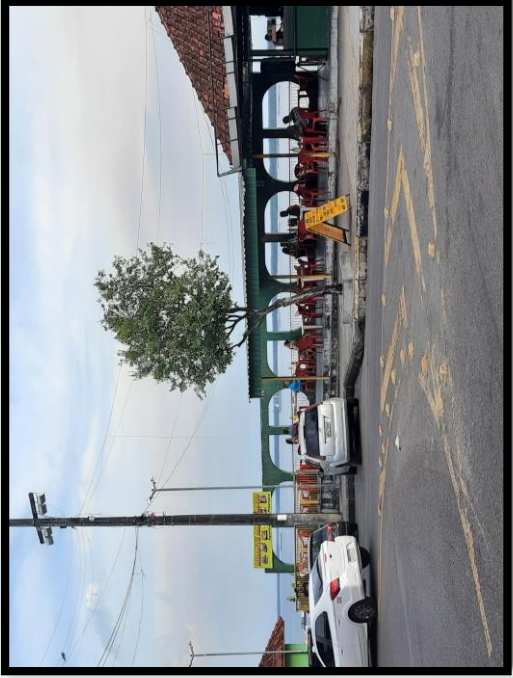
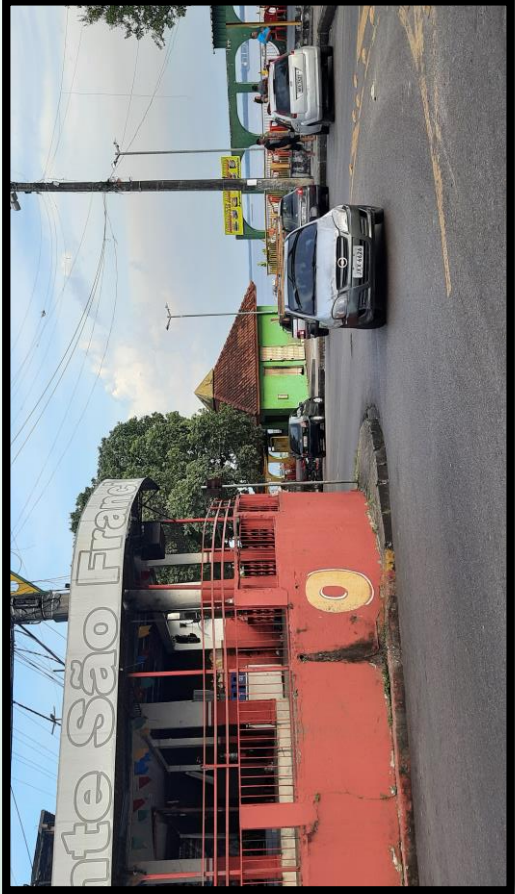
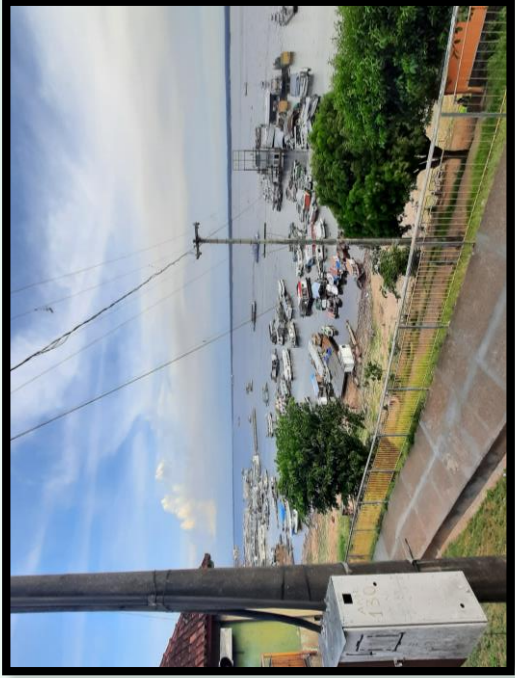


*Praca da Igreja*



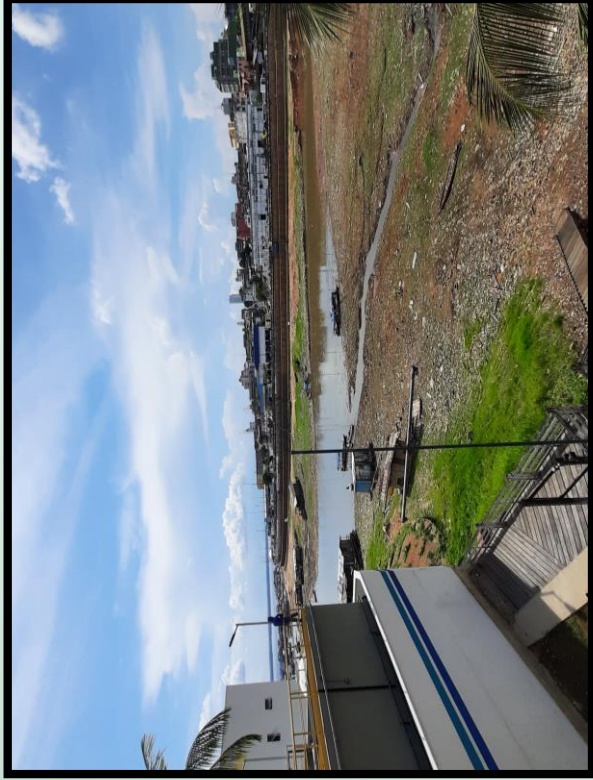


*Amarelinho*





*Orla no período de vazante do Rio Negro*



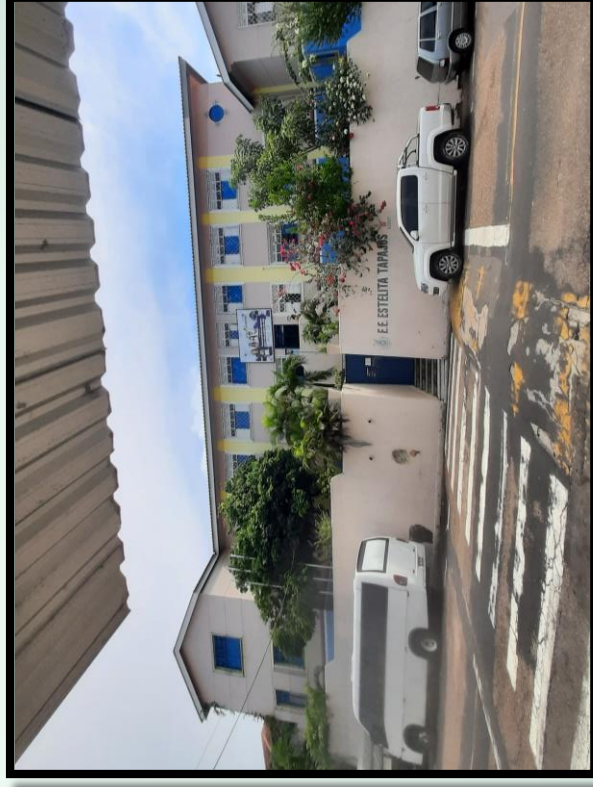
*Orla no período de vazante do Rio Negro*



*Orla no período de vazante do Rio Negro*

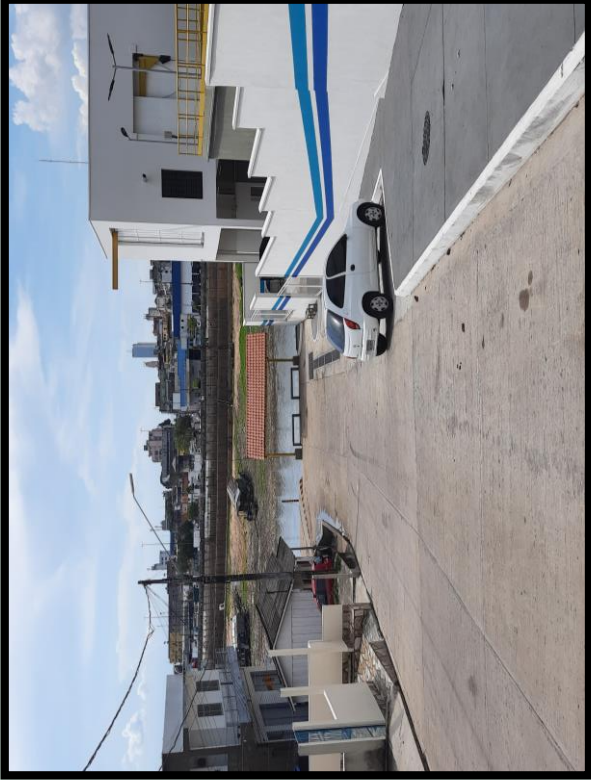


*Escola Estadual Estelita Tapajós*

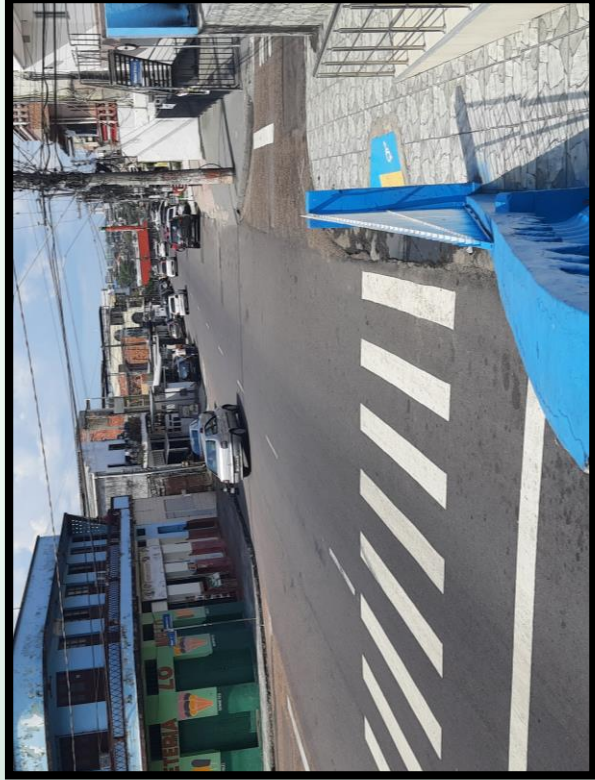




*Rua Manoel Urbano*



*Rua Inocência de Araújo*

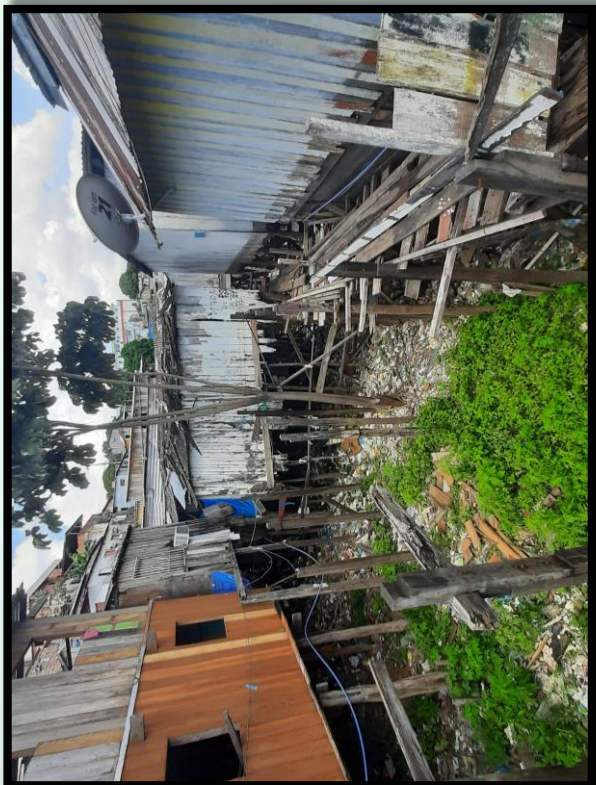
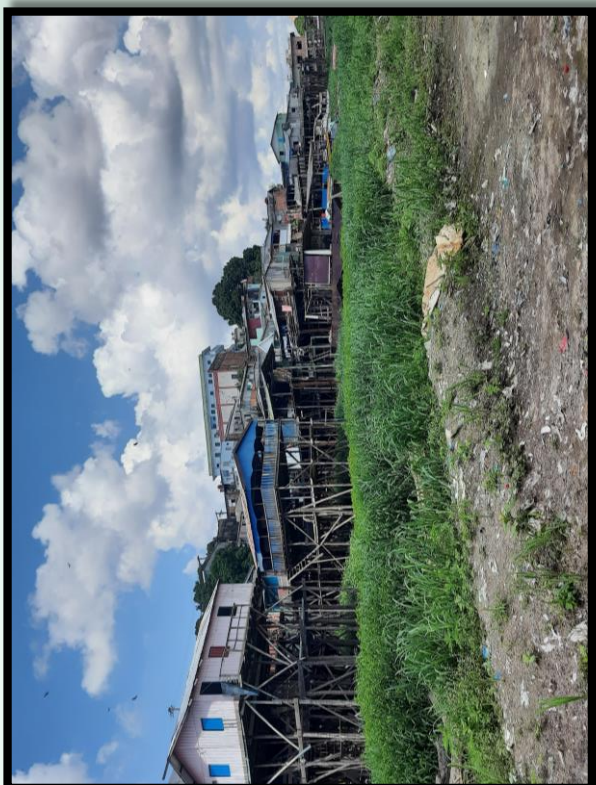


*Rua Inocência de Araújo*

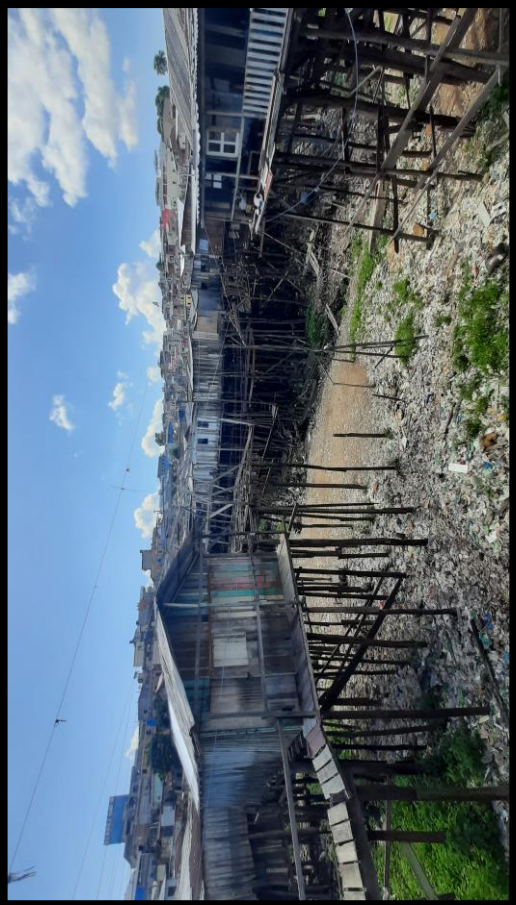


*Rua Inácio Guimarães*

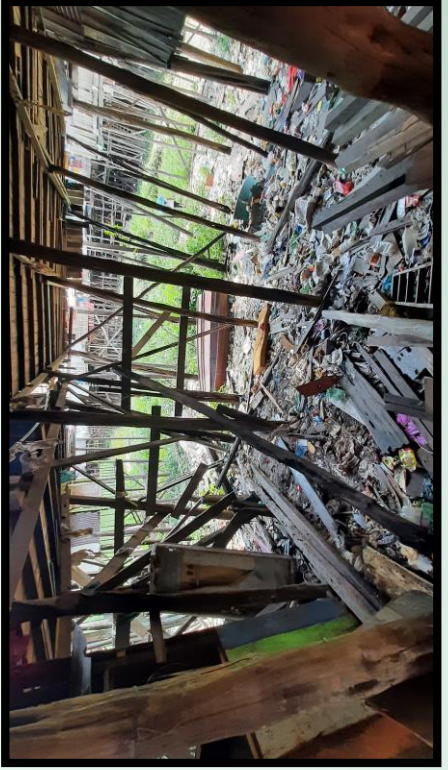




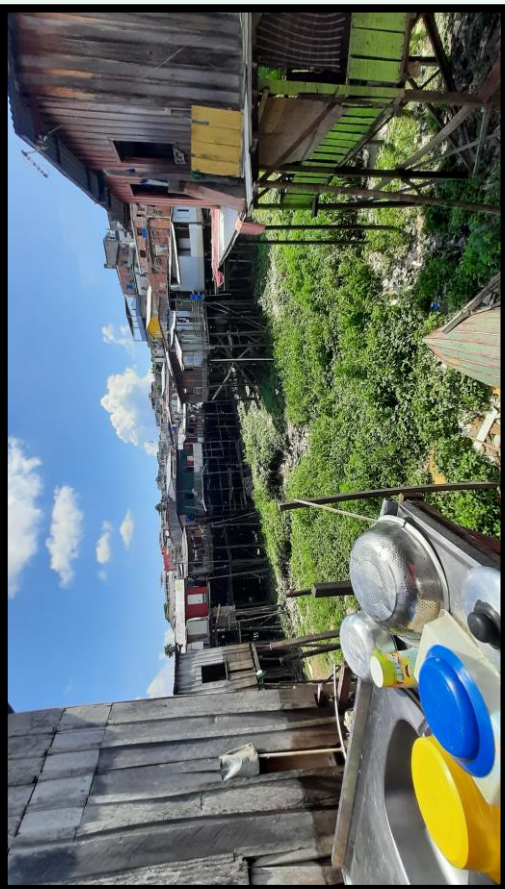










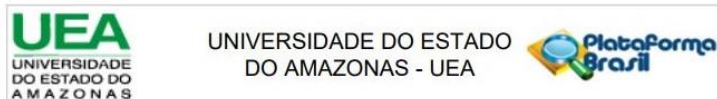


*Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares.*

*Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido (NORA, 1993).*

## Anexos

### ANEXO 1: PARECER CONSUBSTACIADO DO CEP



#### PARECER CONSUBSTACIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** MEMÓRIA HISTÓRICA, VISUAL E PAISAGÍSTICA DO BAIRRO EDUCANDOS, MANAUS/AM.

**Pesquisador:** CALINA RAMOS DE BRITO SOUTO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 46667121.6.0000.5016

**Instituição Proponente:** Escola Superior de Artes e Turismo

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.878.026

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MANAUS, 01 de Agosto de 2021

Assinado por:  
**ELIELZA GUERREIRO MENEZES**  
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Carvalho Leal, 1777  
 Bairro: chapada CEP: 69.050-030  
 UF: AM Município: MANAUS  
 Telefone: (92)3878-4368 Fax: (92)3878-4368 E-mail: cep.uea@gmail.com



## REFERÊNCIAS

- AMAZONAS, Claudio. **Memórias do Alto da Bela Vista**: Roteiro sentimental de Educandos. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1996.
- ARAÚJO, Elizangela Francisca Sena. **Os impactos arquitetônicos e urbanísticos do programa PROSAMIM na paisagem de Manaus**. Dissertação de mestrado em sociedade e cultura da Amazônia. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011.
- AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1938.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva S.A, 2014.20 set. 2020.
- CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- COSTA, Deusa. **Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana: Trabalhadores de Manaus (1890-1915)**. Manaus: Valer e Fapeam, 2014.
- CORÁ, Maria Amélia Junduriam. Debates e usos das culturas. In: CORÁ, Maria Amélia Junduriam. **Do material ao Imaterial: Patrimônios culturais do Brasil**. São Paulo: Educ, 2014. P.35-68.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920**. Manaus: Valer, 1999.
- DUARTE, Durango Martins. **Manaus, entre o passado e o presente**. 1º ed. Manaus: Mídia Ponto Comm, 2009. 268p.
- ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. Lisboa: Temas e Debates: Actividades Editoriais, 2000.
- GROBE, Cristiana Maria Petersen. **Manaus e seus igarapés: A construção da cidade e representações (1880-1915)**. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2014.
- HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- JÚNIOR, Waldemir Rodrigues Costa; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **De Eduardo para Eduardo: A cidade sobre os igarapés**. Revista Eletrônica Abaré. Manaus, Amazonas, 2010.
- LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 2014
- LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora34, 1994.
- LE GOFF, Jaques. **Por amor às cidades**. UNESP, São Paulo, 1998.
- LIMA, Natália Dias de Casado. A Belle Époque: Transformações urbanas, moda e influências no Rio de Janeiro. In: ANAIS DO XXIV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SP, 2018, Guarulhos. **História e Democracia: precisamos falar sobre isso**, Unifesp, 2018. p. 1-15. Disponível

em: [https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1530193939\\_ARQUIVO\\_artigo.pdf](https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1530193939_ARQUIVO_artigo.pdf). Acesso em: 14 fev. 2022.

LOURO, Francisca de Lourdes Souza. Geografando a cidade de Manaus em Três romances de Milton Hatoum. In: LOURO, Francisca de Lourdes Souza et al. **Manaus de dois rios, gentes e matas:** literatura e geografia dos sentimentos. Rio de Janeiro: Letra Capital.

MESQUITA, Otoni. **Manaus história e arquitetura: 1669 – 1915.** Manaus: Valer, 2019.

MEDEIROS, Juliene Porto Cruz de. **Ler a cidade:** o rio de janeiro na obra de lima barreto. 2020. 288 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2020

MOTTAIS, Pe. Pedro. **Decreto de instalação da Nova Freguesia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.** (Cópia do documento datilografado, parte do acervo da autora). [s. ed.], Manaus, 1941.

NOGUEIRA, Edileuza de Melo; KUCK, Tahisa Neitzel; PARISE, Marcelo. **Caracterização hidromorfológica da Bacia do Igarapé do Educandos e a correlação com registros de ocorrências da Defesa Civil, XVII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto – SBSR,** João Pessoa, p. 5297 – 5304, abril, 2015.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História:** a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, v. 10, p. 07-28, Julho, 1993.

OLIVEIRA, José Aldemir de; ALECRIM, José Duarte; GASNIER, Thierry Ray Jehlen (Org.). **Cidade de Manaus: visões interdisciplinares.** Manaus: Edua, 2003. Cap. 5. p. 151-180.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da cidade:** visões literárias do urbano. Visões Literárias do Urbano. Porto Alegre: Universidade/ufrgs, 1999.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 3-15, 1989.

SOUZA, Leno José Barata. **Manaus: da “Zirma” dos viajantes a “Maurília” dos historiadores.** Revista Cordis, São Paulo, v.1. p.1-24, 2008.

SOUZA, Leno José Barata. **Manaus Flutuante:** Uma Manaus sobre as Águas (1920-1967). Dissertação de Doutorado em História Social. São Paulo: Universidade Católica de São Paulo, 2010.

SILVA, Patrícia Rodrigues da. **Disputando espaços, Construindo sentidos:** Vivências, trabalhos e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/AM – 1967 - 2010). Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

SANTIAGO, Andréia Carla Rossy de Sally. **Espacialização da Criminalidade:** Um estudo sobre a relação entre densidade demográfica e violência em Manaus, AM. Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade do Amazonas, Manaus, 2016.

SANTOS, Tatiana de Lima Pedrosa. Lugares de nossas memórias: a baratinha. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **LUGARES DOS NOVOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS.** Florianópolis: Anpuh, 2015. p. 1-11. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945016\\_0f381ee83425cfb92c8d4d8dc66f35fb.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945016_0f381ee83425cfb92c8d4d8dc66f35fb.pdf). Acesso em: 14 fev. 2022.

VALLE, Arthemisia de Souza; OLIVEIRA, José Aldemir de (Org.). A cidade de Manaus: análise da produção do espaço urbano a partir dos igarapés. In: OLIVEIRA, José Aldemir de; ALECRIM, José

Duarte; GASNIER, Thierry Ray Jehlen (Org.). **Cidade de Manaus: visões interdisciplinares**. Manaus: Edua, 2003. Cap. 5. p. 151-180.

VILLANOVA, Simone. Entre a barbarie e a civilização: o teatro de palha na visão do viajante robert ave-lallemant. In: CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz de; NORONHA, Nelson Matos de (org.). **A Amazônia dos viajantes**. Manaus: Edua, 2011. p. 105-123.

VELLOSO, Rui (org.). **Projeto GEO cidades: relatório ambiental urbano integrado**. Manaus: Consórcio Parceria 21, 2002.

## FONTES DIGITAIS

A “EXÓTICA” cidade flutuante de Manaus, 2016. Disponível em: <<http://idd.org.br/acervo/exotica-cidade-flutuante-de-manaus2/>>. Acesso em: 26 jul. 2017.ital, 2019. p. 13-84

G1 AMAZONAS. **Incêndio no Educandos é o segundo maior da história do Amazonas, afirma Defesa Civil**. Manaus, 18 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2018/12/18/incendio-no-educandos-e-o-segundo-maior-do-amazonas-afirma-defesa-civil.ghtml>. Acesso em: 07 jan. 2021.

AMAZONAS ATUAL. **Indenizações a vítimas de incêndio em Educandos somam R\$ 11,3 milhões**. Manaus, 28 de maio de 2020. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/indenizacoes-a-vitimas-de-incendio-em-educandos-somam-r-113-milhoes>. Acesso em: 06 jan. 2021.

BARATO, Romullo; Milton Hatoum: Espaço e Literatura. 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/787358/milton-hatoum-espaco-e-literatura>. Acesso em: 20 set. 2020.

FERREIRA, Evaldo. Vitória, início, meio e fim. **Jornal do Commercio**. Manaus. 07 de Maio 2021. Disponível em: <https://www.jcam.com.br/noticias/vitoria-inicio-meio-e-fim/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

G1 AMAZONAS. **Um ano após incêndio no Educandos em Manaus, famílias ainda relatam traumas**. Manaus, 17 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/12/17/um-apos-apos-incendio-no-educandos-em-manaus-familias-ainda-relatam-traumas.ghtml>. Acesso em: 07 jan. 2021.

JORNAL DO COMMERCIO. **Manaus 336 anos: bairros contam histórias**. Manaus, outubro de 2005.

JORNAL DO COMEMERCIO. **A Dimensão da Ponte o sonho de Educandos**. Manaus, outubro de 1975.

JORNAL DA CIDADE. **Estamos falando da Ponte do Educandos**. Manaus, novembro de 1973.

JUNIOR, Waldick. **Praia da Ponta Branca e os relatos de um paraíso perdido em Manaus**. Jornal Em Tempo. Manaus, Abr. 2021. Disponível em: <https://emtempo.com.br/amazonas/300263/praia-da-ponta-branca-e-os-relatos-de-um-paraíso-perdido-em-manaus?d=1>. Acesso em: 12 jan. 2022.

NUNES, Paulo André. Patrimônio Imaterial, carnaval do Educandos ganha novo local: Avenida Lourenço Braga. **Jornal Acrítica**. Manaus, s/p. fev. 2019. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/especiais/news/patrimonio-imaterial-carnaval-de-educandos-ganha-novo-endereco-este-ano>. Acesso em: 12 jan. 2022.

OBSERVATORIO METROPOLES. **A crise hídrica e a privatização da água em Campina Grande**. Paraíba, 11 novembro de 2017. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/crise-hidrica-e-privatizacao-da-agua-em-campina-grande/>

WEISSHEIMER, Maria Regina (Org.). **Paisagem Cultural**. Livreto (material digital). Brasília: DEPAM/IPHAN, 2009.

### **Entrevistas**

AMAZONAS, Claudio. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 28 de outubro de 2021.

AMAZONAS, Erasmo. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 29 de outubro de 2021.

ARAÚJO, Maria Auxiliadora Rocha de. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 02 de outubro de 2021.

BARBOSA, Pedro Afonso. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 08 de fevereiro de 2022.

CARDOSO, Gil Eanes. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 04 de outubro de 2021.

CRUZ, Adelacy. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 22 de novembro de 2021.

CASTRO, Cleoberto Lopes. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 13 de outubro de 2021.

LIRA, Idanilda S. de. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 22 de novembro de 2021.

LIRA, Wathson Nogueira de. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 22 de novembro de 2021.

LOMAR, Hedy. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 28 de outubro de 2021.

MILONE, Walter. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 04 de outubro de 2021.

MESQUITA, Otoni. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 08 de fevereiro de 2022.

NILSE, Maria. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 28 de outubro de 2021.

ROCHA, Joana D'arc. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 22 de novembro de 2021.

ROCHA, Maria Nazaré Cunha. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 22 de novembro de 2021.

SILVA, Maria de Fátima Pereira da. Entrevista concedida a Calina Ramos de Brito Souto. Manaus, 22 de novembro de 2021.